

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Josué Rodrigues Frizon

PELA VOZ DE ZULMIRA PORTELLA DE MENEZES, PELAS MÃOS DE
MANOEL DE ARAÚJO SCHELL: HISTÓRIAS DO TOPE ESCRITAS POR
UM PROFESSOR

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS LITERÁRIOS APLICADOS

PELA VOZ DE ZULMIRA PORTELLA DE MENEZES, PELAS MÃOS DE MANOEL DE
ARAÚJO SCHELL: HISTÓRIAS DO TOPE ESCRITAS POR UM PROFESSOR

Josué Rodrigues Frizon

Tese de doutorado apresentada ao colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito final para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Dr. Luís Augusto Fischer.

Porto Alegre

2022

Josué Rodrigues Frizon

PELA VOZ DE ZULMIRA PORTELLA DE MENEZES, PELAS MÃOS DE MANOEL DE
ARAÚJO SCHELL: HISTÓRIAS DO TOPE ESCRITAS POR UM PROFESSOR

Tese de doutorado apresentada ao colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito final para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Dr. Luís Augusto Fischer.

Porto Alegre, junho de 2022.

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Terciane Ângela Luchese
Programa de Pós-Graduação em História
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Dra. Carla Simone Rodeghero
Departamento de História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Dr. Paulo Coimbra Guedes
Instituto de Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

CIP - Catalogação na Publicação

Frizon, Josué Rodrigues
Pela voz de Zulmira Portella de Menezes, pelas mãos
de Manoel Araújo Schell: histórias do Tope escritas
por um professor / Josué Rodrigues Frizon. -- 2022.
130 f.
Orientador: Luís Augusto Fischer.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Oralidade. 2. Memórias. 3. Escrita. 4.
Professor. 5. Escola. I. Fischer, Luís Augusto,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Dr. Luís Augusto Fischer, por acreditar em meu trabalho, pelo incentivo e carinho em todos os momentos, principalmente quando pensei que não mais seria possível finalizar esta minha escrita.

À professora Dr^a Tania Rösing pelo exemplo e incentivo em todos os momentos.

Aos professores Paulo Coimbra Guedes e Terciane Luchese, pelas suas valorosas contribuições no andamento deste trabalho.

À professora Carla Simone Rodeghero, minha conterrânea, pelos ouvidos e olhar atento e sensível.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e às políticas públicas me permitiram cursar graduação e mestrado para agora finalizar o doutorado.

Aos meus pais, Lírio e Odete, ao meu irmão Jarbas e à minha cunhada Mônica.

Ao Humberto, pelo companheirismo incondicional. Ao Celso, ao Evandro, ao Andre, ao Francisco e à Leda, à Isabel, à Nizalva, ao Valnikson, ao Bruno, à Ana Claudia e Anelise, à Andréia, à Inólia, ao Gilmar, ao Luis Fernando e Ana Carla, ao Ezequiel, ao Augusto, ao Jorge e ao Diego.

Ao Tope e seu povo, lugar que me viu crescer e que, com orgulho, homenageio na escrita desta tese.

À minha avó, Zulmira Portella de Menezes, e suas amigas Joana Barboza, Amélia dos Santos Schell, Ana Frida Wilcler de Britto.

Ao professor Manoel de Araújo Schell, cujo centenário de morte é lembrado em 2022, e cuja escrita e história busquei eternizar neste trabalho.

RESUMO

Este texto tem como objetivo narrar a trajetória de seu autor na busca por desvendar, inicialmente, a biografia de sua avó adotiva, Zulmira Portella de Menezes, ouvindo vozes de anciãos da comunidade na qual cresceu e ainda vive. Também, lançou-se à busca por conhecer um pouco a respeito da vida e do legado deixado por Manoel de Araújo Schell, primeiro professor de sua localidade. Além disso, buscou-se narrar histórias que denotam o processo de formação e ocupação do então povoado denominado Tope. Para tanto, utilizou-se de conversas e entrevistas informais, realizadas há mais de 10 anos, anotações, memórias coletivas e particulares, cadernos, livros, e diários fragmentados do referido professor, bem como fotografias e objetos antigos. Nesse processo, delineou-se a tese que apresenta a seguinte estrutura: o primeiro capítulo trata a respeito de como o autor, tendo em mãos uma caixa de memórias, que pertenceu a sua avó, passa a conversar com velhas senhoras, a fim de saber mais sobre a vida dela e do povoado. Do mesmo modo, apresenta o surgimento de um acervo de memórias e objetos que ajudam a contar histórias de vida dos habitantes do lugar onde reside. No segundo capítulo, além de narrativas de ordem ficcional, são tecidos comentários a respeito das primeiras famílias, construções, manifestações religiosas, como a passagem do monge João Maria de Agostini e o Combate ligado a Revolução Federalista de 1893. Já no terceiro capítulo enfatiza-se a vida e a escola do professor Manoel de Araújo Schell, bem como os seus diários e acervo bibliográfico. No que diz respeito ao quarto capítulo, traz-se narrativas sobrenaturais e de conhecimento dos moradores, envolvendo dois lugares estratégicos que são um capão de mato e um capão de jabuticaba. Ainda nesse mesmo capítulo, busca-se descrever a localidade do Tope, mais antigo núcleo populacional de Marau-RS, no que tange às suas transformações geográficas, sociais e culturais, explicitando a vida dos moradores que no local permanecem. Por fim, no quinto capítulo, são tecidas reflexões sobre o processo de pesquisa, a necessidade de registro das memórias ora colhidas, bem como a respeito da importância da memória coletiva, a fim de garantir que a história seja lembrada não só oralmente, mas também por meio da escrita.

Palavras-chave: Oralidade, Memórias, Escrita, Professor, Escola.

RESUMEN

Este texto pretende narrar la trayectoria de su autor en la búsqueda por desentrañar, inicialmente, labiografía de su abuela adoptiva, Zulmira Portella de Menezes, escuchando las voces de los ancianos de la comunidad en la que creció y aún vive. Además, se embarcó en la búsqueda de conocer un poco sobre la vida y el legado dejado por Manoel de Araújo Schell, el primer profesor de su localidad. Además, se buscó narrar historias que denotaran el proceso de formación y ocupación del entonces pueblo denominado Tope. Para ello se utilizaron conversaciones informales y entrevistas realizadas hace más de 10 años, apuntes, memorias colectivas y privadas, cuadernos, libros y diarios fragmentados del mencionado maestro, así como fotografías y objetos antiguos. En este proceso se planteó la presente tesis, la cual tiene la siguiente estructura: el primer capítulo trata de cómo el autor, teniendo en sus manos una caja de recuerdos, que perteneció a su abuela, comienza a hablar con ancianas para saber más sobre su vida y la del pueblo. Así mismo, presenta el surgimiento de una colección de recuerdos y objetos que ayudan a contar historias de vida de los habitantes del lugar donde vive. En el segundo capítulo, además de narraciones ficticias, se comentan las primeras familias, edificios, manifestaciones religiosas, como el paso del monje João Maria de Agostini y el Combate vinculado a la Revolución Federalista de 1893. El capítulo tercero destaca la vida y escuela del profesor Manoel de Araújo Schell, así como sus diarios y acervo bibliográfico. Con respecto al capítulo cuarto, se presentan narraciones sobrenaturales y saberes de los habitantes, involucrando dos lugares estratégicos que son un “capão” de mato y un “capão” de jabuticaba. Aún en el mismo capítulo, buscamos describir la localidad de Tope, el núcleo de población más antiguo de Marau-RS, en términos de sus transformaciones geográficas, sociales y culturales, explicando la vida de los habitantes que permanecen en el lugar. Finalmente, en el capítulo quinto, se hacen reflexiones sobre el proceso de investigación, la necesidad de registrar las memorias recolectadas, así como la importancia de la memoria colectiva, para lograr que la historia sea recordada no solo de forma oral, sino también por medio de la escritura.

Palabras llave: Oralidad, Memorias, Escritura, Maestro, Escuela.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01: moradores do Tope, em procissão na Sexta-feira Santa, em 2019	11
Figura 02: Zulmira Portella de Menezes, em meados de 1920.....	18
Figura 03: imagem de Nossa Senhora de Montserrat	20
Figura 04: Josué Rodrigues Frizon e Zulmira Portella de Menezes, em celebração religiosa, no ano de 1990 ...	23
Figura 05: árvores de açoita-cavalo, no lugar descrito nos parágrafos anteriores	26
Figura 06: fragmentos da cartinha de Nenêca	28
Figura 07: Josué e a caixa de lata enferrujada que pertenceu à sua avó	29
Figura 08: fragmentos da carta transcrita anteriormente	30
Figura 09: morador do Tope, descendente da família Reveilleau	32
Figura 10: livro utilizado por Amélia dos Santos Schell nos primeiros anos de escola	38
Figura 11: objetos reunidos em acervo.....	40
Figura 12: retrato de um acervo de memórias em construção, no Tope	44
Figura 13: vista das coxilhas do Tope	45
Figura 14: foto pertencente à família Reveilleau, moradores do Tope, cujos nomes são ignorados	54
Figura 15: família desconhecida. A fotografia faz parte do acervo de Zulmira Portella de Menezes	56
Figura 16: Antônio Reveilleau, neto de Alexandre	58
Figura 17: casa da família Reveilleau.....	59
Figura 18: casa da família Aguirre	60
Figura 19: o alemão Rodolpho Becker, um dos primeiros imigrantes a chegar ao Tope	62
Figura 20: 1ª casa de alvenaria, construída por Rodolpho Becker, no território de Marau	63
Figura 21: documento emitido no cartório do Tope, firmado pelo escrivão Manoel Joaquim de Carvalho.....	66
Figura 22: monge João Maria, em foto que pertenceu à Leopoldina Alves Rodrigues	68
Figura 23: convite para inauguração da penúltima igreja a ser construída no Tope, em 1956	70
Figura 24: um dos túmulos do antigo cemitério. Está à direita de quem entra, logo no início	73
Figura 25: convite mencionado anteriormente	80
Figura 26: réplica da 1ª Bandeira do Divino do povoado.....	81
Figura 27: professor Manoel de Araújo Schell.....	85
Figura 28: fotografia de Manoel, sua esposa Amantina e a filha Maria de Jesus, e dedicatória.....	89
Figura 29: fotografia de Manoel, sua esposa Amantina e a filha Maria de Jesus, e dedicatória.....	89
Figura 30: Cassilda de Jesus Soares Schell	90
Figura 31: o filho Jorge Severo Schell, fruto do 1º casamento do professor	90
Figura 32: descendentes da família Schell e amigos em festa de casamento, no Tope	91
Figura 33: termo de abertura do Caderno de chamada do professor Maneco.....	93
Figura 34: assinatura do professor Manoel de Araújo Schell	101
Figura 35: imagem dos velhos anuários de onde se pode transcrever os registros do professor Maneco.....	103
Figura 36: diário fragmentado do professor	106
Figura 37: fotos de alguns dos livros que pertenceram ao professor	108
Figura 38: fotos dos livros didáticos usados por Manoel	109
Figura 39: vista atual do Tope	117
Figura 40: convite para baile no Tope	120
Figura 41: músicos desconhecidos, possivelmente em festa na região do Tope	120
Figura 42: registro artístico da leitura de uma carta do passado	123

SUMÁRIO

1. UM PROFESSOR E ESCRITAS DE SUA TERRA	9
1.1 A CAIXA ENFERRUJADA E SUAS MEMÓRIAS	14
1.2 OS VELHOS, MEUS AMIGOS E SUAS LEMBRANÇAS	33
1.3 OS ITENS DE UM ACERVO EM CONSTRUÇÃO.....	39
2. O ANTIGO POVOADO DO TOPE: TERRA ONDE HABITA DEUS	45
2.1 ORIGENS DE UM CAMINHO QUE LEVA A MUITOS LUGARES	51
2.2 PRIMEIRAS FAMÍLIAS, CONSTRUÇÕES E SUAS HISTÓRIAS	54
2.3 AS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS.....	66
2.4 MEMÓRIAS SANGRENTAS: A REVOLUÇÃO FEDERALISTA E O COMBATE DE TRÊS PASSOS	78
3. EM BUSCA DO PROFESSOR MANECO SCHELL.....	82
3.1 AS ORIGENS DO PROFESSOR MANOEL DE ARAÚJO SCHELL	87
3.2 UMA ESCOLA SÓ PARA MENINOS	91
3.3 OS DIÁRIOS FRAGMENTADOS DO PROFESSOR MANECO	102
3.4 AS LEITURAS DE UM PROFESSOR E SUA PARTICIPAÇÃO NA COMUNIDADE RURAL	107
4. MEMÓRIAS DO TOPE ANTIGO: DO CAPÃO REDONDO AO CAPÃO DE JABUTICABA	112
4.1 O CAPÃO REDONDO... ..	112
4.2 O CAPÃO DE JABUTICABA... ..	114
4.3 O TOPE HOJE: O QUE RESTOU DISSO TUDO?	117
5. OUVIR, REGISTRAR E LER: O PASSADO PARA CONTAR E AS REFLEXÕES DE UM PROFESSOR.....	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128

1. UM PROFESSOR E ESCRITAS DE SUA TERRA

Em resumo, trata-se de recompor uma vida a partir de elementos inicialmente dispersos, escrevendo sobre o ignorado [...] Este raciocínio sobre o desaparecimento visa a fazer existir uma segunda vez um sujeito do qual a lembrança foi esquecida [...] Trata-se de recriar, de lhe oferecer uma segunda chance – tão sólida no imediato de entrar na memória de um século¹.

“Três horas da tarde”. Esse é o horário marcado para todos se encontrarem em frente ao cemitério. Dali, do Campo Santo, seguiremos a pé, como de costume.

Antes do início da celebração, alguns foram procurar túmulos de seus antepassados, outros aguardam no portão de entrada. Paro em frente à sepultura de minha avó, localizada à esquerda, uma das primeiras que pode ser avistada da estrada e da bodega do Seu João. Após, caminho entre os mais antigos, “converso com amigos” e vou até a carneira do Pedro: “Aqui descansam os restos mortaes de Pedro Aguirre Filho, N. A. 9 junho 1866, F. A. 21 novembro 1894”. Ele era filho de um imigrante francês, chegado ao Tope por volta de 1860, e me falaram que morreu queimado, dentro de sua casa.

É nesse momento que alguém me chama e pergunta: “Como está o livro do Tope?” Digo que estou escrevendo ainda, e que “logo” sairá. Quando me encontro com moradores, é difícil escapar do questionamento. Eles sabem, e eu sei, que fiz uma promessa, um compromisso não só com eles, mas com a memória de muitos de seus ancestrais, cujos corpos estão sepultados neste cemitério.

O relógio marca exatamente quinze horas. Dona Anita conclama os moradores para a cerimônia de caminhada. Faz-se o sinal da cruz e iniciamos as dezenas do terço. A passos calmos, saímos do centenário cemitério, o mais antigo do município de Marau, e nos dirigimos à capela Nossa Senhora da Conceição, do Tope.

Pelo caminho, algumas mulheres e crianças vão à frente, e os homens acompanham logo atrás. Eu sigo de cabeça baixa, rezando e meditando as palavras que vamos proferindo.

As rezas são acompanhadas por alguns cantos: “No mais alto do Calvário, morreu nosso bom Jesus...” ou ainda “O povo de Deus no deserto andava, mas na sua frente, alguém caminhava...”. Penso, neste momento, que o povo do Tope já viveu entre sorrisos, brigas e batalhas, carreiradas e bailes de candeeiro, orações e adagas...

Nos aproximamos da sede da comunidade. Logo saímos da estrada, e passamos a caminhar por um gramado verde e limpo. Ali, ao dar os primeiros passos, olho atentamente

¹Corbin, em sua obra *Le Monde Retrouvé de Louis-François Pinagot Sur Les Traces D`um Inconnu 1789-1876*, (2008, p. 12).

para o chão a fim de verificar as pedras, praticamente escondidas, que foram alicerces na construção da primeira igreja, que já existia por volta de 1880.

Me pergunto se meus amigos, se meus compadres, se meus vizinhos, se as pessoas que estão caminhando ao meu lado sabem que acabamos de pisar no local onde foi, um dia, há mais de um século e meio, construído com tijolos, barro e pedras, aquele primeiro templo. Antes dele, estava situada a casa e a escola do professor Manoel de Araújo Schell, jovem viúvo que foi mandado ao Tope para ensinar a meninos, filhos de imigrantes e de caboclos. Certamente alguns não sabem e, talvez, só saberão mais tarde. Eu sei, porque o seu Adair Schell (neto do velho professor) me contou, e lembro também das palavras de minha avó. “Eu ia com a minha mãe e as minhas ‘ermãs’. Era uma igreja grande. Havia um lugar destinado às moças que cantavam nas celebrações, todas com véu branco na cabeça, ficavam no lugar mais alto, o lugar mais perto de Deus”. Este espaço ao qual minha avó se referia é chamado de “coro” na arquitetura sacra.

Nos aproximamos da capela. Alguém toca o antigo sino. Na frente, com o Santíssimo, juntam-se à Dona Anita Bráz, Dona Marli Gehlen e Dona Loreci Soares Schell. São as três ministras da Eucaristia. Ao vê-las adentrar a igreja com o povo atrás, fico emocionado, e lembro da Dona Velci Gehring de Almeida (casada com Valdelírio de Almeida, o “Xirú”, bisneta de um alemão de nome Rodolpho, fiel companheira das demais e que faleceu há alguns anos).

Mulheres sentam de um lado, homens colocam-se no outro. Este é um costume típico das capelas das comunidades da redondeza e, quando ocorre de alguém burlar tal “regra”, os olhares voltam-se para a pessoa, em tom ora de desaprovação, ora de curiosidade. Mas também, se é desconhecido, pode bem ser algum desavisado que vem da cidade e não conhece os nossos costumes. O fato é que, neste dia, os bancos de madeira ainda ficam cheios de descendentes de imigrantes de diversas nações.

Finalizamos o terço, uma das ministras menciona como será a celebração. Ao final, todos devem colocar-se em fila para beijar o crucifixo. É Sexta-Feira Santa, “devemos nos resguardar”.

Após o momento de oração, me aproximo da imagem do Menino Jesus, protegida por uma redoma de vidro. Percebo que o santinho possui algumas camadas de tintas. Certamente não está na cor original. Será mesmo talhado em madeira? Preciso tirá-lo da urna e descobrir um dia...



Figura 01: moradores do Tope, em procissão na Sexta-feira Santa, em 2019.

A antiga comunidade do Tope tem muita história para contar. Bem! É fato que todos os lugares têm, assim como todas as pessoas, e tudo que existe ou que um dia tenha existido. Mas, neste caso, estou falando do meu lugar. E falar (o que não deixa de ser uma escrita) do seu próprio lugar nem sempre é fácil, pois somos carregados de emoções, de sentimentalismos que às vezes nos cegam diante da realidade, e nos fazem, em muitos momentos, mesmo que inconscientemente, romantizar uma história, uma personagem ou um local.

Não sei exatamente como e porque tudo aconteceu, e continua acontecendo, mas documentos, imagens e histórias chegaram às minhas mãos nos últimos anos. Muitas pessoas vieram falar comigo, para contar algo ou pedir informações. As narrativas se cruzaram – continuam se cruzando – e conheci um pouco de muitas histórias de vida. Em outros momentos, algumas pessoas curiosas, e até mesmo mal intencionadas, me procuraram, o que fez com que meu trabalho de investigação e narração tenha parado quase por completo. Mas, chegou o dia em que retomei a escrita e decidi contar tudo.

Tudo, tudo não! Assim, registro nestas páginas somente o que, dentro de minhas percepções e valores éticos, escolho contar. Neste recorte que decido não apresentar, vou deixar guardadas determinadas situações dolorosas, e até de certo melindre para algumas

peessoas, tais como assassinatos, brigas, crimes, dentre outros fatos, e seus envolvidos. Certa vez, já chateado com conversas sobre aquilo que eu sabia, disse: “Deixem em paz os nossos mortos!”. Pois agora, no ato da escrita, também deixo em paz alguns mortos e algumas histórias. Procurem-me amanhã, quando eu já estiver com mais idade, e não tenha razões para deixar de falar tudo aquilo que penso. Por ora, estou apenas começando.

A vida humana pode ser inevitavelmente permeada por folclore, lendas, causos, imaginação, memórias, fatos extraordinários. E isso ocorre com determinada intensidade em uma localidade que faz divisa entre o campo e a serra, e que também se dividiu quanto a sua estruturação social, recebendo imigrantes e enviando emigrantes a lugares diversos. Sendo assim, os habitantes do Tope vivem até hoje de modo particular, em que as pessoas parecem caminhar num ritmo mais tranquilo, despreocupado, a exemplo do que pode ser observado em comunidades com traços de maior miscigenação, especialmente aquelas que contavam com indígenas e portugueses, pois estes povos não tinham a mesma preocupação produtiva e industrial que apresentavam os imigrantes que passaram a chegar ao Brasil no século XIX.

Seja lá como for interpretada esta conversa, e deem a esse texto a denominação que escolherem, como filho da terra, desejo que vocês, leitores, atentem aos detalhes do que vou lhes contar. Aos moradores, meus vizinhos, seus descendentes e outros interessados, digo que este trabalho pode servir para percebermos um pouco mais a importância do nosso passado. Também desejo que, pelas minhas palavras, ecoem as vozes do Manoel, do Alexandre, do Saturnino, do Rodolpho, do Francisco, do Luiz, e de tantos outros que aqui se estabeleceram. Deixo no silêncio personagens cujas histórias e nomes não chegaram até mim, e que por isso me restam impossíveis de serem acessadas pela simples narração dos meus conterrâneos; alguns de seus ecos, todavia, poderão ser sentidos pela observação de aspectos comuns à sociedade.

Dito isto, quero lembrar que sou apenas um estafeta, agente de correios, morador do Tope, que entregava correspondências a cavalo, de Passo Fundo a Soledade, numa das primeiras linhas de correio da região, no início do século XX, tal como o falecido Alípio Soares o foi. Carrego no lombo do cavalo algumas correspondências para vocês, leitores. Anseio que estejam me esperando, e que eu traga boas notícias. São notícias do Tope, da Soledade, do Rio Pardo, do Passo Fundo ou de Cruz Alta: “abram” e leiam estas correspondências.

Por muito tempo venho guardando lembranças, documentos, pequenas investigações e objetos sobre este lugar; eis que agora, já decorridos alguns anos do dia em que aconteceu, e que vou contar nas páginas que seguem, apresento histórias sobre a velha querência do Tope.

Não tenho a pretensão de fazer com que esse material se constitua em uma pesquisa de ordem histórica. Meu desejo é, e sempre será, resgatar as memórias de minha avó, de suas amigas, amigos, e de outros anciãos da nossa comunidade. Por isso, não é possível, nem é minha intencionalidade, classificar esse trabalho como histórico, literário, caderno de anotações ou qualquer outro tipo específico de texto. Quero, entre outros aspectos, que minha escrita contribua para recordar, talvez emocionar e, acima de tudo, gerar uma maior valorização do nosso lugar. Afinal, como muitos dizem: “foi aqui que tudo começou”. Essa fala, às vezes, chega a ser curiosa quando da imaginação de alguns ex-moradores, e até dos atuais, pois já ouvi dizerem: “aqui era pra ser Porto Alegre; depois era pra ser Passo Fundo. Depois, poderia ter sido Marau”. Em certa ocasião, ao escutar isso, fiz o seguinte questionamento: “E por que não foi? Por que não se tornou uma cidade grande?” Ao que me responderam: “Não temos um rio. Como teria água para uma grande cidade?”.

Na tessitura deste texto, toda vez que me referir a “nosso lugar”, saibam que falo também por todos aqueles que aqui nasceram, cresceram, constituíram família, envelheceram e morreram; pelos seus descendentes e pelos que, na localidade, passaram pelo menos uma parte de suas vidas. Muitos dos quais só voltaram depois de mortos, para serem sepultados no cemitério, pois este é um pedido frequente entre os que têm origens na localidade. “As minhas raízes estão lá”. Isso ocorre, entre outros aspectos, em virtude da saudade que nutrem pelo local.

Essa escrita é uma tentativa de ser a voz dos que, assim como eu, amaram e amam esse lugar plano e alto, onde o vento sopra contínuo, numa lembrança do que disse Bibiana em *O tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo. Se no local viveram quando se denominava Terra do Divino, Restinga ou Tope, isso talvez não faça total diferença em meus relatos. O importante é que todos somos parte disso.

Perdoem-me a ignorância sobre alguns acontecimentos e, sobretudo, a demora em escrever. Apesar de ter consciência de que minha escrita nunca abarcará a história como um todo, pensamento que seria tolice de minha parte, espero que esse texto possa reavivar memórias de cada um dos que por estas páginas passarem.

A história do Tope não é uma ilha, pois, assim como tantas vivências humanas, se reproduz em outros rincões, em outras terras, em outros momentos pela vida afora, ao mesmo tempo em que é única para nós, seus habitantes.

Em recordação de Zulmira Portella de Menezes, minha avó adotiva².

²Segundo o Dicionário Aurélio, adotiva significa “Escolhida; aquela que foi alvo de preferência”.

1.1 A CAIXA ENFERRUJADA E SUAS MEMÓRIAS

Acordo cedo, abro a janela do meu quarto onde, na direção em que o sol nasce, é possível visualizar parte do campo.

Mas o sol não nasceu ainda, e talvez não nasça, renunciando chuva ou mau agouro. Está escuro, com muitas nuvens no céu. Não é um dia bom e quem sabe eu confirme isso algumas horas mais tarde. Meu irmão acorda logo em seguida, já salta da cama para tomar café e depois ajudar o pai a dar comida para os cavalos e para o restante da bicharada.

Tomo coragem para sair do quarto e, nem bem coloco os pés no corredor, ouço o ruído do motor de um carro chegando. Meu coração acelera, pois desconfio o que tenha acontecido. Na sequência, corro para uma das janelas da cozinha e visualizo a Kombi da Prefeitura. Não temos ainda telefone e minha mãe combinou com o hospital que, caso acontecesse algo com minha avó, eles ligariam para a Prefeitura de Nicolau Vergueiro e pediriam que nos comunicassem.

Fico olhando atentamente pela janela, o motorista estaciona bem perto da nossa casa, a mãe, que acaba de chegar com o balde de leite há pouco ordenhado, já está lá fora, e imagino o que ele vai dizer a ela. “Sim, infelizmente aconteceu. Nos avisaram agora cedo. Sinto muito, Dona Odete.” O motorista se despede e diz que a prefeitura está à disposição caso precisem de alguma coisa. Eu saio na porta e corro para os braços da mãe. Ela não perde tempo. Me acaricia e logo manda chamar a vizinha. “A mãe me mandou aqui avisar que a vó morreu! E pediu se a senhora pode ir com ela e com o pai para Marau. Eles vão buscar a vó para o velório”.

Começam a cair as primeiras gotas de chuva. Minha prima, que mora conosco, fica com meu irmão, que já voltou do galpão junto com o pai. A mãe me explica que será preciso que eu fique na capela do Tope esperando eles voltarem e, “seja forte”. (Em minha imaginação lembro da expressão que ouvi muitas vezes: “homem não chora”). Talvez eu não deva chorar, para demonstrar firmeza. Não há muitos carros na redondeza. As estradas são difíceis de andar, e será complicado, nessa correria, alguém me buscar para ir ver a vó. Em minha cabeça de pré-adolescente, com 12 anos, em 1997, fico imaginando como será o velório. Recordo-me como se fosse hoje, mesmo tendo eu agora 37 anos de idade.

Aliás, os velórios sempre me chamam muito a atenção. Nunca tive problema algum em acompanhar os meus pais nas cerimônias de despedida de vizinhos, ou parentes nossos. Mas, será que vão levar flores? Quem vai escrever a história dela para ler na missa? Como todos os vizinhos saberão a tempo para poder se despedir?

A vizinha chega apressada e prestativa, como sempre. Embarcamos na veraneio e a estrada realmente está embarrada. Tomara Deus tudo dê certo, e que não atole no meio do caminho. Em frente à casa da Dona Loreci e do Seu Adair, o pai estaciona o carro. A mãe desce comigo e explica para eles o ocorrido. Ela pede que eu fique ali. Eles voltarão o mais breve possível. Como minha mãe já tinha escolhido um caixão, tendo em vista que a vó estava doente há alguns meses e todos sabiam que ela “não duraria muito”, será um pouco mais fácil agilizar tudo para que eles voltem rápido. Colocarão um aviso na rádio, mas precisam da ajuda dos vizinhos para que uns avisem aos outros.

Meus pais e a vizinha saem, e a mulher do Seu Adair me chama para dentro de casa, uma casa pintada de verde, com janelas marrons, rodeada de cinamomos, pés de camélia e azaléias. Ela me oferece nega maluca e uma xícara de café. Estou firme. A mãe havia me dito que era preciso ser forte e que ela, a vó, tinha descansado. A imagem de minha avó na cama, gemendo de dor, realmente me faz pensar que ela descansou agora, e que por isso eu deveria entender que chegou a sua hora. Eu mesmo, junto com o pai e a mãe, fui a velórios de tantas amigas dela que partiram muito antes. Mas, claro que esse pedaço de bolo com café tem um gosto diferente, que talvez no momento eu não possa explicar. Estava com fome, é verdade, porque em casa não havia tido tempo de tomar café. No entanto, apesar da fome, é com angústia que engulo cada migalha. Posso dizer que, com o passar do tempo, e por muitos anos adiante, este sabor de nega maluca se fez presente em minha memória.

O dia continua com muitas nuvens, alguns pingos de chuva, mesmo dando a entender que choverá bastante à tarde. Se estiver derramando água na hora de levar a vó para o cemitério, a gente vai se molhar muito. Tomara que pare! Ela não iria gostar nada se fôssemos de camionete, e deixássemos de fazer como de costume ocorre nos outros sepultamentos, em que caminhamos aproximadamente por um km até o Campo Santo, momento em que os homens vão se revezando no caminho para carregar o caixão.

Vou com a D. Loreci para a Igreja. Ela organiza alguns itens do altar, e eu fico por ali, olhando vagamente para os bancos vazios. Mas as horas passam depressa e os moradores começam a chegar. A vó tem uns parentes distantes, filhos do sobrinho que ela ajudou a criar, mas não sei se alguém consegue avisá-los a tempo. Os vizinhos vêm me cumprimentar conforme chegam. Alguns me abraçam...

Chegam sua afilhada Olaine, sua comadre Isolina, Dona Joana, Dona Amélia, os Locatelli (que são vizinhos e amigos próximos), o Kiko, que ela queria tão bem, a Dona Lídia, sua grande amiga da juventude, a Sidônia, a Nazi e muitos outros. Todos estão dentro da igreja, se resguardando da chuva. O lugar está organizado: dois bancos foram arrumados lado

a lado para colocarem o caixão em cima. Algumas cadeiras ao redor para os mais próximos sentarem. Certamente, eu me sentarei em uma delas, porque sou um “parente”. Talvez aqui, nesse momento, eu seja o mais próximo de minha avó, ao menos no afeto.

Ouçõ um ronco de motor de carro e imagino que seja o pai que está chegando. Naqueles tempos, em que ainda poucos vizinhos tinham carro, o barulho de um motor se aproximando chamava a atenção de todos. Era, por assim dizer, algo extraordinário e todos devem estar imaginando o mesmo. Aos poucos, começam a sair da igreja e esperam, separados por um corredor que formaram, onde a veraneio deve parar. Não há mais ninguém da minha família aqui, e me sinto um pouco perdido. Mas, logo a mãe e a vizinha, fiel companheira, desembarcam, e o pai em seguida abre o maleiro do veraneio, que é espaçoso e onde, com bancos deitados, coube direitinho o caixão, como já havia ocorrido em outros momentos, quando da morte de alguns outros moradores.

Lá está ela, depois de alguns meses de idas e vindas ao hospital, até decidirem que o melhor a fazer era, mesmo contra sua vontade, interná-la para que pudessem cuidá-la como necessitava. Em minha memória, lembro da última vez em que a ambulância da Prefeitura veio buscá-la. Ela não queria ir. Pedia para não ir. Na verdade, as pessoas mais idosas não gostam de hospital. Naquele momento, meu pai me tirou de casa para que eu não visse o desespero. Depois, em um descuido, minha mãe contou ao pai a cena: a vó havia se agarrado na porta do quarto onde ficava e pedia com todas as forças que não a deixassem ir. Talvez ela soubesse que não mais voltaria para casa. Esse relato me deixou muito triste, porque naquela hora eu não estava ali para ajudá-la de alguma forma. Agora ela voltou assim, dentro do caixão, certamente usando o vestido que havia escolhido há muitos anos, e que pediu à minha mãe que guardasse para quando o momento chegasse. Chegou!

Alguém me entrega a coroa de flores e alguns homens se ocupam de auxiliar meu pai a carregar o caixão para dentro da capela. Essa imagem e a sensação de saber que nesse caixão está uma das pessoas que mais me amou em vida me paralisam. Engasgo, as mãos começam a tremer e caio no choro. Outra vizinha pega novamente a coroa de flores das minhas mãos e minha mãe vem ao meu encontro. Pessoas se aproximam e dizem algo como: “Ela queria que você fosse forte. Ela vai cuidar de você lá do céu”.

Logo ajeitam tudo, e a mãe traz o rosário que minha avó costumava usar no pescoço. É amarelado pelo tempo. Dona Joana chega perto e conversa baixinho com minha mãe, enquanto todos se aproximam para fazer reverência ao corpo. Alguém entrega uma tesoura para Dona Joana e ela corta o crucifixo, separando-o do rosário. Eu pergunto para elas o porquê de terem tirado aquela parte e a Joana me diz: “é porque não presta, meu fininho”.Ela

me entrega o crucifixo e pede para guardar para sempre. Eu já imagino o que farei com ele. Quando chegar em casa vou pegar a caixa de lata da vó, que está embaixo da cama, e guardarei o Jesus junto com as lembranças dela. Mais tarde descobri, por meio da fala de uma ex-moradora, que este era um costume familiar e também local. Os habitantes acreditavam que nenhuma imagem de santo devesse ser sepultada junto ao falecido, mesmo que este fosse um grande devoto. É um costume local e, pelo que soube em conversas, não perceptível em algumas outras comunidades antigas do Rio Grande do Sul, tais como Triunfo e Santo Amaro.

Nesse momento, a Dona Lídia se aproxima do caixão e deposita uma rosa de pano, algo confeccionado carinhosamente em casa e provavelmente por ela. Eu penso que essa rosa não vai murchar, nem apodrecer fácil. Acho que a Dona Zulmira ficou feliz com a lembrança de sua amiga. Em seguida colocam o rosário, sem o Jesus, também nas mãos da vó. E fico ali por algum tempo paralisado, lembrando da caixa debaixo da cama.

As horas passam depressa e a missa também foi aligeirada. É preciso ser tudo rápido, porque o tempo acusa mais chuva. Com sorte, conseguiremos levar a vó a pé até o cemitério, conforme ela sempre disse que queria. E eu também quero. Sim, quando eu morrer, do mesmo modo quero que me levem em procissão a pé para o cemitério do Tope. Que quatro ou cinco pessoas amigas se revezem para carregar o caixão, assim como sempre fazem aqui. Será que eu poderia ser sepultado no túmulo da vó? O mesmo em que já foi sepultada a sua mãe, que assim como eu também era Rodrigues e, quem sabe, talvez fosse parente da minha família materna?

O Padre asperge água benta no caixão e avisa a todos para que se despeçam antes de colocarem a tampa. Acompanhado de meus pais peço a sua benção. A benção que sempre pedia, toda vez que ia até sua casa, ou nos dias em que ela vinha até a nossa, ou ainda nos momentos em que ela ficou conosco, durante sua enfermidade. “Benção, vó. Cuida de mim. Eu nunca esquecerei a senhora. Pode deixar que vou sempre levar flores no cemitério e cuidar do seu túmulo. A senhora não vai ficar sozinha”.

Acontece tudo como imaginei e como ela desejou. O caixão é levado em procissão e o tempo dá uma trégua. Na saída da igreja, as mulheres cantam “Com minha mãe estarei, na santa glória um dia, ao lado de Maria, no céu triunfarei...”. Eu ainda não consigo ajudar a carregar as flores que alguns moradores trouxeram. Já na estrada, alguém puxa o canto “Mãezinha do céu, eu não sei rezar...” Essa música a vó cantou comigo muitas vezes. Agora ela não vai cantar mais. Agora ela não fala comigo, não me benze, não me conta as histórias e nem nada.

Aos poucos, após o sepultamento, alguns vizinhos saem silenciosamente do cemitério, por sua vez, outros caminham já tratando de assuntos diversos, alguns no rumo da bodega, demonstrando que a vida permanece no seu ciclo para os que ficam. Meus pais estão agradecendo ao apoio de todos. Eu sento num túmulo ao lado do de minha avó. “Sim vó, eu não vou esquecer que o que a senhora disse. Quando tiver algum problema, vou pedir a sua ajuda e conversar contigo”. E de fato, sempre levo flores naturais e acendo velas. Continuo conversando com a minha vó. E ela escreve comigo, mesmo que pelas histórias quase apagadas de suas memórias.



Figura 02: Zulmira Portella de Menezes, em meados de 1920.

Ela morava perto da casa dos meus pais, e me contava muitos causos, além de ensinar-me a rezar, a saber as horas pela posição do sol, principalmente ao meio dia, a gostar de comer farinha de biju, sagu de laranja, entre tantos outros ensinamentos. Ocorreu que gostou de mim, e eu a adotei como avó. Acho que todo ser humano tem necessidade de uma avó, que

lhe conte histórias. Eu tive necessidade dela e creio que ela também teve de mim, pois me tornei seu neto.

Quase todos os dias, desde muito criança, minha mãe me enviava à casa da vó para ver como ela estava. Também para levar algum alimento. Lembro que, em dias de carneação de boi ou de porco, a mãe embrulhava pedaços de carne fresca e eu levava para ela, mas também ia aos vizinhos, ao Otávio de Mattos, ao Ilair, ao Ivo Locatelli. Esse era um costume dali, dos arredores, e era preciso descer um morro e caminhar ainda um pouco mais até chegar na casa dela, na primeira entrega. Muitas vezes já estava tardinha e eu sentia medo, por conta das narrativas de assombração que sempre rondavam os filós com os vizinhos e a imaginação de adultos e crianças como eu.

Geralmente, esses diálogos a respeito de eventos sobrenaturais vinham acompanhados de histórias sobre panelas de dinheiro, botijas de moedas de prata, as quais diziam que haviam sido enterradas há muitos anos e, pelo que se sabia, algumas foram encontradas nas redondezas, por vizinhos ou pessoas que vinham de longe. Ali mesmo, no nosso campinho, quando esse ainda não pertencia ao meu pai, à esquerda de quem ia em direção à vó, relatam que, numa madrugada fria de inverno, apareceram uns homens, vindos não se sabe de onde, que cavaram até encontrar uma panela de dinheiro. Quem dentre os moradores os havia alertado sobre a possibilidade de tal tesouro não se sabe até hoje.

A estrada atravessava um pequeno capão de mato, mas que era bastante fechado. Depois, na beira de tal mato, se avistava a casa. Era uma construção simples e bastante rústica. Lembro de cada detalhe como se fosse hoje. Na parte da frente, no canto direito, havia uma porta baixa, com duas folhas, e mais ao meio duas pequenas janelas. O telhado fazia-se com telha francesa, que cobria a habitação construída em madeira. As tábuas não eram pintadas, mas as janelas sim. Havia pintado de um vermelho rubro, imagino que uma cor bastante utilizada naquele tempo, tendo em vista que observei, no passado, uma dezena de exemplos deste mesmo estilo de pintura pela região.

Os cômodos dessa habitação revestiam-se de simplicidade, como muitas outras moradias da localidade, salvo as construções das velhas fazendas. Havia uma cozinha com fogão, algumas prateleiras rudes, uma mesa e duas ou três cadeiras de palha. Num outro espaço, que servia de sala, ficavam cadeiras, uma cristaleira cuja porta ainda guardo entre os meus objetos antigos, e uma mala. Em cima de tal mala estava uma boneca, que alguém havia presenteado minha avó, e ela guardava com todo cuidado. Era o seu nenê. Não existia forro em nenhum dos cômodos, e naquela sala encontrava-se uma outra porta, que dava para um

ângulo diferente da propriedade. Além disso, mais dois quartos. O dela e outro que se destinava às visitas.

Tudo, absolutamente tudo era simples como já foi mencionado. Não existia luz elétrica nem água encanada. Utilizava-se lampiões à querosene e velas em antigas garrafas de vinho. E a água era buscada numa fonte protegida pelo mato, que ficava nos fundos da residência. Poucos objetos de decoração compunham o ambiente. Além da boneca, um quadro de Santa Catarina, da qual a vó era muito devota, e um outro quadro de Nossa Senhora de Montserrat, que é uma devoção da região da Catalunha, na Espanha. Lembro que ela me contou uma história a respeito desse quadro. Quando criança, sua mãe havia presenteado a ela e às irmãs cada uma com um quadro de santo. Ocorreu que a casa dela, já quando não morava mais com os pais, foi saqueada e levaram-lhe o dito quadro. Esse fato causou-lhe grande comoção, tendo em vista que essa era uma das poucas lembranças que ainda tinha da mãe. Então, observando a sua tristeza, uma de suas irmãs resolveu abrir mão do seu santo e presentear-lhe e, por isso, a imagem fora conservada por muitas décadas, e guardada com carinho. Hoje, ainda preservo tal imagem.



Figura 03: imagem de Nossa Senhora de Montserrat

Lembro de um marmeleiro antigo nos fundos da casa, bem como de um pessegueiro, uma bergamoteira e uma roseira diante da porta da frente. Além disso, na paisagem ao fundo, cerca de 150 metros de distância, e naquele tempo já propriedade de outro vizinho, avistava-se um pé de cedro. Essa árvore havia sido plantada bem próxima à antiga casa de seus pais. Somente anos mais tarde é que fiquei sabendo, pelas palavras de Dona Joana, o motivo pelo qual antigamente eram plantados cedros em frente às casas. Numa distância de aproximadamente 200 metros, habitava uma família de descendentes de italianos, a família do Seu Luiz Locatelli.

O Luiz Locatelli formou uma família numerosa, e era um dos poucos descendentes de imigrantes italianos a se estabelecer no Tope. Morava em uma casa grande, com sótão, porão e muitos quartos. Me chamava a atenção o seu jardim, o seu pomar, com um grande parreiral, talvez o único que tenha existido nas redondezas; as taipas de pedras, construídas em terrenos dobrados, e principalmente a sua educação. Aquele homem foi extremamente educado até os últimos dias de sua vida. Já na velhice, quando havia perdido um pouco da consciência sobre quem eram seus próprios vizinhos, ele não deixava de falar: “por favor”, “com licença”, “muito obrigado”, exatamente nestas palavras. Nasceu em 14 de junho de 1917 em Arroio do Meio. Era filho de Jacinto e Josefina Locatelli, casou-se em primeiras núpcias com Maria Felini e em segundas, com Adélia Benvinda de Castro. Pai de oito filhos, trabalhou como agricultor e colaborou na organização e construção de capelas como a do Tope e a do Ipiranga. Conto aqui um pouco de sua vida porque sempre o vi como um modelo de agricultor a ser seguido, pelo exímio cuidado que tinha com a terra.

Pelo que sei, e não sei muito, a única vez que a vó havia saído de sua casa foi quando o prefeito de Nicolau Vergueiro, Sérgio Sady Musskopf, por volta de 1994 ou 1995, logo após a emancipação deste município, convenceu-a de ir morar na cidadezinha, tendo em vista a idade avançada e a necessidade de cuidados maiores. Ela foi, mas com uma condição: que eu fosse junto. Meus pais atenderam ao pedido e me enviaram para morar com ela por algum tempo. Porém, nem eu e nem ela conseguimos nos adaptar. Voltei em poucos dias e ela voltou logo em seguida, para nunca mais sair de perto de nós.

Nascida em 27 de setembro de 1904, na região do Tope, Zulmira Portella de Menezes era filha de Leopoldina Alves Rodrigues, que faleceu em 31/05/1932, aos 50 anos, e de Joaquim Antônio Portella de Menezes³, falecido em 25/10/1905, aos 35 anos de idade. Ele foi um defensor de causas abolicionistas, salvo duplicação de nomes ou informações

³Na obra OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. O elemento estrangeiro no povoamento de Passo Fundo. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1957. p. 387.

equivocadas. E, juntamente a Eliziário Prestes e Manuel Tomáz Santos Vaz, fez parte de uma comissão do 6º Distrito de Passo Fundo, nomeada em 11/10/1884, pela Câmara de Vereadores, relacionada às causas abolicionistas.

Zulmira teve três irmãos: Fidêncio, Juvência e Eugênia, os quais têm descendentes espalhados pelo Brasil afora. Ela viveu toda sua vida na localidade e nunca se casou, apesar de que, de acordo com o que me contaram suas amigas, foi uma moça bonita e teve “muitos” pretendentes. Não é difícil encontrar, em sua caixa de lembranças, fotos de jovens que ofereciam a ela seus retratos. Foi uma renomada benzedeira da região e, mesmo tendo acolhido muitas pessoas em sua casa no decorrer dos anos, morou sozinha quase até o final da vida, quando então minha família a trouxe para junto de nós. Faleceu em 11 de outubro de 1997, aos 93 anos de idade, tendo, portanto, servido de testemunha dos acontecimentos locais por mais de nove décadas.

Não quero aqui escrever a biografia de minha avó escolhida. A saber: minha avó materna, Albina Boggio Rodrigues, faleceu ainda quando minha mãe tinha sete anos de idade. Já minha avó paterna, Maria Gracco Frizon, faleceu em 1985, meses depois do meu nascimento. Por esses fatos, quando criança, acredito que desde cedo senti necessidade da presença de uma avó e, não tendo mais as minhas avós de sangue, criou-se um laço de afeto entre Zulmira e eu. Ela faleceu quando eu tinha 12 anos de idade.

Em minhas lembranças, estão presentes as imagens do cemitério do Tope – sobre o qual abordarei no decorrer deste texto – no dia de seu sepultamento: a cerimônia de despedida, o antigo túmulo de sua mãe sendo aberto a marretadas na parte de trás, para que o caixão entrasse e não enroscasse na Cruz Mestre. Além disso, a utilização de uma antiga Veraneio⁴, carro de propriedade da família, que teve por muitos anos diversas utilidades: uma vez por mês levava vizinhos para fazer compras em Marau-RS, em outras ocasiões transportava caixões de nossos conterrâneos, além de alunos que estudavam na Escola do Tope e de outras localidades próximas, como Rincão da Roça, Quebra Dentes, Ibirapuitã, Nicolau Vergueiro. Nesse sentido, as memórias que guardo são muitas e diversas, e necessitaria talvez dezenas de páginas para contá-las. Como disse em momentos anteriores desse texto, escolho aqui contar apenas algumas.

Zulmira não parecia gostar muito de outras crianças, a não ser duas ou três que conheci com o passar dos anos, (como o Rudinei Fabonato e a Emília, essa última que herdou sua boneca e é filha de um sobrinho-neto seu). Lembro-me dos momentos em que a

⁴Chevrolet Veraneio foi um utilitário esportivo produzido pela Chevrolet do Brasil a partir do ano 1964.

acompanhava nas missas. Muitas vezes na comunidade do Tope, onde era sócia desde há muitos anos. Ela, sempre com vestido comprido, com um véu branco na cabeça e eu repetidamente segurando em uma de suas mãos. Outras vezes também ela ia ao Ipiranga, comunidade que, a exemplo de muitas outras, foi formada a partir de um desmembramento do Tope, e com a qual faz divisa. Por muitos anos, pela proximidade, participamos das celebrações também em Ipiranga, territorialmente já pertencente ao Município de Nicolau Vergueiro.



Figura 04: Josué Rodrigues Frizon e Zulmira Portella de Menezes, em celebração religiosa, no ano de 1990.

Ir à igreja para participar das missas era um ato sagrado. Em muitas vezes, como antigamente, ela usou véu na cabeça. Sua presença na fila da comunhão foi algo marcante, pois todos a esperavam calmamente caminhar ao encontro do padre para receber a Eucaristia. A ida aos lugares aconteceu, no final de sua vida, muitas vezes graças à vontade de minha mãe que, com seu fusca branco (o segundo carro que nossa família adquiriu e que pertenceu a

um dos filhos do Seu Adair), levava a vó na igreja, passear nas suas amigas, visitar algum parente em Ibirapuitã, ir para lá e para cá.

Antes de termos um carro tornava-se ainda mais difícil deslocar-se, e uma das únicas possibilidades era ir a pé ou de carroça aos lugares. Lembro de quando morreu a Dona Leonora Guedes, esposa do também falecido Alfredo Guedes, cuja casa ficava distante uns dois km da nossa. O caixão estava colocado no centro da sala e haviam me dito que seria levado dali direto para o cemitério. O pai, eu e a mãe fomos de motocicleta até o local, mas a vó teve de ir a pé e depois necessitou da boa vontade de alguém que tinha carro para levá-la de carona ao sepultamento, algo que ela não abriria mão.

Também lembro de um outro momento em que fomos eu, a vó, uma moça, nossa vizinha, e meu nono Josué, de charrete fazer uma visita ao cemitério do Tope. Essa lembrança é marcante porque meus pais haviam brincado comigo, dizendo que o nono, que era viúvo havia alguns anos, poderia se casar com a minha vó, palavras que me deixaram bastante entusiasmado pelo caminho afora. Além disso, a fisionomia dela, com pose e graça, sentada ao lado do condutor da charrete, está guardada numa das gavetas de minha memória a respeito daquele dia. O meu avô paterno, Josué João Frizon, era um velho conhecido da Zulmira, pois adquiriu uma porção de terras no Tope, ainda no ano de 1962. Foi quando, pela primeira vez, os Frizon se estabeleceram na localidade. Ao pesquisar em antigos registros, descobri que anos antes ele vinha do interior de Nova Alvorada-RS e passava pelo Tope, com destino a Passo Fundo, transportando de carroça produtos da terra para serem vendidos na cidade. Ao cruzar por aqui fazia negócios com moradores locais e estabeleceu vínculos de amizade.

Lembro-me também de uma Sexta-Feira Santa em que fui para casa de Zulmira e passamos a manhã toda rezando e jejuando. Ela portava o seu rosário no pescoço. Eu devia ter entre oito e nove anos e, apesar de gostar muito de acompanhá-la nas prolongadas orações, estava ansioso pelo almoço. Após muitas contas do rosário, finalmente pudemos comer sardinha com pão e tomar um copo de vinho. Sim, ela me deu vinho para beber. Poderia ter sido suco de framboesa, como costumeiramente comprava do mascate, mas foi vinho desta vez. Naquele tempo não ocorreu, nem a mim nem a ela, que talvez uma criança não pudesse ingerir bebida alcóolica. Até então, essa foi a única vez em que jejuei.

Depois da morte de Dona Zulmira, o tempo passou muito rápido. Esse tempo passou, mas a saudade não. E lembro que certa vez, alguns meses depois, sonhei com ela. No sonho, eu sabia perfeitamente que ela já estava morta, mas que quis vir se despedir. Não foi um encontro que denotasse muita emoção. Aconteceu de forma rápida e silenciosa, algo como: “a sua avó, que morreu há pouco, veio se despedir de ti. Peça a ela a benção e deixe-a ir”. Após

muitos anos tive um outro sonho. Essa foi uma experiência que me marcou sobremaneira, pois no devaneio vivenciei uma surpresa:

Estava eu, já adulto, numa manhã ensolarada de outono caminhando num fundo do campo, que é o meu lugar favorito, na divisa com a tapera do Delfino Ferreira dos Santos. Ele, um vizinho já falecido há muitos anos, morava sozinho, tinha um pomar com figueiras, pessegueiros, ameixeiras, goiabeiras do mato, laranjeiras e bergamoteiras, além de gostar de cultivar uma grande roseira na porta de sua casa. Aquela roseira estava sempre florida e suas rosas tinham um perfume inigualável, eram vermelhas e pareciam terem sido feitas de veludo. Naquele lugar, ali no campinho, a vó caminhava ao meu lado e segurava minha mão, até nos aproximarmos de alguns pés de açoita-cavalo⁵ que trocavam suas folhas. Em determinado momento do sonho, ela me olhou e, sem dizer uma única palavra, fez sinal para que eu parasse e escutasse. Nesse momento, ouvi, vindo em nossa direção, um som de folhas caídas sendo pisadas calmamente.

Para minha surpresa, quem estava caminhando e se aproximando de nós era o Josué menino, com uma estatura que possivelmente denotava os seus cinco anos de idade. Minha avó me olhou, soltou minha mão, fez sinal para que escutasse e desapareceu. Ao passo que fiquei frente a frente comigo mesmo, o menino Josué, criança miúda, perguntou: “Você esqueceu dos teus sonhos? O que você tem feito com eles?”. Depois, entre as árvores espaçadas de açoita-cavalo, sorriu e desapareceu assim como ela. Eu fiquei ali, imóvel, pensando nas minhas promessas de infância.

⁵Açoita-cavalo é uma planta bastante comum nas matas e no meio dos campos que existiam e/ou ainda existem na região do Tope. Durante o inverno, perde todas as suas folhas, vindo a brotar na primavera.



Figura 05: árvores de açaita-cavalo, no lugar descrito nos parágrafos anteriores.

Acordei em sobressalto. É um sonho, um reencontro ou um aviso? Eis que estou aqui a escrever sobre isso, pois não esqueci de minha meta, dos meus objetivos. Acredito que não há outra maneira de contar essa história a não ser iniciando por Dona Zulmira. Isso porque foi por conta da proximidade com ela que me senti instigado a pesquisar e conhecer histórias do Tope. Eu entrava na adolescência e muito daquilo que minha avó me contou, durante os anos que convivemos, vinha à tona em minha memória. Sempre que me aproximava de determinados lugares como a igreja, o cemitério, a cancha de carreira dos Almeida, o caminho que dava até a antiga casa dela, lembrava de alguma passagem das nossas conversas.

Por vezes, a emoção tomava conta dos meus sentidos e em outros momentos o riso chegava rápido e rasteiro, rememorando alguma de suas narrativas curiosas, como a descrição da festa dos negros, vestidos de encarnado, dançando ao redor de uma fogueira. Anos mais tarde, procurei pesquisar para saber a que se referiam as tais festas citadas por minha avó. Como essa narrativa dela se faz em minha memória de modo bastante fragmentado, não consegui especificar exatamente a origem. Mas encontrei duas possibilidades, tendo em vista

as descrições dela. Ou a festa dizia respeito a um Ajere⁶, ou a uma Congada⁷. No primeiro caso, trata-se de uma festa religiosa, de matriz africana, em que se comemorava a ocasião em que dois orixás, Iansã e Xangô, disputavam o poder sobre o fogo; é um ritual que se realiza com dança ao redor de uma roda de fogo, e o vermelho é um traço marcante das vestimentas dos presentes. No segundo, a Congada era uma manifestação sincrética entre tradições cristãs e das religiões africanas, onde se simbolizava a entronização de um rei africano no seu reino e, portanto, a cor vermelha simbolizava a realeza do rei coroado.

Além disso, havia as histórias de assombração, de espíritos malignos, de bruxas más ou do demônio disfarçado de príncipe. O tal, que apareceu dançando num baile para enganar e seduzir as moças bonitas e atizadas, que haviam caído na sua lábria, em uma comunidade não muito distante da nossa.

Certo dia, reabri pela segunda vez a sua caixa de lembranças, que permanecia guardada debaixo da cama onde, até a ida para o hospital, a vó passou seus últimos dias. A primeira oportunidade em que havia feito aquilo foi para guardar o crucifixo que fora tirado de seu rosário no dia do velório. Mas, nesse momento abri para ver fotografias (muitas das quais retratavam e ainda retratam pessoas anônimas para mim), dedicatórias, cartões de visita, cartinhas de amor, de amizade, documentos pessoais e de terceiros (próximos), listas datadas possivelmente de 1910, com nomes de pessoas desconhecidas, mas com sobrenomes comuns no Tope, entre outros itens. Transcrevo aqui um bilhete, escrito em papel comum, com uma caligrafia extremamente refinada. O texto é composto basicamente por quadrinhas amorosas, de amizade, dando conta, igualmente, de um certo grau de instrução da remetente.

Restinga, 3 de Dezembro de 1934

...

Nenêca

Na mais delicada flor

Teu nome quero escrever

Se não for feliz contigo

Mil vezes quero morrer

Zélia

⁶D'OSOGIYAN, Fernando. O ritual do Ajere tem como fundamento principal a disputa entre Yánsán e Sàngó pelo dom do uso do fogo. Disponível em: <<https://ocandomble.com/2015/08/31/ajere-oya-e-%E1%B9%A3ango-na-disputa-pelo-inon/>>. Acesso em: 11 mai 2022.

⁷SOUZA, Marina de Mello. Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de rei congo. Ed. UFMG, 2001.

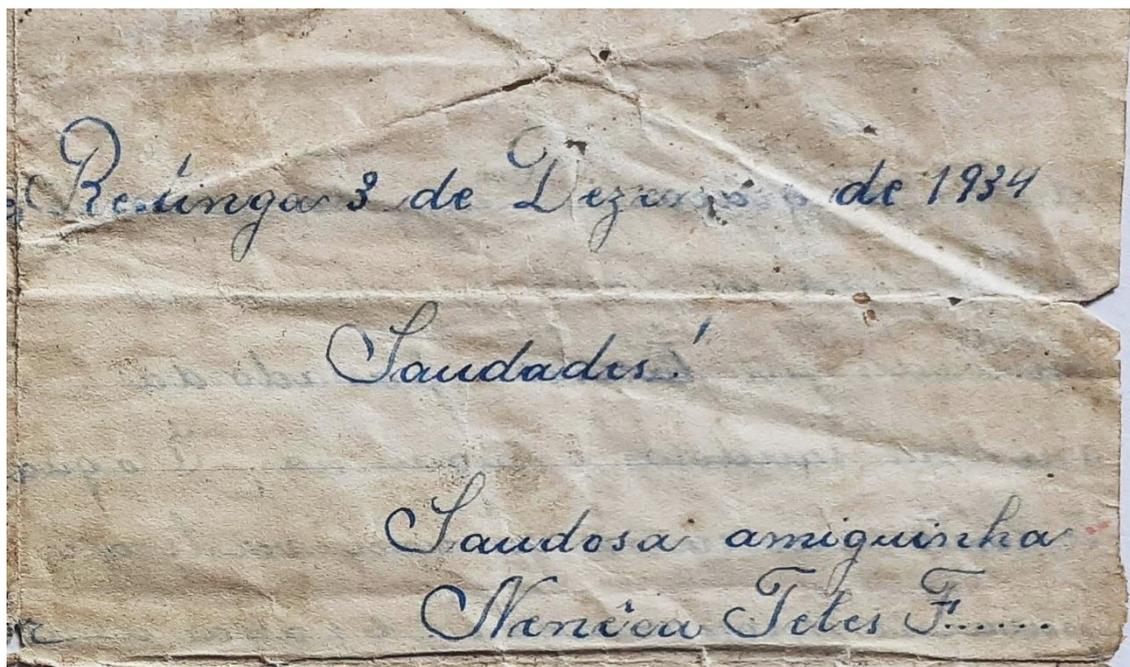


Figura 06: fragmentos da cartinha de Nenêca

O que eu queria, de fato, era saber mais a respeito de minha avó. E, embora não tenha conseguido muito além daquilo que já sabia, (que ela tivera amores e também grandes amizades), passei a me questionar sobre quem seriam as outras pessoas que estavam nos retratos, nas cartas, nas listas. Talvez um dia viesse a saber. No entanto, seja a respeito de sua infância, adolescência ou vida adulta, importavam-me eram pistas sobre ela. Essa se tornava uma missão quase impossível, visto que muitas das suas velhas amigas já haviam falecido.

Mas “espera aí!”: nem todas haviam falecido! Ainda existiam algumas pessoas com as quais talvez eu conseguisse descobrir informações. Para saber, era preciso abrir essa caixa de lembrança em outros momentos e com outras pessoas.

Mesmo sem perceber, ou ter ideia clara do que aquele momento significava particularmente para mim, a apreciação dos itens guardados por décadas naquela velha caixa de lata enferrujada, contribuía para o início de uma coleção, não somente a respeito de Zulmira, mas também de outras pessoas, de outras personagens que compunham, em algum momento, a história da nossa localidade. Se me tornei herdeiro daquele material, e guardião de memórias afetuosas a respeito de sua vida, seria necessário preservar tudo aquilo e ir além. Foi então que comecei, com o auxílio de minha mãe, a realizar visitas a algumas das amigas da vó, à época ainda vivas e gozando de saúde mental. Seria essa, talvez, uma forma de descobrir mais a respeito dela. Quem sabe quantas histórias essas senhoras me contariam

sobre sua vida? Também das festas que ajudava a organizar, sobre suas benzeduras, brigas com os vizinhos, sua família, e seus namoros.

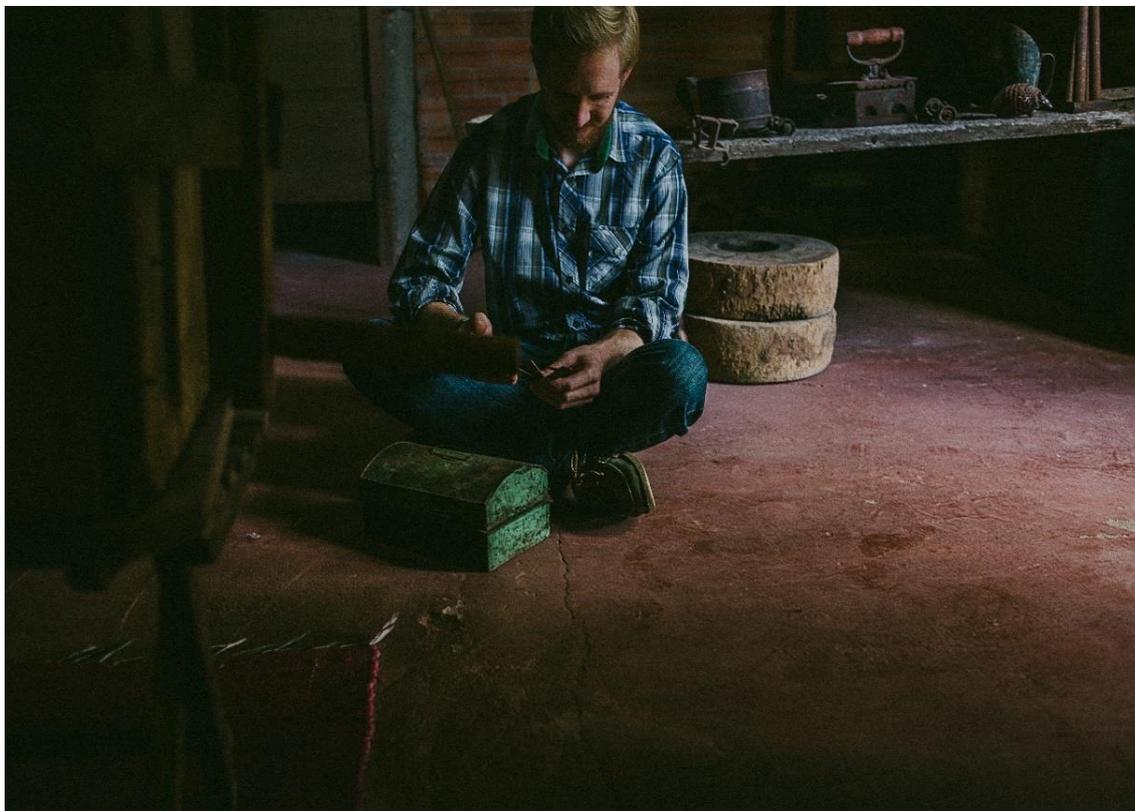


Figura 07: Josué e a caixa de lata enferrujada que pertenceu à sua avó.

Por falar em namoros, transcrevo a seguir, uma cartinha sua de amor:

Querido amor,

*Hoje com o coração verdadeiramente apaixonado por ti é que lanço a
mão na pena para confessarte que te amo sim Te juro amor e*

És meu único amor

*sempre ei de te amar em quanto for viva no mundo. Tu és o conçollo
de minha vida.*

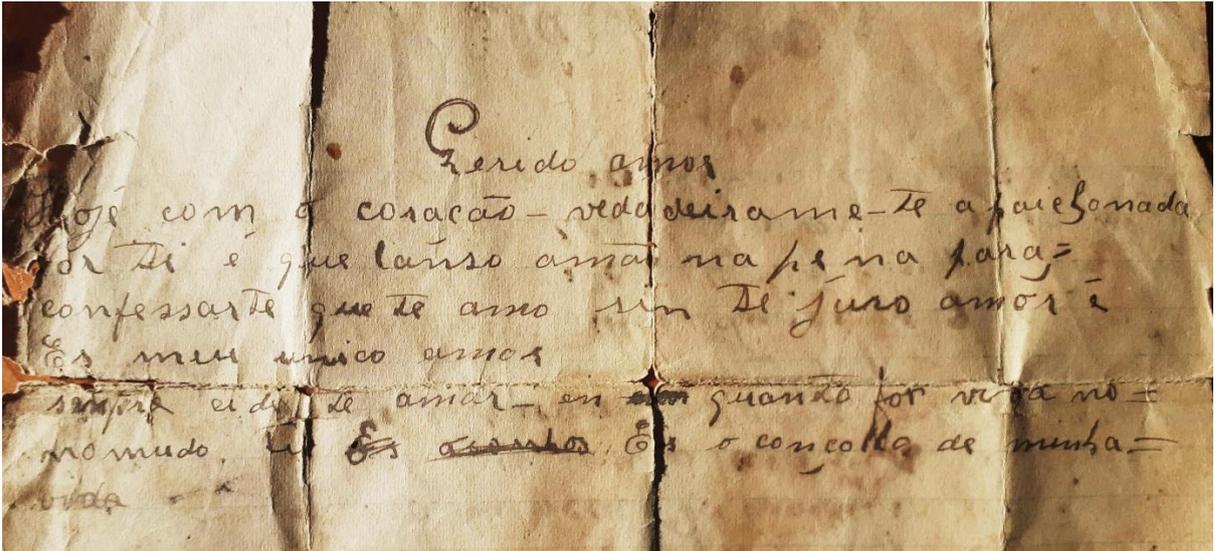


Figura 08: fragmentos da carta transcrita anteriormente

Se ela não estava mais ali para me contar, pelo menos eu poderia conversar com aquelas que a conheceram muito antes e que talvez tivessem informações preciosas. Para não definir de modo menos ou mais ousado, essa seria uma busca a um passado, talvez, cheio de curiosidades. Mas, como alguém com imaginação aflorada poderá prever, tais visitas e diálogos revelaram-me muito mais do que eu poderia prever. É fato que o objetivo inicial foi apenas o estopim para a descoberta de um pouco da história da vida de outras pessoas.

A primeira com quem conversei foi Dona Joana Barbosa, sobre a qual falarei mais adiante. Depois, Dona Amélia dos Santos Schell. Alguma vez conversei também com Dona Ervalina Bugs, com Dona Frida Ana Wilcler de Britto, todas agora falecidas, e com outras pessoas que ainda vivem, e que residiam ora no Tope ora em Ipiranga. Desde o início dos anos 90 a comunidade de Ipiranga faz parte do território do Município de Nicolau Vergueiro-RS. E a casa de minha avó, que já foi desmanchada, bem como a de minha família, está localizada nesta comunidade, muito próximo à divisa com Marau e com o município de Ibirapuitã que, por sua vez, no passado desmembrou-se de Soledade-RS.

Mais uma observação importante para os leitores: as histórias aqui apresentadas não seguem uma linearidade. São frutos de recortes de prosas, de narrativas, de conversas informais e de imaginação, transformadas em muitos momentos numa tentativa de ficção. Por isso, podem talvez ser comparadas a uma colcha de retalhos ainda inacabada (acredito que finalizar nunca será possível). Portanto, cada um dos que por estas páginas cruzar, pode escolher aquele que achar o seu melhor caminho de leitura, saltar páginas, voltar atrás e reler uma narrativa sobre determinada pessoa ou, ainda, ler somente aquilo que lhe interessa.

Não será preciso que façamos um contrato de leitura, nem que meu texto seja lido de “cabo a rabo”. Também eu, escritor destas páginas, volta e meia, salto de narrativa em narrativa, na busca por mapear e apresentar as histórias que desejo guardar aqui. Aliás, quero apresentar uma que certa vez me foi contada por um amigo da região. Se tiverem paciência para ouvir, prezados leitores, parem os olhos nas linhas que seguem, e saibam do dia em que um peão de fazenda vivenciou uma experiência que lhe arrepiou os pelos dos braços.

Era já quase noite quando o patrão lhe ordenou que fosse, num campo que ficava distante da sede da fazenda, recontar as cabeças de gado que eram de sua propriedade. O peão encilhou um dos cavalos e seguiu, meio contra a vontade, em direção ao dito campo. Após umas duas horas de tropeada, chegando lá, para não se demorar noite adentro, começou a contar o gado rapidamente.

Estava cansado e queria retornar para casa, a fim de descansar para o dia seguinte que, assim como todos os outros, seria de lida dura e inacabável. Acontece que o número de animais não fechava. Faltavam umas vinte cabeças e, como era sabido por todos da fazenda, o patrão queria que ele e mais dois ou três peões dessem jeito de encontrar os bichos que faltavam, custasse o que custasse. Por isso, decidiu adentrar na invernada e procurar.

Era curioso que faltassem esses animais, que à noite costumavam reunir-se próximo à ponta de mato e ao saleiro que ficava perto da porteira. Talvez haviam sido roubados e por isso nem estivessem mais nos domínios da fazenda. Mas, naquele momento, fazia-se necessário procurar. E isso foi feito, noite afora, até a desistência do peão.

Estavam ele e o cavalo cansados, e não havia mais nada que pudesse ser feito, mesmo com a luz da lua. Por isso, decidiu retornar para casa. Na estrada, cavalgava pensando no que poderia ter acontecido com o gado que faltava e seu pensamento estava longe, às vezes andava mais rápido do que o próprio cavalo. Foi quando, nessa cavalgada de volta, aconteceu algo que o deixou paralisado: um pouco antes de chegar em casa, resolveu parar a fim de descansar o pingo que estava ofegante, e que troteou bastante de uma ponta a outra do campo, e então começou a ouvir o ranger distante das rodas de uma carroça, assim como viu a silhueta de dois cavalos na frente.

Não ouviu vozes, mas à medida em que a carroça se aproximava, o trote dos cavalos que a puxavam ficava ainda mais notório. Como era noite de lua clara, conseguiu enxergar algumas pessoas que acompanhavam a pé, atrás do carro. Ele ficou estabilizado e aguardando que pelo menos uma daquelas pessoas o chamasse. Seu cavalo, já descansado, estava imóvel e foi como se não existisse mais ruído algum. De repente, todo ranger da carroça parou, não se

ouviu mais o trotar dos cavalos, muito menos o caminhar dos acompanhantes, ou qualquer fala humana.

Tudo aquilo era muito estranho para estar acontecendo à noite. Mas, o que lhe arrepiou os pelos dos braços foi o momento em que o grupo o alcançou, naquele silêncio total. E ele conseguiu enxergar, estando já na beira do caminho, que todos vestiam preto e acompanhavam um caixão que estava sendo transportado. Alguém havia morrido e ele não soubera? Estavam levando para o cemitério àquela hora da noite? E o silêncio? E o fato deles o ignorarem totalmente? Então, lembrou de tirar o chapéu em gesto de respeito. Isso fez, mesmo com a situação de espanto.

Passaram! Depois disso, sem entender nada do que visualizou, seguiu o caminho de casa. Ao chegar, não falou nada para a mulher, nem para os filhos que o aguardavam preocupados na porta do rancho. Não encontrou as cabeças de gado. Isso não importava naquele momento. Não jantou bem, apesar da fome. Nem dormiu direito, apesar do cansaço.

Na manhã seguinte, voltou para o campo, na companhia de outros dois peões, e encontrou o gado faltante. Estavam lá, nenhuma cabeça a menos, nenhuma a mais. Foi um mistério. E a respeito do cortejo fúnebre, àquelas horas da noite, ou do morto, nem naquela manhã, nem nos dias seguintes, ouviu falar alguma notícia. Guardou para si! Poderiam chamá-lo de louco caso relatasse um caso daqueles. Mas, existiu o dia em que decidiu contar a alguém que pudesse guardar aquela sua história. Não queria morrer sem testemunhar o que viu. Eis que agora registro aqui e conto a vocês.



Figura 09: morador do Tope, descendente da família Reveilleau.

1.2 OS VELHOS, MEUS AMIGOS E SUAS LEMBRANÇAS.

Em 23 de julho de 2006, pedi para que minha mãe me acompanhasse numa visita à Dona Joana Barboza. De modo que os parágrafos que seguem são frutos de um encontro prazeroso, regado a café da tarde (como era costume dela e de outras senhores do Tope, a exemplo da Dona Jura—amiga de minha mãe e da qual também não esqueço)e a uma conversa animada, gravada em áudio. Naquela época, meu pai foi na cidade e comprou para mim um gravador à pilha. As minifitas cassetes foram essenciais no momento das conversas, e em posterior transcrição dos diálogos. Ainda existem e estão sob minha posse. Por algumas vezes, ao longo dos anos, tenho colocado o velho gravador para funcionar e reproduzo as vozes desses anciãos.

A Dona Joana, após esse dia, tornou-se muito próxima de mim, assim como havia sido de minha avó e não consegui mensurar o quanto senti quando de sua partida, ocorrida em 26 de junho de 2009. Naquele dia, desde cedo, os cachorros de alguma casa latiam desesperadamente ao longe. Eu sabia que a avó do Ezequiel, meu grande amigo de infância e adolescência, estava enferma e haviam me dito que não resistiria por muito tempo. Junto com ela, se iam as narrativas de fatos que não me foram contados, e de outros estritamente pessoais e melindrosos que, confidenciados, resolvi não narrar aqui.

A imagem que tenho dessa senhora é de uma mulher extremamente forte, que criou não apenas os filhos que gerou de seu ventre, mas também netos e outros familiares. Eu a tive, seguramente, também como uma avó, não chegando ela a ocupar o lugar afetivo de sua amiga Zulmira. Alguns anos antes de falecer, havia confeccionado para mim um acolchoado de lã de ovelha. Essa era uma prática comum a ela quando resolvia presentear um neto. Foi num inverno cujo ano não me recordo que ela desceu do ônibus, que levava as crianças para a escola em Nicolau, com um pacote grande nos braços. Aquele gesto de carinho fez com que eu, ao longo do próximo inverno, escolhesse tal agasalho para me aquecer do frio intenso daqueles dias.

Joana nasceu em Taquari Mirim, próximo a Lajeado. Era filha de Manoel Barboza e de Palmira de Quadros. Os pais haviam se casado em São Gabriel e ela tivera sete irmãos. Com cinco anos de idade, sua família se mudou para Sinimbu, perto de Boqueirão do Leão. O pai trabalhava no engenho (serraria). De lá, mudaram-se para Santa Cruz, passando a residir na Estância Schmidt; foi quando encontrou seu grande amor.

Joana e Arlindo Marcelino da Cruz, mas que era conhecido como Doca, casaram-se e passaram a residir em Barros Cassal. Mas, logo voltaram para a Estância Schmidt e depois

foram para Tapera, também no Rio Grande do Sul. Mais uma vez mudaram-se, e nessa oportunidade vieram para Três Passos (localidade próxima ao Tope, no interior de Marau). Por fim, chegaram ao Tope na década de 1940, residindo aqui por quase 70 anos.

Posso descrever a casa dessa senhora por dois pontos em especial: o primeiro é o fato de que, assim como eu, ela era uma apaixonada por plantas. Logo, seu jardim fazia-se cheio de roseiras encarnadas, jasmims, cravinas, camélias e azaleias. Ao visitá-la, esse aspecto sempre chamava a minha atenção. Tanto que, de vez em quando, levava minha tesoura de podas e fazia alguns pequenos ajustes para colaborar em seu jardim. Outro aspecto marcante em minha memória era a sala de sua casa.

Difícilmente a gente sentaria na sala da casa da Dona Joana, numa daquelas visitas. Mas era possível visualizar, mesmo pela porta da cozinha, um retrato de seu falecido marido bem como da filha que havia morrido jovem. Além disso, uma foto na parede (agora não me recordo se ficava na sala ou mesmo na cozinha) era bastante curiosa: duas mulas puxando uma carroça decorada com flores, confeccionadas com um material que parecia papel ou plástico, e folhas de coqueiro formando um arco. Quando perguntei a Joana sobre aquela cena, ela contou que era o registro de uma ocasião em que um bispo havia visitado a localidade, e Seu Doca emprestara a carroça e os animais para a homenagem ao ilustre visitante. Naquele dia não quis perguntar, mas fiquei tentando imaginar se seria uma daquelas mulas que alguém, no passado, havia amarrado na corda do sino da igreja, fazendo com que este tocasse intermitentemente até o dono aparecer e soltar o animal.

Aliás, por falar em Doca, ele havia sido por muitos anos zelador/coveiro do cemitério. Isso, além de um exímio artesão de lápides. Não sei se a carroça que visualizei na fotografia era a mesma em que ele carregava os materiais, as pedras para lapidar, e talvez até algum caixão. O fato é que sua esposa, em um dos nossos encontros, resolveu doar-me as rodas e o eixo da carroça que pertenceu a seu marido, para que eu os guardasse. Ainda hoje, quando visito o antigo cemitério da localidade, fico a pensar no trabalho árduo e nas inúmeras pedras que ele carregou e esculpiu, colocando o nome de muitos dos antigos moradores.

Ao questionar Joana Barboza sobre a Zulmira, entre muitos aspectos, contou-me que “era uma moça dada. Teve uma vez em que fomos lá buscar ela, de carroça, para ir passear nuns parentes seus. Mas, olha! Aconteceu algo muito engraçado. Ela criava cabritos. E quando chegamos lá, na casa dela, um dos cabritos começou a rodear a carroça e não nos deixava em paz. Aquilo virou uma coisa que nem sei, porque a gente não conseguia seguir viagem por conta daquele bicho, que corria atrás da Zulmira e não deixava a pobre subir na carroça”.

Entre tantos aspectos que por mim já eram sabidos a respeito da biografia de minha avó, a Dona Joana também comentou sobre os namoros. Sim, Zulmira havia sido uma moça muito bonita. Muitos rapazes, a exemplo do Ademar Ribeiro, sobre quem falarei mais especificamente adiante, queriam namorar com ela. Falou-me das irmãs de Zulmira, da relação de amizade dela com a Família Reveilleau, e da fama de doceira que adquiriu ao ajudar na organização e produção de doces para festas de casamento, batizados, aniversários e outros eventos, principalmente na casa do Hipólito Reveilleau, seu parente.

Tudo aquilo, de certo modo, eu já sabia. Não era novidade, porque as informações a respeito da vida da vó, que eu vinha coletando aqui e ali, numa conversa ou outra, atento aos diálogos entre meus pais e vizinhos, permitiam-me ir montando uma espécie de quebra-cabeça, embora faltassem ainda muitas peças. No decorrer dos anos, decidi deixar de procurar ou querer saber sobre algumas informações. É fato que resolvi guardar uma imagem a respeito dela, e daquilo que julguei ser importante conhecer.

No entanto, Dona Joana me trouxe informações outras, que passaram a me interessar sobremaneira. Foi por suas narrativas que descobri um pouco mais da figura de Manoel de Araújo Schell, apresentado neste texto também pela sua alcunha “Maneco Schell”. Sim, ele havia sido “muito importante para a comunidade”. Tudo passava por ele, não só porque era letrado, mas também pelo fato de que adquiriu um notório respeito por parte dos moradores. A vida daquela personagem, que começava a ser escancarada diante de mim, agora chamava-me a atenção. Isso porque, naquele julho de 2006 eu acabava de concluir o 2º semestre da graduação em Letras, na Universidade de Passo Fundo. Ou seja, já almejava ser um professor e oxalá dar aulas na escola em Nicolau Vergueiro, palco de minha formação básica, e perto da casa de minha família. “Ele foi o primeiro professor do Tope”. Isso quer dizer que ele havia sido o responsável pelo aprendizado de muitos de seus conterrâneos.

Fiquei a pensar em quantas crianças o professor Maneco havia ensinado. E assim minha imaginação ia longe, até que fui resgatado por um outro assunto: as mortes do combate dos Três Passos (e do Tope) ocorrido em junho de 1894, durante a Revolução Federalista iniciada em 1893. As covas gigantes, que serviram de túmulo para vítimas, as crueldades, as paixões momentâneas... Quantas histórias ainda Dona Joana guardava? Certamente eram muitas...

Agora quero apresentar-lhes uma outra senhorinha. Se vocês são filhos do Tope, peço-lhes com licença, pois talvez a tenham conhecido muito mais do que eu. Mas, faço nos próximos parágrafos o meu registro a respeito de mais uma velha e querida amiga: Dona Amélia dos Santos Schell.

“Ah, de você eu não esqueço!”

Certa vez eu estava caminhando próximo à igreja da localidade, numa das tantas tentativas de ler a geografia do lugar, ou conseguir imaginar como fora a sede do povoado nas décadas passadas, quando fui surpreendido por Dona Amélia que vinha, amparando-se em uma bengala feita de bambu, em direção à igreja. Ela já contava com quase um século de vida e, mesmo com todos os cuidados da Dona Loreci e do Seu Adair, nora e filho, de vez em quando escapava de casa e saía para dar uma passeada pelo gramado que se estendia desde a casa do filho até a casa da Dona Romi Aguirre, construção sobre a qual também tratarei.

Ao passar por mim, ela para e a cumprimento. Pergunto-lhe como está, e onde vai. Ora! Está indo na igreja como todos os outros. Era visto que ela gostava de alguma independência, e fazia questão de mostrar-se forte para isso. Naquele momento, passava por nós um senhor já de cabelos grisalhos, chapéu na cabeça, barba branca, e pilchado como a grande maioria dos homens do Tope se vestiam antigamente.

Era outro amigo meu: Seu Rodolfo Becker, que me conhecia desde muito cedo, uma vez que morava perto da Hípica dos Almeida, e laçava com meu pai no Piquete de Laçadores Sentinelas do Tope. Ele sempre me questionava, às vezes num tom de brincadeira, “mas você não ia pra padre?”. Esse questionamento me desconcertava um bocado, mas me possibilitava continuar o diálogo e ouvir o Seu Rodolfo.

Pois bem! Ele passou por mim e Dona Amélia, cumprimentou a ambos e seguiu para a missa. Diante disso, ela me olhou e perguntou: “Quem é este?” Respondi que era o Rodolfo e perguntei desconfiado: “E eu? A senhora sabe quem sou eu?”. No mesmo instante aquela senhorinha, minha amiga, respondeu-me dizendo: “ah, de você eu não esqueço”... E dessa frase eu também nunca mais esqueci.

Logo depois que conversei com Dona Joana pela primeira vez, e entendi que o professor Maneco era o sogro da Dona Amélia, desejei falar com ela. Na verdade, queria saber um pouco de minha avó, mas talvez descobrisse alguma informação a mais sobre a figura do velho professor. Foi numa tarde de inverno, em julho de 2006 que a visitei. Ao redor do fogão à lenha, na casa do filho, iniciamos uma prosa calma e atenta, isso porque, Dona Amélia era extremamente calma e atenta por demais àquilo que estava me contando.

“Meu pai se chamava Martimiliano Manoel dos Santos, e minha mãe Francelina Aguirre dos Santos. Eu nasci ali onde morava o Ricardo, meu irmão. Ali, adiante do Tope, perto da estrada que vai para Camargo. Sou sobrinha do Saturnino Aguirre. Tive três irmãos: Pedro, Tereza e o Saturnino, que chamavam de Ricardo. Eu sou a terceira filha que nasceu”. E

desse modo a conversa continuava. O pai falecera quando ela contava com três anos de idade, e a mãe havia batalhado bastante para criar os filhos ainda pequenos.

Em meio à conversa, perguntei sobre minha avó, o que sabia. Bem! Não me foi contado muito além daquilo que já descobrira. Mas existia uma informação nova: a Zulmira, diziam, havia sido namorada do Ricardo. Isso mesmo, elas quase teriam se tornado cunhadas. Diziam até que minha avó teria engravidado, e depois perdera o filho... O fato é que falavam tantas coisas sobre ela que, a essa altura do campeonato, não era possível confirmar a informação. Tampouco outras tantas histórias, como aquela em que afirmavam alguns vizinhos seus que ela, já em meia idade, havia morrido e “revivido” duas ou três vezes pelos anos afora. Nas ocasiões em que isso acontecia, seus amigos já estariam preparando o velório, inclusive a confecção do caixão quando, num piscar de olhos, a mesma acordava. O que ela dizia sobre esses acontecimentos? O mesmo que algumas pessoas dizem ao ter passado por experiência similar: havia ido até o céu e voltado, por algum motivo ignorado.

Sobre o combate dos Três Passos, lembrava D. Amélia que mataram Manoel Honório, Pedro Rodrigues e outros. Sabia me contar muito pouco a respeito e não recordava de detalhes, tendo em vista que nasceu alguns anos depois, e sobre tal combate não se comentava no povoado. Quando lhe perguntei do sogro, contou que havia vindo ao Tope a mando do governo e construído uma escola.

A mulher do professor Manoel ficou ainda morando na escola quando ele faleceu. O edifício foi construído assim: amassavam o barro e iam fazendo a parede com taquaruçu, entrelaçado, (ao que imagino se assemelhe hoje a uma bioconstrução). Foram muitas as crianças que estudaram naquele colégio. Aliás, ele havia sido construído no mesmo espaço onde ainda se encontrava a sua velha casa, que deixou de habitar quando foi morar com o neto há alguns anos, na Fazenda, e depois retornado para o local, e passando a residir com o filho, nora e outros netos.

“O Pedro da Carmelita era menino quando a escola, que era feita de barro foi desmanchada”, comentou Dona Amélia. Ele era um descendente de uma indígena, provavelmente Kaingang, que morava próximo ao barranco da estrada que dá acesso ao município de Camargo-RS. Lembro muito bem do Pedro, de cor parda, sempre vestido com uma pilcha clara, vir nos velórios das pessoas mais antigas do Tope. Nunca conversei com ele, mas me disseram quem era, porque minha curiosidade queria saber a respeito daquela figura que, volta e meia, estava ali na localidade. Mais tarde conheci, no curso de Letras, um filho seu também de nome Pedro, que faleceu recentemente.

Ao lado do colégio existia uma casinha que havia sido construída com madeira lascada a machado. A respeito da primeira igreja, D. Amélia não lembrava, mas recordava-se do santo (de pano, pintado). Havia um crucifixo e a imagem de Nossa Senhora da Conceição. A mãe de Amélia ouvira bastante sobre São João Maria, o monge que andou pelo Tope e sobre o qual relatavam muitas histórias.

Perguntei a ela ainda a respeito da escola, se lembrava mais sobre o sogro, ao que me respondeu que o educandário inicialmente era direcionado somente a meninos. Sabia também que o professor Maneco havia morrido em Passo Fundo-RS, de onde tinha migrado para o Tope, e por isso estaria sepultado lá. Quando chegou o tempo de ir para o colégio, já era uma cunhada sua que atuava como professora. O “estudo” era por livros. Livro 1º, 2º, 3º.

Ela casou-se no Tope, aos 19 anos de idade, com Alcides Schell, como explicado anteriormente, filho do professor. Deles descenderam os filhos Pedro Moacir, Manoel Odalgiro, Clonedir e Antônio Adair. D. Amélia gostava de dizer que “foi uma moça prendada”. E todos que a conheciam admiravam-na pela calma com que seguia sua vida. Faleceu no Tope, aos 99 anos de idade, no dia 13/10/2009. Na missa de despedida, ajudei sua neta Jucélia na escrita e leitura de um texto em sua homenagem. Por muito tempo, arrependi-me de não ter conversado e questionado mais D. Amélia, a respeito do passado da localidade, assim como não fiz no caso de D. Joana. Certamente, sua calma e sua boa memória teriam me contado muito do que ainda não sei, do que talvez nunca venha a saber.

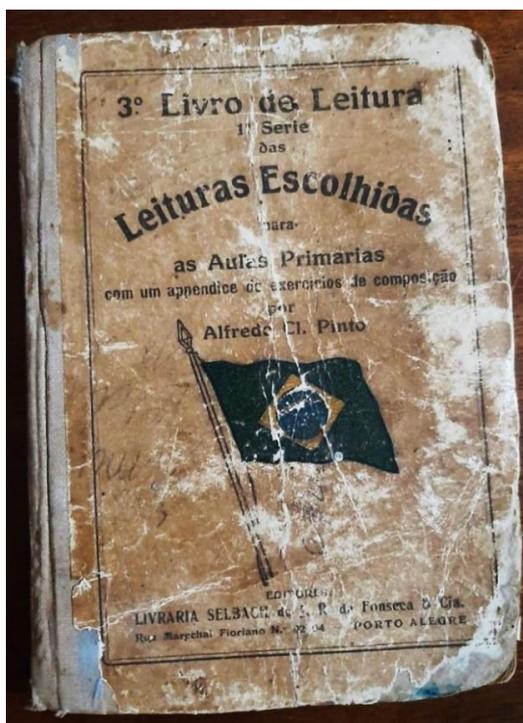


Figura 10: livro utilizado por Amélia dos Santos Schell nos primeiros anos de escola.

Muitas foram as conversas que se sucederam com o passar do tempo. Conversei ainda em 15 de agosto de 2005 com o Sr. Antônio Lamaison, já falecido. Esse senhor, tradicionalista e amigo do meu pai, residia em Marau e era um pesquisador nato da história e do tradicionalismo. Foi ele quem me trouxe algumas das primeiras informações sobre as famílias do Tope. Depois, conversei igualmente com o Seu Romil Soares Cavalheiro, Dona Leonor Ghering, Seu Júlio Stumpf, Salete Suello, com os falecidos Rodolfo Becker e Gumercindo Mariano Saraiva Salles, Evandro Aguirre, Genoí e Laídes Cavalheiro, além de muitas outras pessoas que me procuraram para saber se eu havia levantado dados sobre suas famílias, ou ainda para apresentar informações também riquíssimas, a exemplo de Mirabeau Hoppe e Salete Cadore, cujos ancestrais tinham raízes no Tope, próximo ao capão de jabuticaba.

Com o passar do tempo, muitas narrativas foram mescladas em minhas anotações, de modo que, quando estou na localidade, posso afirmar com tranquilidade onde residiam uma boa quantidade de antigos moradores e suas famílias. Certa vez, conversando com uma senhora, eu disse: “Ah, o seu Martiminiano morava ali, na direção de quem vai a Camargo, mas este certamente a senhora não conheceu”, ao que ela me respondeu: “conheci sim, claro.” No entanto, era impossível ela ter conhecido um senhor que viveu no Tope há mais de 100 anos, tendo ela residido em outra localidade e contar com uns 60 e poucos anos de idade. Provavelmente estava enganada com relação à pessoa ou ao nome.

E nessas circunstâncias fui descobrindo também que nem todos os casos que me contavam podem ser comprovados. Entretanto, sou um bom ouvinte e estou continuamente interessado em saber as narrativas sobre a minha terra. Coleciono histórias, assim como coleciono objetos e documentos antigos que ajudam a contar essas histórias.

1.3 OS ITENS DE UM ACERVO EM CONSTRUÇÃO

Preservar memórias de outros, para que elas não se percam através dos tempos, registrar, anotar, fotografar, cuidar... Depois que passei a conversar com velhos anciãos de minha comunidade, esses verbos tornaram-se parte do meu caminho, e acredito que não seja mais possível falar de minha jornada sem lembrar disso. Enquanto eu estiver aqui, creio que continuarei registrando memórias.

Inicialmente eu possuía em mãos uma pequena caixa de lata enferrujada, com algumas lembranças dentro. No entanto, o que passou a ocorrer possibilitou-me reunir muito mais do que isso. Os amigos do Tope, e também alguns dos arredores, passaram a perceber minha

acentuada intenção de saber mais sobre o povoado, sobre as histórias de famílias, e não somente a respeito de Zulmira. Por isso, iniciou-se aí um processo significativo de doação de itens para o que se tornaria, mais tarde, um acervo de antiguidades que ajudam a contar um pouco do que fora o povoado. Naquele tempo, por volta de 2007, meus pais haviam construído um pequeno galpão de alvenaria, a fim de reunir vizinhos e amigos, para jantares e algum bailinho, como eram realizados antigamente ali, entre outras atividades. Foi esse o espaço que ocupei para guardar os objetos que foram sendo doados, resgatados, adquiridos.

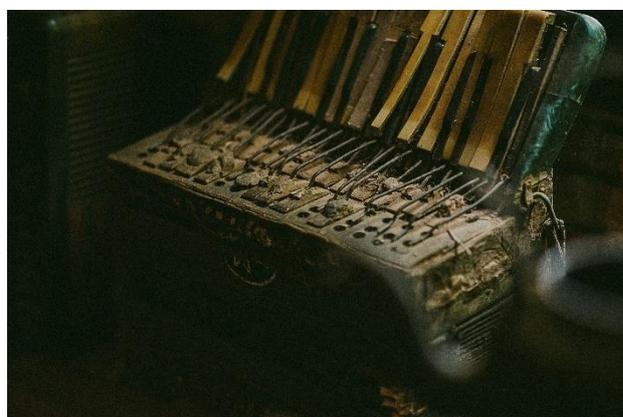


Figura 11: objetos reunidos em acervo.

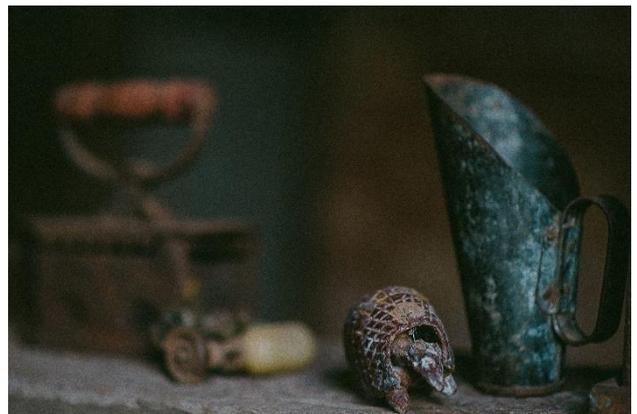
Em uma ou outra janta, eu fazia questão de mostrar o que tinha recebido e que agora estava no local, cuidado, disponível e exposto para os moradores apreciarem. E, em determinados momentos, além dos vizinhos e familiares, alguns grupos passaram a visitar o local, a exemplo das senhoras do Clube de Mães Rosário de Maria, do Tope, do Grupo de Cavalarianas Anita Garibaldi, de Marau, e de escolas de localidades vizinhas, como a de Colônia Gobbi, no interior de Nicolau Vergueiro-RS. Toda vez que alguém desejava visitar, contava-lhes a história que sabia do Tope e também a respeito dos itens do acervo. Com isso, muitos lembravam de algo que tinham em casa e passavam a desejar que fosse juntado a esses itens. Algumas famílias, como os Schell e os Aguirre, ao desmancharem velhas casas e

galpões, doaram-me um número expressivo de peças, muitas das quais descrevo nas linhas que seguem.

1. Arado, puxado por junta de bois;
2. Acordeon;
3. Ferro à brasa;
4. Quadro de Nossa Senhora de Montserrat;
5. Quadro do casal Josué João Frizon e Maria Gracco Frizon;
6. Trempe de aço, trazida da Itália pelos Frizon;
7. Freio de domar cavalo;
8. Máquina de costura à mão;
9. Gamela;
10. Flême (objeto de tirar sangue de cavalo);
11. Rádio;
12. Lousa;
13. Xícara de chá;
14. Ferro à brasa pequeno;
15. Candeeiro;
16. Alicate utilizada para capar cavalos;
17. Mala de tropeiro;
18. Candeeiro grande;
19. Rádio menor;
20. Mala de couro;
21. Sofá;
22. Pilão;
23. Baú de couro;
24. Mapa do RS, contendo a descrição do Tope;
25. Bule de porcelana;



26. Caneca de baile do chopp;
27. Bengala de madeira;
28. Poster com membros da Família Frizon;
29. Sineta de escola;
30. Ferro de marcar gado;
31. Pegador de brasa;
32. Castiçal esmaltado;
33. Tinteiro;
34. Mini caldeirão;
35. Máquina de costura média;
36. Vasilhame de barro;
37. Seringas de matar formiga;
38. Cantil de lata;
39. Castiçal de ferro;
40. Autorretrato de Ceni Aguirre;
41. Caneca de esmalte;
42. Xicara de chá pequena;
43. Rádio preto;
44. Carriola;
45. Diligência;
46. Arado menor de puxar com cavalo;
47. Poltrona;
48. Cadeiras de sala de jantar;
49. Debulhador de milho;
50. Mini atafona;
51. Máquina de plantar manualmente;
52. Bule esmaltado em cor verde;
53. Espingarda;
54. Dois outros baús de couro;
55. Baú revestido em tecido;
56. Açucareiro;
57. Coador de torresmo;



58. Tachador de calçados;
59. Fôrma para fabricação de velas caseiras;
60. Moedas do início do século XIX;
61. Sapatinho de pano, confeccionado para batizado;
62. Mesa de madeira;
63. Cristaleira;
64. Tijolo da primeira igreja do Tope;
65. Telhas feitas na “coxa” dos escravizados, que foram fabricadas no Tope para uma das primeiras casas de alvenaria;
66. Parte da carroça do coveiro;
67. Cesta de cipó;
68. Patinha de porcelana;
69. Relógio de parede;
70. Relógio de parede em formato de frigideira;
71. Chaleira de ferro;
72. Panelão de ferro;
73. Capelinha com Nossa Senhora das Graças;
74. Duas malas de pano;
75. Lampião com base de vidro;
76. Pedregulho de taipa construída por escravizados na Estância Quadros;
77. Alguma dezena de cadernos e livros pertencentes ao professor;
78. Peneira;
79. Formões usados para talhar madeira;
80. Uma caixa de lata enferrujada, contendo itens diversos...



É fato que todos estes itens, bem como algumas das histórias de vida das pessoas às quais essas antiguidades pertenceram, foram introduzidas no meu dia a dia. Sempre tive uma queda por “coisas” antigas. Porém, agora poderia me considerar responsável por tudo aquilo.

As famílias confiaram a mim o material, porque entenderam que guardaria. Talvez tenha sido um modo de tudo aquilo não se perder no tempo. Então, em outras palavras, passei a ser uma segurança de que as histórias fossem preservadas.

Naqueles anos, também, eu era um dos poucos filhos da localidade a iniciar uma faculdade. Além disso, estava sempre interessado em saber dos causos pelas vozes dos descendentes dos caboclos ou das famílias mais “tradicionais”. Quando alguém de fora queria saber sobre o lendário Tope, muitos diziam “o filho do Lírio sabe dizer”. Esse aspecto, atrelado ao fato de estar me tornando um professor, certamente contribuiu para que famílias confiassem a mim um pouco de suas histórias. Afinal de contas, quem sabe no futuro eu pudesse contá-las de algum modo. Talvez, num passado muito distante, alguém já tenha buscado fazer isso no antigo povoado. É fato que me senti no dever de pesquisar, escrever e preservar mais, e isso passou a ser um pouco da minha jornada.



Figura 12: retrato de um acervo de memórias em construção, no Tope.

2. O ANTIGO POVOADO DO TOPE: TERRA ONDE HABITA DEUS

Sempre existe uma ilha onde sobrevive algum leitor, como se a sociedade não existisse. Um território devastado no qual alguém reconstrói o mundo perdido a partir da leitura de um livro. Melhor seria dizer: a crença no que está escrito num livro permite manter e reconstruir o real perdido. Essa relação fica evidente em muitas cenas de Robinson Crusoe, o romance de Defoe⁸.

Vocês já descreveram um lugar, tendo como base informações que vieram de várias vozes, e em períodos diferentes, numa tentativa de mostrar a terceiros aquilo que sabe a respeito desse lugar? Pois então! Assim se constrói a narrativa apresentada nas linhas a seguir. Ela tem como base fatos que aconteceram em momentos diversos, e me foram contados por atores que descendem de muitas das nossas famílias. São memórias que, mescladas à minha, poderão proporcionar-lhes percorrer um pouco do Tope de antigamente.



Figura 13: vista das coxilhas do Tope

No alto de uma coxilha, com vastas extensões de campo, e algum tanto de mata nativa, cercado por elevações menores; há ali uns poucos riachos pedregosos, com duas ou três pequenas cachoeiras, ladeadas por restingas: assim se caracteriza topograficamente o Tope. A estas pequenas matas e riachos, acorrem espécies de animais silvestres, como veados, pacas, tatus, emas, bugios, quero-queros, etc. Este espaço, ocupado por indígenas desde período

⁸ Nas palavras de Ricardo Piglia (2006, p. 145).

ainda incerto, passou a ser lar, também, de pessoas oriundas de outras regiões do Brasil ou de Portugal em inícios do século XIX, e posteriormente, da metade do referido século em diante, de imigrantes de outros países europeus, chegados através do porto de Rio Grande, ou da fronteira com a Argentina, pelo antigo Caminho das Missões.

A principal estrada que corta a localidade é muito antiga. Ela foi a primeira a ligar Soledade à Passo Fundo. Mas talvez, muito antes desses dois lendários municípios, o caminho já existisse. Possivelmente tenha sido trajeto de indígenas, bandeirantes ou jesuítas. Não sei ao certo, e às vezes exagero um pouco quando imagino quem tenha passado por ela. O que sei é que foi caminho de chegada de imigrantes e suas famílias; foi também caminho de tropeiros e mercadores, que transportavam nas carretas ou carroças os produtos da terra, como a erva-mate, para serem vendidos em outros lugares, como Rio Pardo, por exemplo.

Nessa estrada, para quem vai a Faxinal ou à Restinga, existe o Resvalador. Quer dizer, há o lugar, porque quase não habitam mais moradores, apenas umas duas ou três famílias. Nunca construíram igreja ali e descobri que, no passado, era localidade habitada, dentre outras, por uma família síria. E eu até encontrei uma das descendentes, há poucos anos... Há também, bem próximo, uma família que dizem ser de origem turca. É a divisa entre Marau e Ibirapuitã, mas do mesmo modo estamos numa região de divisas antigas, de modo que ali mesmo já tenha sido território da velha Soledade, que, como diz Simões Lopes Neto, na abertura de *Contos Gauchescos*⁹, é a “flor do deserto, alma risonha no silêncio dos ecos do mundo”...

Um pouco adiante da ponte, no sentido oposto, existia a casa do seu Januário Flech Gomes, o dono de um moinho, de um soque de erva-mate e de um descascador de arroz. Se não estou enganado, quando muito criança, fui com um tio meu levar milho para fazer farinha no dito moinho. E, se não ocorreu isso, pode muito bem ser imaginação minha. O Januário era filho de uma alemã chamada Felipina Flech e de um português de nome Paulino Gomes. Ele se casou com Maria Cândida Luiza Gomes (chamada de Candinha), que era filha de um indígena da região, possivelmente Kaingang, chamado Bento Manoel Luiz. O dito Januário, pai da Dona Romi e do Seu João, da bodega, tinha outros filhos também, como a Petronília, (que já é falecida), a Felipina e outros. Mas é impossível vocês falarem no Tope, e não citarem o João. Ele é um grande contador de histórias e a sua casa é uma referência na localidade.

⁹ Na abertura da obra, página 13, L&PM POCKET.

Mais adiante, na direção de quem vem do Resvalador, existiu a primeira fazenda do Valdomiro Frizon, meu tio, que chegou em 1964 com a família para habitar uma terra adquirida por eles. Logo vendeu sua propriedade aos Posser, família “tradicional” de Marau, (que ainda mantém a propriedade) e mudou-se com os seus para Vila Rica, no Mato Grosso, onde se estabeleceram há bem mais de quarenta anos. Naquela época, havia por ali uns caboclos - termo que designa descendentes da miscigenação entre indígenas e portugueses – e suas rocinhas, suas culturas, seus modos distintos de arar a terra. Quando era fim de inverno, queimavam os campos, já sapecados pela geada, a fim de que o verde do capim viesse mais forte para alimentar o gado. Em mês de setembro, preparavam a terra para o plantio. Neste período eram plantados e, cultivados, o milho, o feijão, o arroz, a mandioca, a abóbora, a moranga, entre outras culturas para o uso doméstico. E meu pai, que desde cedo vinha de Camargo a cavalo ou a pé; conta que existia um túmulo antigo, numa das pequenas propriedades, muito próximo da sede. Hoje não existe mais, pois transformaram o campo em roça e lavraram tudo. O Valdomiro foi ali um grande proprietário de terras, dono de um armazém. Era compadre de uma porção de gente do lugar. Além disso, negociava de um tudo, desde galinha até novas áreas de terra pelos arredores.

Na direção esquerda da propriedade do Valdomiro, à direita de quem vai do Tope, havia praticamente uma vila, sendo que, dela não restaram moradias. Para especificar, era formada por um contingente de caboclos que se assentou ali, utilizando-se das terras que haviam pertencido a seus ancestrais, posto que não tinham condições de residir na sede da localidade. Ali existia armazém, e talvez outros pequenos comércios. Ainda, algumas pessoas com raízes na localidade poderão se recordar, que nesta vila morava uma parteira chamada Júlia Nogueira da Rosa. É certo que conheci um neto da D. Júlia e que, inclusive, há pouquíssimo tempo, ganhei de sua família uma mesa de lavatório que pertenceu a esta senhora (já falecida há muitos anos). Depois que soube de Júlia, algumas vezes, coloquei-me a observar que a velha mesinha, que agora me serve como espaço de oratório, pode muito bem ter sido utilizada como suporte para bacias as quais serviam em nascimentos de tantas e tantas crianças. Mas, não foi somente ela a responsável por virem ao mundo rebentos nascidos no Tope. Houve certamente outras parteiras, cujos nomes ainda não foram acessados pelas memórias a mim contadas. Um exemplo disso, é o surgimento de uma outra personagem real: Dona Bertolina, que morava na estrada que vai dar logo ali, na propriedade da família de meus pais.

Se vocês andarem um pouco mais, chegarão próximo à entrada da hípica da família Almeida, no caminho que vai ao Carrascal, ao Paraíso, ao Pinhal... Não muito distante nesse

mesmo caminho, lembro-me bem, existia uma família, os De Mattos, fui lá ao menos uma vez com meus pais. Eles tinham uma rústica tecelagem, utilizavam-se da lã de ovelha para tecer ponchos, blusas de lã e também alguns itens para a encilha dos cavalos. Ainda deve existir aqui por casa algum destes itens confeccionados pelos De Mattos, material muito bem feito. É uma pena que naquele tempo não existisse em minhas mãos nenhum celular ou câmera fotográfica para registrar a pequena indústria familiar.

No que diz respeito à hípica, esse é um local que conheci desde muito pequeno, e onde também existia uma pista de laço. Aliás, era lá a sede do Piquete de Laçadores Sentinelas do Tope, do qual meu pai fez parte junto a outros homens dali. Quando eu tinha uns cinco anos, montado na minha petiça Monarca, ia com o pai para a hípica, e conta ele que lá, no meio do povaréu que se juntava, era difícil que alguém me pegasse. Depois de montado a cavalo, galopava para todo lado, pensando decerto que seria eu no futuro um jóquei também. Se retrocederem na estrada, no mesmo caminho, em direção ao cemitério, passarão pela casa do Seu Alfredinho Almeida, o dono das terras da hípica, administrada posteriormente por seus filhos.

Muitos conhecidos dizem que não é possível falar do Tope sem lembrar das carreiras nos Almeida. Pois eu também me lembro. E lembro bem! Desde pequeno andei muito por lá com meu pai e meus tios. Aliás, dali, daquelas redondezas, quem não terá assistido, ao menos, a uma corrida de cavalo? Há muito pouco tempo, soube que meu avô materno, Seu Lúcio Antônio Rodrigues, já falecido, andou muito por essas bandas. Ao que sei, ele era descendente de um indígena que foi pego no mato e criado por uma família branca, nasceu na região de Arvorezinha-RS. Os descendentes tinham ligação com corridas de cavalos. Lúcio era jóquei e seu pai Firmino havia sido compositor (alguém que prepara os animais e cuida, por meses, antes da carreira). Mas, deixamos essa história pessoal para lá e voltamos ao Alfredinho. Eu conheci esse senhor quando ele já estava de cabelos brancos, mas sei que durante toda sua vida usou bombacha. Foi um cidadão honrado e muito respeitador. Recebeu esse nome em homenagem a um tio seu, o Seu Alfredo Câmara de Almeida, que residiu em Camargo-RS. De educação ímpar, foi sempre homem respeitado na região. Ele nasceu no dia 14 de março de 1916 e faleceu no dia 11 de agosto de 2007. Foi casado com Cresceldia Gelhen de Almeida, que nasceu em 15 de fevereiro de 1923 e faleceu em 24 de março de 2007, meses antes da morte do marido.

Uns passos adiante da casa do Seu Alfredinho, há um campinho. A vó me contou que naquele campo se instalou certa vez um circo. Imaginem vocês, que um circo teria passado por ali, pelos idos de 1900. Depois que fiquei sabendo, não há uma única vez em que passe

pelo local e não imagine carroças chegando com uma trupe de artistas, e os moradores do povoado assistindo a algum espetáculo, certamente um dos poucos a que muitos deles tiveram acesso. E não posso esquecer do armazém do Nelo, assim como uma casa de baile, que existia também próximo do caminho que leva na Fazenda do velho Hipólito Reveilleau. O Nelo era o pai da Dona Lana, amiga minha e conhecida na região como a maior costureira de todas. As bombachas, as melhores, eram todas confeccionadas por ela. Não faz muito que ganhei dessa senhora um medidor de café e grãos, daqueles em que há nas bancas de fruteiras para comprar à granel. Sim, é um medidor do armazém que pertenceu ao seu pai Nelo...

Se a caminhada continua, passarão por uma propriedade em que há cinamomos muito, mas muito antigos. É a casa do Valdemar Gehlen Filho. Naquele lugar foi construída uma das primeiras casas do Tope. Por ora, só quero contar que aqueles cinamomos testemunharam muita história. Depois, andando um pouquinho mais, logo chegarão no entroncamento, com estradas que vão dar em várias outras localidades. De um lado da estrada está a bodega do Seu João, do outro lado o antigo cemitério. Se eu for parar nesse ponto para contar todas as narrativas a respeito desse trecho, me demoro demais. Mas, antes que me esqueça, quase em frente à bodega havia uma lagoa, era ali também um lugar de paragem dos carreteiros e dos tropeiros. Não sei precisar se era o lugar onde reuniam as tropas de gado e mulas nos tempos do tropeirismo.

Então, é preciso seguir viagem! Vão chegar à casa da Dona Amélia e do Seu Alcides Schell. Essa habitação conheci bem. Foi de lá que retirei alguns dos itens do acervo de antiguidades. No terreno ao lado ficava o velho colégio, a igreja também era construída bem próxima e, por fim, naquele mesmo lado da estrada, a casa do Saturnino Aguirre, que fora casado com Dona Elvira e com quem teve quatorze filhos. Isso mesmo, uma família numerosa. Do outro lado da estrada, a fazenda do “Chicuta Becker”, ou Francisco Becker, que nasceu em 17/03/1892 e faleceu em 18/05/1968. Foi um fazendeiro do Tope, o mesmo que doou um pedaço de terra para a ampliação do cemitério... A casa que ali existia também tive a alegria de conhecer, pois fora um armazém e estive lá com meu pai, sabe-se Deus em que ano. Lembro da construção: pintada de verde musgo e com uma área cuidadosamente desenhada em forma de arcos. Há tantas narrativas sobre essa bodega. E certamente existem muitas outras em se tratando da Fazenda do Espinilho que, no passado, localizava-se por ali.

Depois, ao continuar pela estrada chegarão no Passo das Aranhas. É um pequeno riacho, não sei bem porque o denominaram assim. E, logo após, há a casa do Loivi. Se eu decidisse descrever a personagem que foi este homem, certamente ficaria muitas páginas tentando e ainda assim não conseguiria. Não tenham dúvidas! O Loivi deixou muitas

narrativas, se tornou uma lenda. E quando ele morreu, vejam bem, até o Frei, que era pároco na época, chorou. Era um gaúcho e tanto, sempre pilchado, sempre teve seu cavalo e os seus cuscos, que lhe acompanharam pela vida afora, inclusive no velório e no seu sepultamento.

No caminho, que segue, encontrarão a casa da fazenda do Mário Hoppe. Ele foi casado com uma argentina, a quem chamavam Tita e era filho do velho Guilherme. Essa família teve descendência também da família dos Gil, pois o pai do Mário, o Guilherme, foi casado com uma filha do José Maria Gil, portugueses que, por volta de 1850, vieram de Vacaria com uma tropa de gado e se estabeleceram por ali, próximo ao Capão de Jabuticaba. A casa do Mário foi uma das mais belas construções do Tope, sei disso porque a vi, mesmo que em ruínas, e a fotografei para a posteridade. Foi erguida perto de um riacho, na frente de uma pequena colina, rodeada por verdes campos. Contaram-me que sua esposa gostava muito de flores, e que em volta da casa havia um jardim que era extremamente florido. “Roseiras no arco do portão”, palmas e tantas outras espécies que hoje já não são vistas com frequência por aí. Quando ouvi essa descrição, ao passar pelo local, que já havia se tornado uma tapera, tratei de colher umas mudas de palma branca para “guardar de recordação”. Talvez a dona ficasse feliz com a minha atitude.

Depois, chega-se na Fazenda dos Ribeiro. É uma vasta extensão de terras que pertenceram ao Seu Ademar Falkembach Ribeiro, pai do Seu “Ado”, um conhecido amigo meu, assim como toda a sua família. O Seu Ademar nasceu em 10/06/1905, e era filho de João Ribeiro e Leonora Falkembach. Os campos permaneceram por muitos anos cobrindo de verde essas coxilhas até que, rendidos pela cultura da soja, foram pouco a pouco lavrados. Lá também havia uma cancha de carreiras e é um território de tantos causos. Aliás, foi ali, naquela fazenda, que foram gravadas algumas cenas de um filme do lendário Teixerinha. A família guarda com carinho registros fotográficos com o artista. Ali também, contou-me meu pai, foi gravado um programa de televisão do qual ele participou, não se recordando qual a Emissora, nem o ano ou o nome do Programa.

Logo mais à frente, um pouco antes dos Três Passos, o lugar do Combate. Ainda adiante, a Fazenda do Ismael de Quadros, a primeira estância do Planalto Médio e de onde eu, há poucos anos, furtei uma pedra minúscula da taipa de um açude, pois ouvi falar que teria sido construída por escravizados. Aliás, fontes orais me relataram, em 2011, que o significado do nome Três Passos advém do tempo da Revolução Federalista, tendo em vista que, do campo da estância até o local onde ocorreu o combate, existia três passos de água para serem cruzados. No mesmo caminho, um pouco antes está a Carreta Quebrada, localidade onde uma carroça, que transportava mercadoria para ser vendida em Passo Fundo, teria atolado no barro

e depois sido abandonada por seu dono. Há também um cemitério antigo, agora quase abandonado, na margem da grande fazenda. Certamente serviu para o sepultamento de peões e de gente do lugar. E está o rio Jacuí, e depois o Passo Fundo.

Essa foi uma parte do caminho de muitos que pelo Tope passaram, que por aqui cruzaram, pararam, constituíram família, ficaram para fazer história, ou se foram para construí-la em outros lugares. Vejam como é vasto o nosso campo e como poderia ser prodigiosa a nossa escrita. No entanto, paro por aqui, por ora, para escrever sobre os que ficaram, nas duas possibilidades de interpretação da sentença. Isso, porque eu também, de certo modo, decidi ficar. Há muitos modos de ficar e de partir. Não sei ao certo se eu escolhi permanecer, ou se é essa terra que permanece em mim.

2.1 ORIGENS DE UM CAMINHO QUE LEVA A MUITOS LUGARES

Não se sabe precisamente o ano em que o antigo povoado do Tope iniciou. O que é certo (e esse é um fato comum em muitas outras localidades), é que aqui habitavam descendentes de indígenas que, de algum modo, podem ter adquirido sobrenomes portugueses. Certa vez, em uma palestra com professores, ouvi que a expressão “Tope” também significa em língua Kaingang “a terra onde habita Deus”.¹⁰ Gostei dessa denominação e passei a usá-la em alguns momentos de escrita.

Há indícios, até mesmo em antigos registros bibliográficos, que fazem pequenas referências à localidade. De acordo também com relatos de habitantes, de fato, a estrada que liga Passo Fundo a Soledade é, senão a primeira, uma das primeiras da região, e que também levava, dentre outros destinos, a Rio Pardo (cidade antiga do Rio Grande do Sul, e uma das primeiras a ter uma rua com calçamento). Esse caminho que corta o Tope faz parte da antiga estrada que era chamada Picada do Botucaray¹¹, aberta ainda no ano de 1810. Por ela, durante muitos anos, passaram tropeiros com cavaleiros e muares - alguns com destino a Sorocaba -SP, e também carretas com produtos da terra.¹² Isso, além de migrantes de diferentes povos e culturas.

¹⁰WIESEMANN, Ursula Gojtéj. Dicionário Kaingang – Português. 2. Ed. Disponível em: <<https://www.sil.org/resources/archives/42876>>. Acesso em: 07 mai 2022.

¹¹Acessado em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/soledade/historico>.

¹²OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. Passo Fundo na Viação Nacional. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1957. p. 11.

Sabe-se que, em 1838, a estrada serviu de passagem para o vice-presidente da República Riograndense¹³, José Mariano de Matos e, em 1839, forças legalistas teriam transitado pela região. Já em 1843, registra-se que passou pelo local a “Coluna Farroupilha”, do General José Gomes Portinho.¹⁴ Essas informações foram colhidas em material bibliográfico, mas, também já ouvi falar na possibilidade de que pela picada teriam passado Giuseppe e Anita Garibaldi. Não sei se isso de fato ocorreu, talvez nunca saiba, porém, penso que é possível, se levarmos em conta as informações mencionadas anteriormente.

A localidade pode ser definida por uma linha “imaginária” que separa o campo da serra. De um lado, observavam-se os campos das grandes fazendas que pertenciam ao interior da já citada Soledade, que se caracterizavam como vastas extensões de terra, destinadas à criação pecuária, e utilizando-se sabidamente de um considerável contingente de mão de obra escravizada. Além disso, era possível avistar a predominância de extensos ervais. De outro, avista-se o início de uma região de serra, que foi colonizada, em grande parte, por imigrantes italianos e seus descendentes, cujos espaços eram caracterizados por propriedades de menores extensões e mais voltadas à produção agrícola, utilizando-se da mão de obra da própria família.

Numa outra direção, o início de comunidades com colonização predominantemente alemãs, como é o caso de Ernestina-RS, onde se percebiam propriedades inicialmente pequenas, algumas das quais foram se estendendo com o passar dos anos. Isso, pois, conforme o êxito dos negócios de seus proprietários; dentre essas propriedades caracteristicamente germânicas, evidenciava-se a preocupação com o suprimento de atividades de indústrias, ainda que primárias, tais como a implantação de serrarias, moinhos, ferrarias entre outras. Torna-se, desse modo, uma divisão significativa de maneiras de viver, de trabalhar na terra e assim por diante. Tais diferenças são visíveis desde o modo como os habitantes cuidam das sedes das comunidades, dos cemitérios, de suas propriedades e como lidam com questões culturais, de convivência.

Não é difícil avistar, ao longo do caminho de estradas de chão que chegam a Soledade, pequenos cemitérios, que contam com apenas um, dois ou três túmulos, no alto das coxilhas. Em grandes extensões de terra, que hoje têm a presença de poucos moradores, na sua maioria peões ou capatazes de fazendas, há ainda algumas dezenas de casas centenárias, taipas

¹³Durante o período de 1835 a 1845 ocorria no Rio Grande do Sul a Guerra dos Farrapos. Os rebeldes que lutaram contra o governo imperial proclamaram a independência do território sul-riograndense, o denominando de República Riograndense. A mesma não tinha reconhecimento de legitimidade pelo governo central.

¹⁴OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. Passo Fundo na Viação Nacional. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1957. p. 13.

construídas com pedras, templos religiosos e modos de vida ainda bastante peculiares, como no caso da localidade de Segredo, perto da Raia da Pedra, que visitei há alguns anos e que parecia estar parada no tempo. Lá, pouquíssimas famílias possuíam carro ou trator. Em algumas casas nem luz elétrica havia e viviam praticamente de suas rocinhas.

Na direção contrária, na estrada também de chão que dá acesso à Passo Fundo, e que igualmente já foi mencionada, há o mesmo. Alguma que outra extensão de terra ainda mantém campo nativo. Porém, na sua maioria, o campo deu lugar ao cultivo de soja, fenômeno ocorrido em grande parte do território riograndense. Nessa região que lhes apresento, tanto numa quanto noutra direção, há propriedades com vastas extensões de terras. Isso ocorre em muitos casos porque pequenos proprietários as vendem a latifundiários, e seguem para as cidades circunvizinhas, habitando na maioria dos casos as regiões periféricas.

No passado, no entanto, tudo era campo ou mato fechado, cortado por pequenos riachos. Estradas eram picadas, cruzadas apenas por carroças, carretas, tropeiros, andantes. Nesse sentido, a vegetação nativa era expressiva. Nas palavras de minha avó, as propriedades não tinham cercas, e o gado, que vivia costumeiramente em campo aberto, era reconhecido por seu dono pelas marcações à brasa. Nos corredores, em muitos trechos, moravam famílias humildes, que viviam com pouco ou nenhum dinheiro. Eram essas famílias destituídas da posse das terras, tendo sempre, para habitar, a concessão dos donos dos campos, dos quais se tornavam peões ou agregados em muitas circunstâncias. Outro fato a ser observado é, como já mencionei, os ervais ainda nativos, comuns em parte dessa região do espaço riograndense. Esses serviam como local de habitação das tribos indígenas, sendo a etnia Kaingang a mais expressiva destes campos, que aos poucos foram sendo ocupados por povos de origens diversas. Alguns indígenas, no entanto, resistiram e se integraram às comunidades que estavam sendo formadas.

O território se tornava propício para um dos divertimentos dos homens da localidade: as caçadas. Aliás, um pouco além da ponte do Resvalador, que ainda é construída em madeira, há um pequeno memorial. Ali foi morto um caçador... Acharam-no no lugar, à beira do caminho. Quando se fala nesta atividade que sempre foi privilegiada pelos moradores, lembra-se das caçadas de pacas, de veados, de tatus, de lebres, entre outros alvos. As narrativas de assombração, de lobisomem e de “seres” sobrenaturais, rondam a imaginação das pessoas até hoje e são facilmente contadas numa roda de chimarrão, em algum galpão daqui e dali.

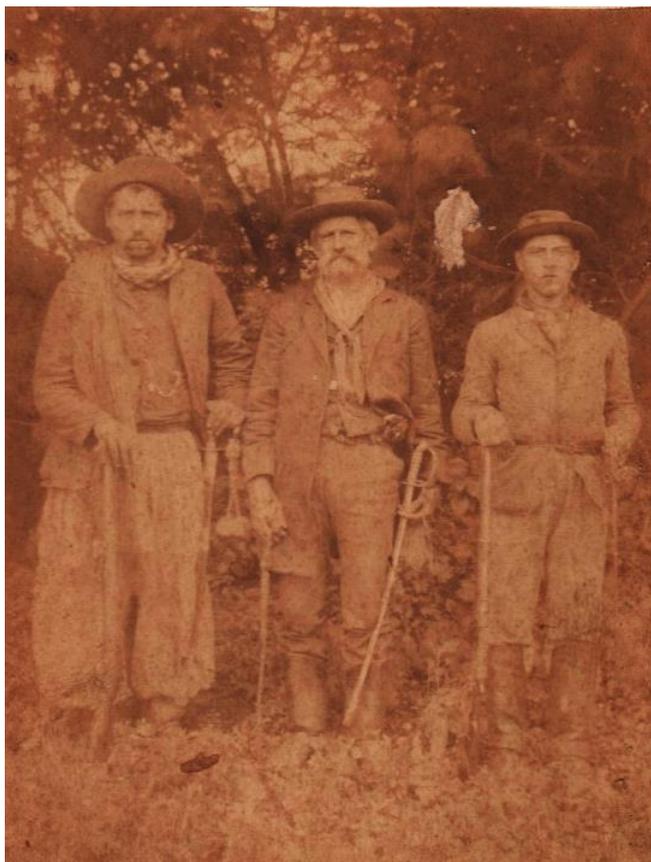


Figura 14: foto pertencente à família Reveilleau, moradores do Tope, cujos nomes são ignorados.

A picada, que se tornou estrada e testemunhou a chegada de muitos estrangeiros e gente que vinha de outros lugares, tem certamente muita história para contar. Se cada um que passou por ali tivesse assinado um livro de presença, possivelmente poderíamos hoje ter uma noção da diversidade de andantes. Cada um seguiu sua jornada e fez seu caminho. A estrada se mantém servindo de testemunha dessas passagens, dos que passaram, dos que ficam e dos que ainda passarão.

2.2 PRIMEIRAS FAMÍLIAS, CONSTRUÇÕES E SUAS HISTÓRIAS

Um lugar alto, com um bom clima, cortado por uma estrada que levava e ainda leva a muitos lugares e que já vinha sendo percorrida em demasia por homens com tropas, carroças, carretas com produtos da terra. Talvez esse tenha sido um dos primeiros motivos para a chegada de imigrantes no Tope.

É certo que o lugar era habitado por indígenas Kaingang. No entanto, como a sede do povoado foi sendo construída não posso precisar, mas há textos que citam 1876 como o ano

de seu início.¹⁵ Há documentos que denotam a chegada de algumas famílias de estrangeiros ainda por volta de 1850. Essas foram ocupando o lugar que já era habitado por indígenas e/ou seus descendentes. E não eram poucos, nem uns nem outros.

Pesquisadores memorialistas, a exemplo dos professores Francisco Bernardi e Clélia Bortolini, ambos moradores de Marau, que se propõem a pesquisar sobre esta e outras localidades, (tendo por base também diferentes pesquisas) mencionam em seus escritos a chegada gradativa de famílias estrangeiras com sobrenomes como: Villanova, Kratz, Sevignone, Sturm, Müller, Zimmermann, Döhring, Arãm, Bier, Ganz, Becker, Wolf, Kader, Mäder, Salinet, Aguirre, Reveilleau, Gelhen. Mas, em documentos antigos, tais como listas de nomes que encontrei, são citados ainda muitos outros sobrenomes, como apresento no decorrer desta minha escrita.

Como se pode ver, as famílias que aos poucos ocuparam o território eram provenientes de diferentes países. Os motivos, pelos quais algumas delas ficaram e outras resolveram seguir viagem, são muitos e variados. Não é possível, nesse sentido, precisar o caso de cada uma. Entretanto, a localidade tornou-se local de parada e morada de imigrantes franceses, alemães, italianos, portugueses, paraguaios, espanhóis, entre pertencentes de outras nacionalidades. Fico a imaginar como era no início a convivência de toda essa gente que falava diferentes línguas e ainda estava a conviver com os caboclos, descendentes de brancos e indígenas e os negros. Os distintos modos de falar já não podem mais ser observados por aqui, mas aspectos culturais certamente estão presentes no nosso dia a dia e nem sempre percebemos ou sabemos, tais como a culinária e maneira de preparo de alguns alimentos como os doces de calda, a ambrosia, a coalhada, o jaracatiá, a canjica e o charque. Esses aspectos podem muito bem ser mote para novas descobertas sobre o nosso passado e a realidade atual.

¹⁵OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. O elemento estrangeiro no povoamento de Passo Fundo. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1957. p. 131.



Figura 15: Família desconhecida. A fotografia faz parte do acervo de Zulmira Portella de Menezes.

Com o passar do tempo, as carreiradas tornaram-se um evento típico do lugar, além do jogo do osso e das caçadas, que divertiam os moradores. No caso das corridas de cavalo, além da Cancha do Mango e a dos Ribeiro, uma das canchas era a própria estrada principal. O ponto de chegada ou partida destas apostas tornou-se o local, em frente ao cemitério, onde há justamente um entroncamento, formando o desenho de um laço, um tope, com uma localização mais elevada. Essa, inclusive, é uma das versões possíveis para tal denominação. Outra versão é a de que Tope deriva da palavra “topo”, lugar alto, o que também é justificado pela geografia da região, que é uma das mais altas de todo o município de Marau. De alguns dos principais pontos do Tope, atualmente, à noite, é possível visualizar as luzes de inúmeras cidades próximas ou nem tão próximas; é possível ver as coxilhas de um lado e os morros de outro.

É igualmente sabido que, antes disso, denominava-se Restinga (em referência a um pequeno capão de mato que segue um riacho por longa distância). Esse era o nome do então 5º Distrito de Passo Fundo, ainda quando o município de Soledade não havia se emancipado. O Distrito de Restinga era formado por um vasto território e fez, ora parte do território passo-fundense, ora então de Soledade, desmembrando-se mais tarde em várias comunidades. Há

dados bibliográficos que citam as seguintes informações a respeito da população do distrito em 1859, que era estimada em 1.194 pessoas livres e 217 escravizados.¹⁶

Mas, existe ainda uma outra possível denominação, que é cabível de interpretação: de que a região, quando pouco habitada por estrangeiros ou migrantes, foi chamada Terra do Divino. Essa informação me chegou por relato oral, como quase tudo que estou aqui a escrever. Quando questionei os moradores mais idosos, ninguém soube informar a respeito. Mais tarde, dei-me conta de que, ainda hoje, na capela da comunidade existe uma bandeira do Divino Espírito Santo. Sobre isso relataram-me que esta já fazia parte da primeira igreja. No entanto, nenhuma das pessoas com as quais conversei soube me dizer que a bandeira é uma tradição portuguesa, que ainda existe em muitos lugares, como a exemplo da Vila de Santo Amaro, no interior de General Câmara, Gravataí ou ainda em Ribeirão da Ilha, em Florianópolis- SC.

Na sequência de minha escrita, apresento informações sobre algumas destas primeiras famílias de imigrantes. Entretanto, devo lembrar que não me é possível descrever tudo, nem todos, tampouco abarcar na totalidade os acontecimentos. Trato inicialmente da família Reveilleau: essa família descende de um francês que chegou no Tope por volta de 1860, e que se casou com uma índia local, tornando-se uma das figuras mais conhecidas da região em que morava, logo se entende o porquê.

Falar sobre alguns aspectos da história da fazenda Reveilleau é um grande privilégio. Não tem como não se encantar com a beleza do lugar, da casa, dos campos, dos pinheirais, do velho soque de erva-mate, do riacho e das árvores centenárias. É toda uma atmosfera que nos envolve, e nos faz conhecer um pouco dessa história que começou na França. Foi lá que o químico Alexandre Reveilleau, que descobriu um método de conservação de carne, e tinha em Paris uma indústria onde trabalhava com isso, envolveu-se de forma ativa em uma revolta contra o governo de Napoleão Bonaparte III.

Sendo um dos chefes de tal revolta, teve de fugir juntamente com alguns amigos para a Inglaterra, e de lá para a Argentina onde, na Província de Entre Rios, foi pressionado pelo governador, que exigia que o químico ensinasse aos argentinos o método criado por ele em Paris. Com o cerco fechado, migraram então para o Brasil, por volta de 1860 os amigos, homens de sobrenome Reveilleau, Chaise, Berthier e Lamaison. Logo após passarem pela região de Palmeira das Missões-RS, vieram para as bandas de Passo Fundo-RS onde se

¹⁶ BATISTELLA, Alessandro. Fragmentos da história dos Afro-descendentes em Passo Fundo/RS. *Fronteiras: Revista de História*, vol. 19, núm. 34, julho-diciembre, 2017, pp. 353-372. Universidade Federal da Grande Dourados

estabeleceram. Foi nesse momento da história que o químico francês se fixou no Tope, onde viveu até os últimos dias de sua vida, vindo a falecer em 1º de novembro de 1891.

Pelas informações bibliográficas que se tem, casou-se com uma índia de nome Constância Alves da Rosa e teve, dentre todos os seus filhos, os seguintes descendentes: Hipólito, Ernesto e Vitor. O primeiro teve 08 filhos, o segundo mudou para Campo Grande-MS, vindo a se tornar General, e Vitor, que nunca casou, residia no território de Soledade, mas é sabido que teve filhos. Esses três descendentes, na juventude, voltaram à França para estudar e permaneceram lá por algum tempo.

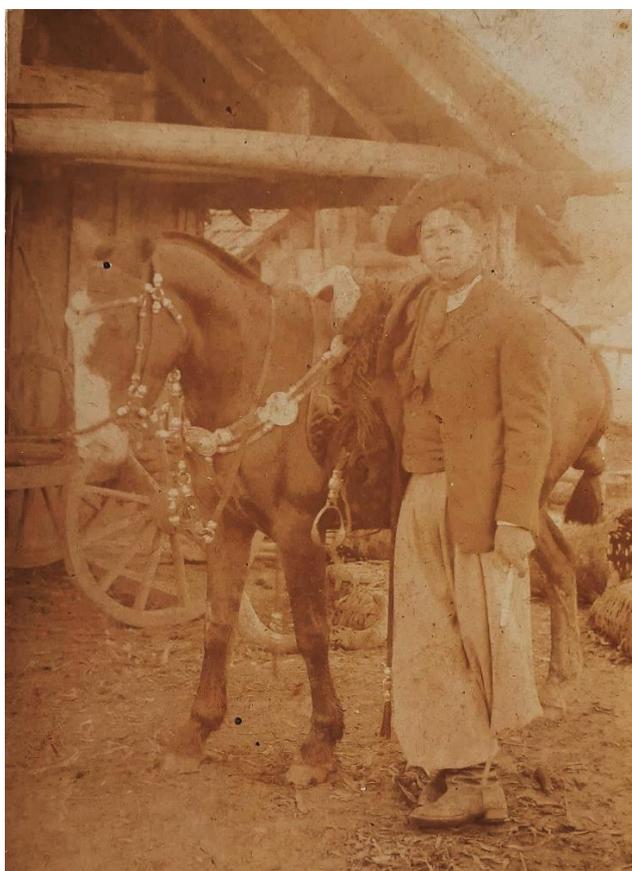


Figura 16: Antônio Reveilleau, descendente de Alexandre.

A primeira casa construída por Alexandre não mais existe e sabe-se que se situava próximo a uma cachoeira, não muito distante da sede atual. Ele era considerado curandeiro por seus conhecimentos homeopáticos, mas foi também carreteiro, levando erva-mate da fazenda para trocar com outros produtos em Rio Pardo. O atual casarão foi construído por seu filho Hipólito, por volta de 1900. No local funcionou um armazém e a farmácia da família. Por isso, eram recebidas pessoas de todos os arredores e também de lugares longínquos. O

lugar foi palco de nascimento e habitação de muitas pessoas ao longo dos anos, assim como de mortes.

O passado da fazenda foi marcado por um tempo de muitas festas, casamentos e bailes. Isso dava ainda mais vida ao casarão que, por curiosidade, era constituído por 23 janelas e 30 portas, entre as internas e externas. Minha avó participava ativamente de inúmeras destas celebrações, ajudando a organizar, coordenando a cozinha, festejando junto com os seus. A construção tem um formato em L, apenas um pavimento, edificado em madeira, com base de pedra. É também do mesmo material uma calçada que cerca o velho casarão. São pedras irregulares, que devem ter sido colhidas nas redondezas. Na propriedade, são cinco gerações que sucedem o químico francês. Seu filho Hipólito, que era o pai de Vitorino, que é pai de Derli, que é pai de Antônio Carlos, casado com Flávia, pais de Caroline, atuais proprietários da fazenda. São mais de 170 anos de presença da família no Brasil, sendo agentes de transformação, e fazendo história no Tope.



Figura 17: Casa da família Reveilleau.

Assim como os Reveilleau, os Aguirre, ou “Aguerre” como consta em documentos da família, traduzidos do francês, que tenho em mãos, formaram famílias numerosas, e adquiriram grandes áreas de terra nos arredores da Restinga. Conforme estes mesmos documentos, que me foram doados, “Pierre Aguerre” ou Pedro Aguirre se casou com Francisca de Paula Lemes. Eles são os pais, entre outros, de Pedro, Ramon e Virgínio. O Pierre era proveniente de Biorre, uma região no sudoeste da França, filho de Jean Aguirre e de

Jame Delgna. Pelos documentos, extratos do Registro feito por Pierre (Pedro Aguirre), no Vice-Consulado da França, em Porto Alegre, na data de 28 de janeiro de 1874, sabemos que o patriarca da família decidiu registrar a estes três filhos como legítimos. Além destes, amigos meus, descendentes do casal, afirmam serem filhos de Pedro e Francisca também: Lídia, Ambrósio, Honório, Helena, Vicente, Marcelino e Adelaide.



Figura 18: casa da família Aguirre.

Pedro Aguirre Filho, um dos registrados no Vice-Consulado da França, casou-se com Cecília Arã (descendente de um outro francês: Petã Arã). São os pais de Saturnino Aguirre, que se casou com Elvira Soares Reveilleau, com quem teve uma família numerosa de 14 filhos, dentre eles Alberi Reveilleau Aguirre. O Seu Alberi, pecuarista já falecido, casou-se com a Dona Romi, filha do Seu Januário Flech Gomes e de Dona Candinha. A casa habitada pela família de Saturnino, e que depois se tornou herança de Alberi, ainda existe, sendo uma das últimas construções antigas da região. Foi espaço para armazém, serviu de repartição pública, e é hoje habitada pela Romi. Seus filhos moram muito próximo ao local.

O casarão chama a atenção pela sua imponência e beleza, mas não foi construído pelos Aguirre. Certa vez, uma velha amiga minha me contou que a propriedade pertencia a um homem de sobrenome Dos Santos Vaz. Suas paredes foram edificadas com uma mistura de tijolos, barro e pedras. As antigas telhas, que não mais a cobrem, foram produzidas numa olaria que existia ali, aos fundos da propriedade. Ainda guardo algumas das telhas que o Sérgio e o Simões, filhos do falecido Alberi, presentearam-me. Uma delas, que está com os descendentes, traz o registro do ano de 1889 como data de sua fabricação. Também guardo na memória a história da casa e dos seus antigos donos, que tiveram um fim trágico após a Revolução Federalista de 1894. Não! Eu não vou mais escrever sobre isso. No entanto, essa é também uma casa que tem uma linda história de amor para ser contada...

Embora meu objetivo neste texto não seja o de escrever/descrever árvores genealógicas completas a respeito das famílias do Tope, e sim fragmentos de informações que venho recolhendo ao longo dos anos, quero deixar registrada a presença de famílias como os Gil e os Hoppe, que já foram citados nesse texto. Os Gil teriam migrado de Vacaria para o Tope por volta de 1850, trazendo nada mais, nada menos que muitas cabeças de gado. Nesse sentido, um deles, o português José Maria Gil, que era casado com Emília Gonçalves do Nascimento, é o pai de Francisca Gil Ribeiro, casada com Antônio Cândido Bibiano Ribeiro. Uma outra filha era Maria da Luz Gil, que se casou com Guilherme Daniel Hoppe, também morador da localidade. São os pais de Mário Daniel Hoppe, advogado da Comissão pró-emancipação do município de Marau, em 28 de fevereiro de 1955. Jurista de notório reconhecimento na região, assim como os também já falecidos Alberi Ribeiro, Adroaldo Falckembach Reveilleau e José João Santin. Mário foi vereador pelo PSP em Passo Fundo e, em 1955, fez uma indicação na Câmara de Vereadores daquele município, pleiteando a construção de asfalto de Soledade a Passo Fundo, via Tope.

Muito próximo à fazenda dos Hoppe e ao Capão de Jabuticabas, habitou também uma outra família de origem portuguesa: a família Pinto. Em documento que guardo, em uma de minhas incursões, certa vez li que “Frederico Pinto é filho de Antônio Ribeiro Pinto e também é homem de reconhecida palavra de fé.” Esse é o nome de um dos filhos de Antônio e de Marciana Corrêa de Oliveira. Além de Frederico, que mais tarde exerceu a função de professor, pelas informações que me foram trazidas por Salete Cadore, o casal teve também os seguintes filhos: Cesário, Antônio, João, Pedro, Joaquim e uma filha adotiva chamada Eugênia. Já habitavam o Tope por volta de 1891, quando nasceu esse primeiro filho.

Outro homem que aportou no Tope, logo nos primeiros anos de chegada de imigrantes, foi o alemão Rodolpho Becker.



Figura 19: o alemão Rodolpho Becker, um dos primeiros imigrantes a chegar ao Tope.

Rodolpho adquiriu uma grande extensão de terras, que iniciavam no município de Ernestina, na Posse Becker, e terminavam em nossa localidade. Foi ele um grande fazendeiro que, segundo contam, passou a exportar para a Alemanha pedras preciosas que extraía na região, tornando-se cada vez mais abastado financeiramente. Era também o dono da primeira casa construída em tijolos, pedras e barro em todo o território que hoje compreende o município de Marau.

Rodolpho era pai de Nestor, Francisco e Júlio. Muitos de seus descendentes vivem na região e contam com orgulho do empreendedorismo do patriarca da família. Havia mesmo no Tope um lugar onde um de seus descendentes afirma que era ali um espaço no qual as pedras eram queimadas, lapidadas, para depois serem comercializadas. Uma observação necessária: até hoje há, em frente ao local onde a casa foi construída, alguns centenários pés de cinamomo. Estes também podem ser visualizados na imagem que segue.



Figura 20: 1ª casa de alvenaria, construída por Rodolpho Becker, no território de Marau. No retrato, em frente à residência, está Valdemar Gehlen, genro do antigo proprietário.

Sendo o Tope um dos mais antigos núcleos populacionais do território que hoje faz parte do município de Marau, tornou-se 5º distrito de Passo Fundo, município emancipado em 28 de fevereiro de 1857. Mas, em 1875, quando da emancipação de Soledade, passou, por alguns anos, a fazer parte do território do novo município. Já, em 1908, voltava a pertencer a Passo Fundo. Por isso, a localidade contava com um intendente - o português Francisco Sá, que era casado com Ernestina Soares de Sá.

Em 1916, a então vila de Marau, que começou a se formar por volta de 1900, quando da chegada das primeiras famílias de imigrantes italianos, foi reconhecida como a sede desse 5º Distrito. Cita-se que “a "Colônia Marau", aberta a partir de 1912, com uma significativa economia gerada na circulação de mercadorias da economia familiar camponesa”¹⁷, cresceu rapidamente. Esse fato se deve, sobretudo, ao empreendedorismo desses primeiros habitantes que logo iniciaram também um processo de industrialização, o qual é cada vez mais notório. É também inegável o desaparecimento gradativo de remanescentes de populações indígenas no território marauense, assim como ocorreu em toda a região. Os caboclos, filhos da terra,

¹⁷ RÜCKERT, Aldomar Arnaldo. A construção tardia do território no norte do Rio Grande do Sul – o caso do antigo Município de Passo Fundo. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38620/26352>>. Acesso em 11 mai 2022.

embora nem sempre citados pela bibliografia de memorialistas, fizeram parte do processo de formação das comunidades do meio rural do município. Esse fato me foi comprovado quando, no ano de 2011, através de um projeto local do Jornal Folha Regional, denominado *Conhecendo o interior de Marau*, realizado em parceria com o professor e pesquisador Francisco Bernardi, levantamos nomes dos fundadores das sociedades católicas, observando que, na sua maioria, sobrenomes como Santos, Rodrigues, da Silva, Pereira, eram constantes. Na cidade que estava sendo formada, por sua vez, essa realidade não se fez diferente; todavia, a passagem dos anos foi modificando esse quadro inicial, de forma que a influência de pessoas destas famílias diminuiu. São vozes e memórias silenciadas em alguns momentos.

No Tope houve uma estagnação de crescimento populacional, já nas primeiras décadas de 1900. Muitas famílias passaram a residir em outros locais. Não se sabe se foi exatamente pelo motivo de termos perdido o direito a ser sede do 5º Distrito. De fato, antes mesmo disso, determinados grupos familiares apenas passaram pela localidade, permanecendo por pouco tempo. Nesse sentido, Francisco Antonino Xavier e Oliveira¹⁸ menciona que alguns dos primeiros imigrantes, quase meio século antes, já haviam saído do Tope e passado a residir em Passo Fundo. Como é o caso, por exemplo, de Francisco Salinet, José Sevignone Marques, Jorge Sturm, entre outros.

De acordo com o professor Francisco Bernardi, em sua obra *Marau – um século de história* (2018, p. 44), “por ato municipal nº 258, de 10 de janeiro de 1916, decretava o povoado de Marau sede do 5º Distrito, o qual fora criado ainda no século XIX.”. O Tope, nesse contexto, diminuía a sua força populacional. No entanto, Francisco Sá, que havia formado família na localidade, decidiu por abdicar do cargo que desempenhava, devido sobretudo a ser contrário a tal mudança.

Contava o Tope também com o 1º Cartório da região. O escrivão distrital, um homem da terra, chamava-se Joaquim Manoel de Carvalho, que era casado com Júlia, filha de Salvador Francisco Vieira. No meu acervo de documentos antigos, há alguns originais com a assinatura de Joaquim Manoel, bem como de outros antigos moradores da localidade. O local específico, que serviu como sede do referido cartório, não me é possível precisar. Muitas pessoas falam que foi no casarão dos Aguirre; outros ainda que foi próximo à antiga fazenda do “Nenê Soares”, mas desconfio também que tenha sido em algum lugar vizinho à casa do professor Schell. Quando consultei as páginas do primeiro (e talvez único) livro de registros desse cartório, que está preservado no Tabelionato em Marau, consegui transcrever algumas

¹⁸OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. O elemento estrangeiro no povoamento de Passo Fundo. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1957. p. 269.

informações sobre os registros dos acontecimentos, que transcrevo neste e nos próximos dois parágrafos. O primeiro casamento registrado foi o de João Ferreira Leite, com 24 anos de idade e Maria Francisca Vaz Santos, com 22 anos. Ocorreu em 18 de outubro de 1896.

Já no que diz respeito ao 1º registro de nascimento, tem-se as seguintes informações: Francisca Maria de Carvalho registrou sua filha “Mari”, nascida em 17 de março de 1896. Sendo os avós paternos ignorados, e os avós maternos Cipriano Joaquim de Carvalho e Maria Francisca de Anhaia. Logo em seguida, João Ignácio Gonçalves registrou o nascimento do filho Hermógeno. O pai era natural do Paraguai (indecifrado o nome da mãe e a data de nascimento). Os avós paternos Maria de Jesus e (indecifrado) e avós maternos José Casimiro da Silva, natural do Paraná e Joana Ferreira, também natural do Paraná. O livro, enquanto esteve no Tope, por último, registrou o nascimento de Amândia Antunes de Souza, nascida em 05 de setembro de 1911, filha de Conceição Correia de Souza e de Miguel de Souza.

No caso dos registros de falecimento, o primeiro ocorreu em 30 de março de 1898, quando Ozório Barbosa do Nascimento registrou a morte de Pedro Manoel do Nascimento, ocorrida em 25 de março daquele ano. O último registro é o do falecimento de Jacinto Soares de Moraes, casado com Puresa de Oliveira Soares, ocorrido em 30 de dezembro de 1915. O primeiro registro em Marau foi assinado pelo novo Escrivão Distrital João Annes Lopes, no dia 06 de outubro de 1917. Isso, tendo em vista que Joaquim Manoel de Carvalho também decidiu permanecer na localidade, abdicando de seu cargo.

Foi-se a intendência, a sede do 5º Distrito e também do 1ª cartório. Mas, ficaram os registros, as memórias, as testemunhas registradas em documentos, os testemunhos gravados na lembrança de todos aqueles que sabem que aqui tivemos um passado prodigioso. Ficaram também a igreja, a escola, o cemitério, as anotações, além de muitas outras marcas que nem o tempo será capaz de apagar. Aquilo que está escrito, gravado, permanecerá para que os descendentes destes homens e mulheres possam um dia saber como “tudo” começou...

fogueira, que o homem barbudo também se dispôs a dar conselhos, abençoar, benzer, e salvar de algum problema de saúde pessoas e animais trazidos por seus donos.

A historiografia cita a existência de três personagens que, em diferentes épocas, e lugares, se denominaram João Maria. Todos com as mesmas características e a pregação religiosa como aspecto em comum, a ponto de, quando os habitantes de um lugar ficarem sabendo da morte de um deles, e verem em seguida a pregação do seguinte, acreditavam ser a mesma pessoa ressuscitada. Possivelmente, João Maria de Agostini, italiano nascido em Sizzano, em 1801, e emigrado para as Américas no curso do século XIX, foi, dos três, aquele que exerceu maior influência entre os habitantes da antiga Picada do Botucaraí. Residiu ele, por volta de 1850, entre as regiões de Santa Maria e Candelária, no centro do Rio Grande do Sul, fazendo pregações e realizando curas, posteriormente seguindo viagem para a América Central, e lá falecendo por volta de 1869.¹⁹

O caminhante, que também previa o futuro de pessoas e lugares, passou pelo Tope e entre as histórias está o fato de que uma família, certo dia, havia oferecido a ele, ao invés de uma cama, uma esteira feita de taquara. E, ao contrário de um prato decente de comida, havia lhe servido um feijão sem sal, o mesmo alimento que depois serviriam aos animais. Ainda assim, com o gesto de maldade do dono da casa, ele agradeceu e pela manhã seguiu caminho. Porém, logo após, o único filho do casal se engasgou com um alimento e estava prestes a perder a vida. Foi então que correram atrás de João Maria, e pediram a ele que benzesse a criança. Estavam desesperados a ponto de se humilhar para alguém que haviam negado condições mínimas de estadia. O monge, por sua vez, não negou a ajuda, mas, curando o menino, fez questão de lembrar o modo como foi tratado, ao recitar os versos descritos na abertura desta seção.

Há muitas outras informações relacionadas a São João Maria. Uma delas é a de que ele abençoava inúmeras fontes de água, por onde passava, matava sua sede e próximo aos lugares onde pernoitava. Uma dessas fontes fica na propriedade do meu pai. Dizem que as fontes das quais ele bebeu água nunca secam. E, de fato, essa vertente não deixou de existir, tampouco diminuiu a quantidade de água. Há mais ou menos uns vinte anos abastecia não só a nossa casa, mas também as de outros três vizinhos. Continua aqui, preservada e com água potável. Ainda, há uma antiga tradição, a respeito da qual me contou a Dona Joana Barboza. É o fato de que antigamente, em algumas casas, eram plantadas mudas de cedro, em forma de cruz.

¹⁹ KUJAWA, Henrique Aniceto. Movimento dos Monges Barbudos: representações e ressignificações do Monge João Maria como processo identitário da cultura cabocla. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2012v19n28p151>>. Acesso em: 11 mai 2022.

Essa simbologia havia sido indicada por João Maria, pois acreditava-se que, com ela, espíritos malignos estariam impedidos de rondar as moradias. Não muito longe de nossa casa, tive o privilégio de conhecer uma destas árvores, já centenária. Era esse o único marco de que ali existira uma casa, uma família e uma tradição. No entanto, há pouco tempo foi derrubada, pois acabava por “atrapalhar” uma plantação de soja.

Por fim, mas lembrando que outras memórias seriam possíveis de ser contadas, quando se fala no monge que passou por aqui e se tornou compadre de alguns moradores, batizando crianças que não mais existem, devo lembrar que avisou a todos sobre uma guerra. Ele se referia ao Combate de Três Passos e do Tope, ocorrido na Revolução de 1893. Com esse aviso, muitos homens fugiram para o mato, para longe, para nunca mais voltar, deixando mães, filhos e esposas à mercê dos dias difíceis que se sucederam.



Figura 22: monge João Maria, em foto que pertenceu à Leopoldina Alves Rodrigues.

*“Estão comendo, quando avistam um cristão
E depressa tão escondendo
Não se deve arrepende, de um bocado que se der
Nem que seja para um vadio
Deus te vai agradecer...”*

Os versos supra mencionados me foram declamados por uma anciã com raízes na localidade, e se referem a uma das tantas rezas proferidas por caboclos, recordando-se de São João Maria.

Com a chegada e assentamento de colonizadores portugueses, alemães e de outras nacionalidades, estabeleceu-se a presença do cristianismo na região do Tope. Esta será a religião difundida com maior afinco e persistente, tendo em vista que se mantém viva até os dias atuais. Todavia, a “oficialidade” do cristianismo católico não foi suficiente para impedir ou afastar manifestações religiosas de outros credos, inclusive não cristãos, conforme os grupos que formavam a comunidade nascente.

Não é possível precisar o ano de construção da primeira igreja da Terra do Divino (Tope). No entanto, há uma citação de que por volta de 1888 já havia uma capela no local.²⁰ No ano de 2007, se não estou enganado, descobri, com ajuda de um velho amigo, sua localização e seus alicerces, e ganhei dele um tijolo, que compunha uma das paredes do antigo templo. Foi esse espaço que, inicialmente, em datas esporádicas, recebia a visita de um padre de Passo Fundo. É fato que quando um religioso visitava a localidade, eram realizadas celebrações, tais como batizados, casamentos, visitas às famílias, celebrações de 1ª Comunhão, entre outras atividades. Mais tarde a capela passou a receber o atendimento de pároco de Camargo-RS, que vinha de Jeep. E por fim, os freis capuchinhos da paróquia de Nicolau Vergueiro-RS realizam o atendimento.

Aliás, um destes capuchinhos, o Frei Leonel Santin, já falecido, após ter permanecido alguns anos na paróquia de Nicolau, veio se despedir de minha família, no momento em que foi transferido para outro município. Naquela ocasião, trouxe consigo um embrulho que me foi entregue. Leonel me disse que tinha algo, e decidi que gostaria que esse item especial ficasse guardado no acervo sobre o Tope. Abri, e lá estava um sapatinho seu, usado no dia de seu batizado, e que havia sido confeccionado por sua mãe, há bem mais de 80 anos.

²⁰ Acessado em: <http://www.arquidiocesedepassofundo.com.br/site/node/22>.

Dedicada à Nossa Senhora da Conceição (a mesma padroeira de Passo Fundo e de Cruz Alta, das quais no passado o povoado pertenceu enquanto território), essa igreja possivelmente também tenha sido construída com uma mistura de tijolos, pedras e barro dos arredores. Dessa, restaram apenas memórias, as marcas no local onde fora erigida e o tijolo que ganhei para guardar, como os outros itens que venho detalhando ao longo desse texto. Posteriormente, foram construídas mais duas igrejas de madeira, e, na década de 1980, iniciou-se a construção da atual, em alvenaria. Contam os moradores que para o povoado - que crescia cada vez mais, antes mesmo de 1900 - um dos habitantes, o fazendeiro José Justino Silva Moraes, havia doado uma área de terra (quadra) onde foi edificada a igreja, a escola e, décadas mais tarde, o salão comunitário. Esse é um dos aspectos que nos leva a crer o seguinte: para os antigos povoadores do Tope, havia a ideia de que um dia esse território se tornaria sede de um município, de uma cidade, talvez de uma grande cidade. Porém, não foi! Porque não tínhamos um rio...

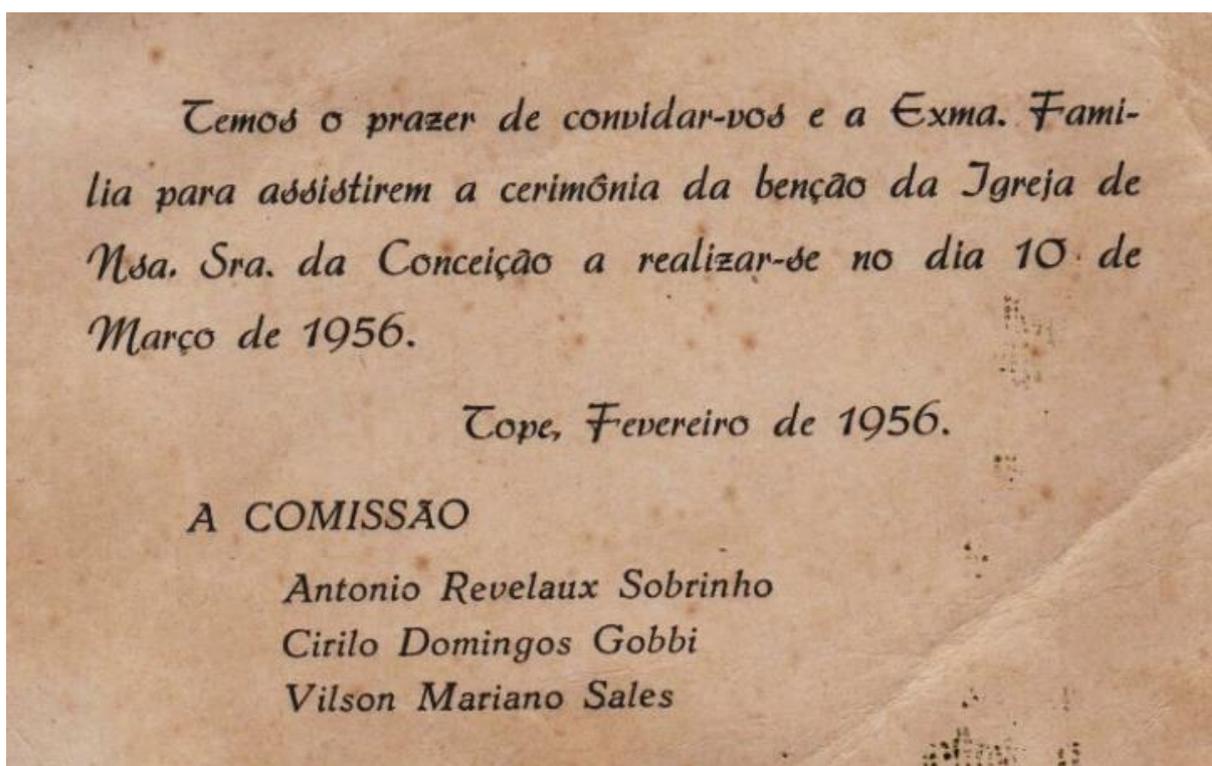


Figura 23: convite para inauguração da penúltima igreja a ser construída no Tope, em 1956.

Em todas as sucessões de igrejas que foram sendo construídas, há a presença da Bandeira do Divino, herança da tradição portuguesa de algumas famílias do Tope. Talvez por isso mesmo, num passado muito distante e com descrição de ano incerto, esta terra foi denominada justamente de Terra do Divino. Sei que em muitos momentos a bandeira foi

carregada estrada afora, seja durante a Revolução Federalista, seja em momentos de procissões religiosas. Com o tempo foi confeccionada uma réplica da original e, embora nem todos saibam o motivo de sua existência, a bandeira continua aqui. Assim como a imagem da Padroeira e uma outra do Menino Jesus, talhada em madeira e que, como pagamento de promessa, foi doada por um habitante de Marau.

Engana-se quem pensa que apenas as manifestações católicas fizeram parte da fé do povo do Tope. As famílias de sobrenome Gil e Reveilleau, em determinado período, firmaram uma movimentação em torno de uma outra crença: o espiritismo. Além dessa, variadas crenças com existência menos acentuada fizeram parte da cultura da localidade. Os benzedores, a exemplo de minha avó, e recentemente de Dona Ana Maria Fortunatti Aguirre, especializados nos mais diversos tipos de benzimento, em diferentes épocas e momentos, reuniam pessoas do local e de outros lugares da região, que vinham buscar ajuda para livrar-se de algum mal do corpo ou da alma. Um morador, que também se tornou famoso benzedor, foi o filho do Hipólito, e neto do velho Alexandre Reveilleau. E não se pode esquecer da D. Dina, cabocla, que era especialista em curar verrugas.

Entre tantos ritos e atividades religiosas, não posso deixar de registrar a Mesa dos Inocentes. Isso, porque eu mesmo, quando muito criança, fui convidado a participar de uma dessas celebrações. Eram exatamente doze crianças convidadas a almoçarem na casa de uma vizinha que estivera enferma. Como pagamento de promessa pela sua cura, seus pais haviam organizado uma refeição para que os pequenos, após a recitação de algumas orações, saciassem a fome e comemorassem o santo pelo restabelecimento da menina.

Outro importante marco de nossa história é o cemitério. Não se sabe exatamente quando teve início. Nem os nomes de todas as pessoas, além do Chicuta Becker, que doaram terra para que naquele espaço se iniciasse ou se expandisse um Campo Santo. No entanto, os túmulos, muitos dos quais são verdadeiros monumentos arquitetônicos, podem nos contar muitas histórias, assim como as descrições a respeito dos mortos, de suas chegadas e partidas.

Também há narrativas de assassinatos no portão do cemitério, bem como de carneiras que possivelmente tenham sido violadas, por pertencerem a famílias de fazendeiros. Além disso, histórias de assombração ou brincadeiras do gênero. Uma delas, por curiosidade, fez com que uma moradora, depois de uma dessas brincadeiras, ficasse gaga, com dificuldade de falar até o fim de sua vida.

Muitas e muitas vezes visito o cemitério, que foi tombado como patrimônio histórico do município de Marau, pela lei nº 1588, de 22 de julho de 1991, promulgada pelo então prefeito municipal José João Santin. Há algumas centenas de túmulos, covas, jazigos. Em

algumas dessas oportunidades passei a anotar nomes e datas descritas em túmulos antigos, alguns dos quais transcrevo na sequência, considerando a data limite de 1935, porque denotariam a vida de pessoas que estiveram em convívio com o professor Manoel de Araújo Schell.

- Pedro Aguirre Filho - F. 02/11/1894
- Vidal Soares de Moraes - F. 18/11/1925
- Marcelino Aguirre - F. 1º/08/1924
- Manoel Joaquim dos Santos - F. 05/12/1922
- Dionísio Alves de Lima - F. 1918
- Maria Trindade Ribeiro - F. 21/01/1931
- Saraiva Sales de Lima - F. 08/12/1924
- João Bibiano Ribeiro - F. 21/06/1910
- Francelina Maria de Jesus - F. 08/04/1909
- Martiminiano Manoel dos Santos - F. 31/02/1916
- Luiza Barboza Perez- F. 04/01/1923
- Antônio Reveilleau- F. 20/08/1907
- Alexandre Reveilleau - F. 18/11/1891
- Antônio Ribeiro Pinto - F. 18/08/1934
- Emília Gomçalves do Nascimento, seu esposo José Maria Gil (30/05/1919)
e seus netos, Holmiro Hoppe e Ary Ribeiro.
- Henrique Wollf - F. 06/07/1912



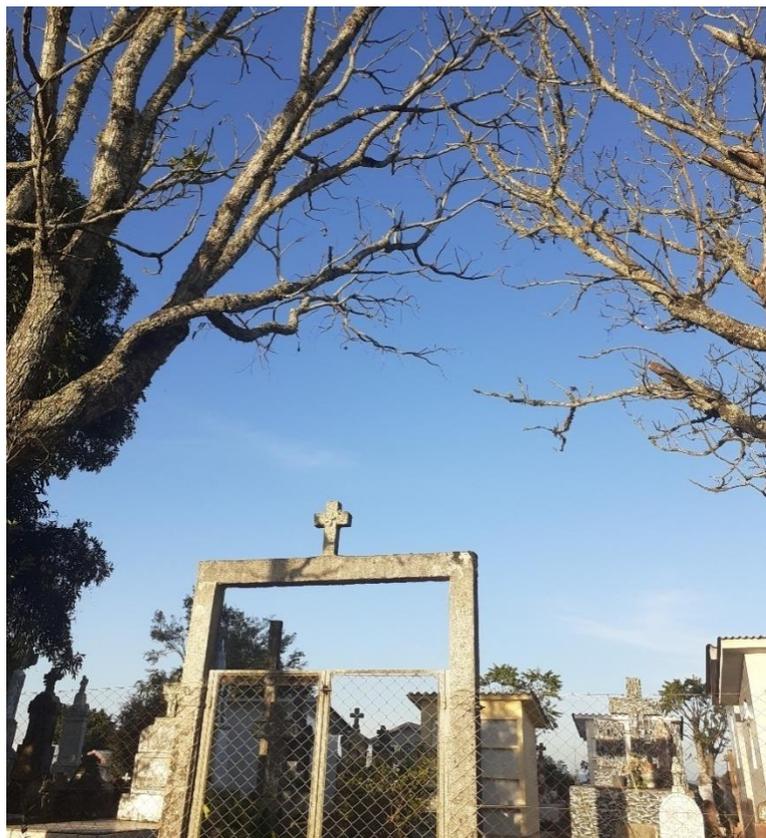
Figura 24: um dos túmulos do antigo cemitério. Está à direita de quem entra, logo no início.











Outra curiosidade, quando se fala em mortes na localidade, são as antigas cruzes que podiam ser constantemente encontradas próximas a capões de mato ou na beira de algum corredor. Eram muitas e estavam “plantadas” nestes lugares, na maioria das vezes, por um motivo bastante específico: assassinatos. Aliás, foram tantos os que perderam a vida pelos mais diversos motivos. Assim, ficaram na memória de alguns habitantes os lugares onde ocorreram os crimes e foram fincados os marcos.

Numas rodas de causo, em duas oportunidades ouvi as falas que seguem: “Você sabe ali, na beira da estrada que vai para Camargo, perto da casa do Tonho? Pois ali, existia uma cruz enorme. Era a cruz do turco, o mascate que foi morto para que pudessem lhe roubar uma fazenda (de tecidos) pra fazer uma bombacha...”

“Ah, mas aqui nesta baixada tinha muita cruzinha de madeira. Olha, você dava uns passos e já dava de cara com alguma. Tudo morto matado. Com o tempo foram lavrando para plantar e começaram a desaparecer. No começo até respeitavam, mas veja que hoje já não resta nenhuma. Também nem sei se isso é bom ou mau, mas o povo não tem mais respeito com nada, compadre...”

2.4 MEMÓRIAS SANGRENTAS: A REVOLUÇÃO FEDERALISTA E O COMBATE DE TRÊS PASSOS

Durante a Revolução Federalista, próximo ao Tope, ocorreu um dos combates denominado “Combate de Três Passos” (em 06 de junho de 1894). Nessa ocasião, segundo relatos locais, muitos homens do Tope e dos arredores fugiram, para que não fossem obrigados a se envolver na batalha. A antiga estrada do Botucaraí, que foi passagem de soldados durante a Guerra dos Farrapos, propiciou então o encontro entre tropas do governo e federalistas, o massacre de um número dos soldados do governo foi exponencial.

Nos dias que antecederam o combate, e também depois, a rotina das famílias do lugarejo e de algumas fazendas próximas foi modificada. Sem muitos dos homens em casa, mulheres, velhos e crianças sofreram consequências das mais diversas, comuns a todas as situações de guerra. Aliás, havia nessa estrada, desde 1860, uma das primeiras linhas de correio, que ia de Soledade a Rio Pardo, e que teve seus trabalhos interrompidos por conta de tal revolução.²¹ Ainda, a lembrar, o estafeta²² do correio se chamava Alípio Soares e era morador do Tope.

A não ser por alguns poucos registros bibliográficos, e pela voz de anciãos, sobre esse Combate não há muitas informações. Eis que passo a relatar agora o que me foi contado pela boca de muitos. Mais uma vez, registro aqui para que essas histórias fiquem guardadas não só na minha memória, mas na imaginação das pessoas que realizarão a leitura destas páginas.

Logo depois da igreja da comunidade dos Três Passos, em direção ao Tope, como quem vem de Marau ou Passo Fundo, há uma encruzilhada, na verdade uma bifurcação. Um dos caminhos leva à Colônia Gobbi e o outro, se você continuar caminhando, vai dar no Tope. Pois foi ali o lugar do Combate.

Contaram-me que muitos homens e rapazes fugiram para o mato, dias antes. Quando as tropas passaram pelo povoado, vindas de Soledade ou as que estavam acampadas na fazenda do Ismael de Quadros, todos trataram de fechar suas casas e se esconder. Todos não, somente aqueles que ficaram, é claro.

Havia o medo das casas serem saqueadas, roubadas, e também de outras violências. Mas nada demais aconteceu, a não ser o caso da jovem mulher que, tendo seu marido fugido para o mato, acabou se apaixonando por um dos soldados, que desertou e resolveu ficar com

²¹OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. Passo Fundo na Viação Nacional. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1957. p. 77.

²²Carteiro que levava cartas e encomendas, a cavalo, de um lugar ou de uma região para outra.

ela. Mas não por muito tempo, porque ambos foram mortos mais tarde, numas carreiras, perto de Passo Fundo, a mando do marido desonrado.

Pois então! Ali naquela estrada, tempos depois, havia uma grande cruz de madeira, que foi colocada justamente no lugar em que as tropas se encontraram. Era um lugar muito visitado. As pessoas iam lá levar flores, acender vela. Precisava ver! Não rezavam só pelos mortos na briga, mas também por São João Maria. Diziam que ele havia anunciado, tempos antes, o que estava para acontecer. Quem acreditou nele, conseguiu se esconder a tempo. Mas, com os anos, um fazendeiro foi empurrando a cerca, empurrando, até que o lugar da cruz deixou de existir.

Contam que os mortos, dizem que muitos, mas que não sei a quantidade, foram enterrados ali mesmo. Os soldados que resistiram cavaram uma vala grande, incendiaram os corpos dos mortos e depois, junto com os moradores, trataram de enterrar tudo.

Nesse dia, pela manhã, passamos no campo de batalha onde Prestes derrotara as forças de Lima, nos Tres Passos.

Os mortos que elles sepultaram às pressas estavam todos expostos. Contamos oitenta e tantos, na beira da estrada.

Um d'esses infelizes fôra sepultado vivo, porque depois vencendo a grossa camada de terra que o cobria, morrera agarrando-se às raízes proximas sem conseguir arrancar-se da valla [...]

No logar denominado Tope, recebemos communicações do coronel Veríssimo que continúa no Passo Fundo, tendo sepultado os nossos mortos.²³

Muita gente após, e até bem pouco tempo, dali e dos arredores, encontravam restos de armas e até de ossos. Quando começaram a lavrar os campos foi que apareceu mais. Um pedaço de espingarda aqui, um cabo de espada ali, e assim por diante. Ainda hoje, tem povo que quer ir lá escavar, para ver se encontra alguma coisa. Mas não restou muito, a não ser bem no alto da coxilha um velho cemitério abandonado, que pertenceu à família Lima Gonçalves.

Assim como em todos os cenários que antecedem guerras, nem todo mundo queria pegar em armas, afinal de contas, os combates dificilmente trazem benefícios para as pessoas envolvidas. Uma dessas pessoas foi Gaspar da Silveira Martins, líder partidário, magistrado e político brasileiro, por quem os membros do Partido Federalista, em Soledade, celebraram missa no dia 23 de agosto de 1901, em sua memória. A imagem que segue se trata de digitalização da carta de convite para a dita celebração. Tal documento foi-nos doado por família com raízes na localidade do Tope, não sendo possível decifrar o nome do destinatário,

²³ Fragmento do diário do médico baiano Ângelo Dourado, em sua obra *Voluntários do Martírio* Narrativa da Revolução de 1893. 3ª Edição. Martins Livreiro – Editor: Porto Alegre, 1979. P. 254.

no entanto, nos leva a crer que entre os homens da localidade havia partidários da causa federalista.

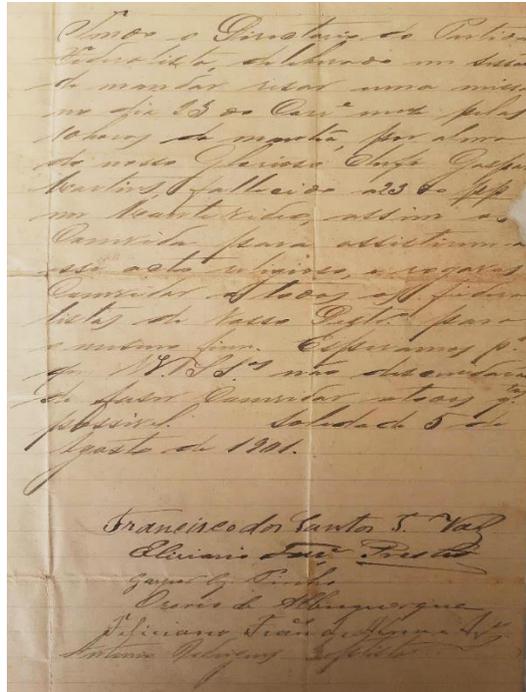


Figura 25: convite mencionado anteriormente.

Os velhos de agora não sabem contar muito, porque não existiam quando do acontecimento, ou porque já não se falava do assunto. E quem viveu naquela época já não mais existe, ou ainda fazia questão de não falar. Então, o que se ouve por aí está atrelado e muito à imaginação popular. É como se a história tivesse sido enterrada quase por completo. Mas uma narrativa lembro bem, pois me foi contada pela professora Clélia Rigo Bortolini, pesquisadora da história de Marau. Alguém contou a ela, que inclusive escreveu sobre, e agora eu reconto a vocês.

Na noite do combate, um grupo de mulheres resolveu pegar a Bandeira do Divino e ir no acampamento de soldados. Isso, a fim de levar a benção para aqueles pobres homens que, no dia seguinte, certamente entrariam em luta. Na sua grande maioria, quem estava por ali aceitava e reverenciava a bandeira, beijando-a e pedindo as benções dos céus. No entanto, um dos comandantes, certamente incrédulo, se negou a beijar e ainda desaforou as mulheres. Na manhã seguinte, logo no início do referido combate, ele foi morto por um tiro de espingarda que, de modo assertivo, arrancou-lhe todos os dentes da boca.

Depois, todos os envolvidos ficaram sabendo do acontecido, que passou a servir como lição para que outros não mais desdenhassem da proteção divina.



Figura 26: réplica da 1ª Bandeira do Divino do povoado.

3. EM BUSCA DO PROFESSOR MANECO SCHELL

Não se trata, por outro lado, de uma leitura linear, mas de uma leitura fragmentada, a livro aberto, que permite estabelecer uma relação inesperada, mística, eu diria, entre a letra e o acaso. A leitura casual, não intencional e não linear é uma prova de sua verdade. O sujeito sempre encontra o que busca. (Todo aquele que narra uma leitura dá com o livro preciso no momento justo²⁴).

“Dizem que está vindo para cá um professor. Ele vai ensinar nossas crianças, alfabetizar algumas e fazer aprender o português a outras. Aqui, nas casas, ainda falamos línguas diversas, herança que trouxemos de nossos países. Mas é preciso conhecer a língua daqui, é necessário educar toda essa criançada para que não sofram tanto no meio do povo desta terra. Algum grau de instrução lhes será favorável para que possam progredir economicamente. Um dia talvez alguém conte nossas histórias de luta, e poderá dizer que nossos filhos se tornaram grandes fazendeiros, que prosperaram tanto que não lhes era possível visualizar, numa só olhada, o começo e o fim de suas propriedades...”

...

“Eu vou! Aceito a nomeação, e me mudo para essa localidade distante. Não há muito que me prenda aqui, desde a morte de minha esposa, a não ser meus filhos. Se minha família me apoia, vou e faço a minha parte lá. Mas, já adianta, não ensinarei apenas aos filhos destes imigrantes. Quero receber na minha escola também os filhos dos caboclos, dos indígenas, dos negros, dos pobres da terra. Não será fácil deixar a vida urbana e começar tudo novamente, mas vou! Quem sabe o destino não me reserve encontrar um novo amor, construir uma nova história. Vou, mas também um dia eu volto... Volto para ficar!”

...

“Chegou o professor! Estão vendo? Ele tem uma pose diferente dos homens deste lugar. Os daqui já estão calejados pela vida no campo. Os cabelos são dourados, os olhos bem azuis e é extremamente educado. Vocês viram como ele tratou daquele indígena e sua família? Talvez um dia ele se case com uma de suas filhas, vai saber! Ele aceitará os guris todos na escola que construirá. Será uma escola de instrução só para meninos. Temos de valorizar esse alemão. Precisamos ajudar ele no que for preciso. Vai nos favorecer daqui a pouco com as coisas do cartório, com os documentos da Intendência. Já é uma figura de respeito e de família. Um dia alguém, descendente destes mesmos meninos que ele ensinará, poderá, quem sabe, contar a sua história. É preciso prestar atenção a este homem...”

²⁴Segundo Ricardo Piglia, em *O último leitor* (2006, p. 147).

...

“O professor que aí chegou, dizem que é neto de alemão, veio para construir uma escola e ensinar. Será que nossos filhos terão direito ao estudo? Se eles não estudarem um pouco que seja, poderão ser logrados por aqueles que aprenderem. Vejam, nós temos as rocinhas, o nosso gadinho e tão pouco de terra já. Precisamos pensar na nossa sobrevivência. Esse aqui sempre foi o nosso lugar, e já basta que muitos partiram; gente nossa que nunca mais se teve nem notícias... Talvez estejam vivendo em algum corredor, na beirada de alguma fazenda distante, ou numa restinga onde ainda há muitas matas. Nossas crianças precisam estudar, para nós sermos considerados gente de verdade”.

...

“Você acha que vai ter lugar para as meninas nessa escola”? “Claro que não, sinhazinha. Onde já se viu mulher estudar e ainda de graça?”. “Eu gostaria de aprender a ler, a somar, já ouvi dizer que as moças da cidade sabem, que escrevem cartas, que copiam receitas de doces... Já aprendi a bordar, a coser, a cozinhar. Será que não é justo que eu aprenda a ler também”? “Olha, sinhazinha, não sei porque isso a incomoda... A minha gente nunca estudou, e sempre viveu. Sofreram muito, é verdade! Mas como que eu, filha de uma negra e de um pai sumido, teria direito a escola? E de mais a mais, nem sei de preto que tenha estudado, e tenha chegado a algum lugar. Para muitos, nós também ainda nem somos gente! Talvez um dia...”.

...

Vocês não conheceram o velho Maneco Schell, o professor do Tope? Não? Ah, claro que não devem ter conhecido, ele morreu há muito tempo já. Mas tem uma história que contam dele que vocês nunca mais esquecerão: é o caso do santo cachaceiro.

Dizem que o velho, quase no fim de sua vida, gostava de um “traguinho”. Ele gostava, mas a Amantina, sua esposa, não se agradava nada daquele costume. E foi por isso mesmo que o marido teve uma ideia das boas. Ele começou a esconder a garrafa de cachaça na igreja, que ficava bem perto de sua casa. E o lugar do esconderijo nada mais era do que atrás de uma imagem de santo. Isso mesmo! Lá, não teria perigo algum de alguém encontrar a aguardente e também não desconfiariam de nada. Mas a Dona Amantina não era tão boba assim! Depois de algumas semanas, ela percebia o desaparecimento quase diário de seu marido e em certa oportunidade decidiu segui-lo, descobrindo tudo. Ficou quieta, não reclamou e nem falou nada.

No dia seguinte, saindo da escola, após ensinar a lição aos meninos, o velho Maneco seguiu direto para a capela. Chegando lá, qual a sua surpresa ao buscar a garrafa atrás da

imagem do santo: estava completamente vazia. Foi nesse momento que ele olhou para a imagem e disse, em tom de reprovação: “Ah! E depois é o velho Maneco que gosta de cachaça, né?” E saiu brabo de dentro da igreja...

...

Eu poderia lhes contar mais alguns casos de como foi, por exemplo, que um jovem urbano e com família recém formada se adaptou em sua nova morada, numa localidade rural, distante de “tudo”. Também, talvez, seria importante lhes oferecer possibilidades de leitura sobre a continuidade de sua família no Tope, e em outros lugares onde os Schell se espalharam. Além disso, quem sabe fosse interessante relatar algumas peculiaridades da vida do Maneco, tais como desafetos, manias e defeitos. Afinal, estamos a falar de um educador, não de um santo. No entanto, esse ainda não é meu objetivo principal.

O que ofereço nestas páginas é apresentar folhas soltas de uma narrativa que está quase toda por escrever. Escreverei? Talvez sim. Mas, tal como a vida humana pode ser observada, trago apenas fragmentos do que por ora me é possível contar. Eis aqui um jovem professor a escrever sobre um velho professor, o 1º de sua terra. Por enquanto, é isso e vamos lá!

Voltamo-nos agora às minhas “descobertas” sobre o passado da localidade do Tope. Depois de muito conversar com anciãos, de reunir documentos e consultar alguma bibliografia, cheguei à conclusão de que possivelmente a história que eu estava realmente perseguindo não era outra senão a respeito da vida e da escrita do jovem professor Manoel, que assim como eu decidi registrar o Tope com uma pena e um tinteiro. É sobre esse professor e fragmentos de sua história de vida que lhes falo. Desde que ouvi sobre ele pela primeira vez, quando ainda procurava saber sobre o passado de minha avó, chamou-me atenção as informações sobre si. Com o passar do tempo, venho reunindo notícias aqui e ali, e devo confessar que o universo conspira ao meu favor nessa tarefa.

Foi um livro de chamada, que havia sido perdido por muitos anos, e que acabou vindo parar nas minhas mãos, e conseqüentemente no Tope; uma neta, que reside em outro Estado, que me procurou para contar algumas histórias ou saber informações; uma coleção de livros que pertenceu ao velho professor e que me foram doados por seus descendentes, assim como o tinteiro e outros itens. A partir de então, busquei recolher uma espécie de “diário fragmentado” sobre a biografia de Manoel. Ele mesmo fazia isso sobre outros moradores da localidade, a respeito dos quais escrevia, registrava, e anotava dados em velhos anuários. Em torno dessa personagem, as narrativas sobre minha avó, algumas famílias que migraram para o Tope, ou daqui, os casos... Tudo foi sendo armazenado em minha memória, de modo que

passei a conhecer aspectos da vida de moradores que eram, até mesmo, desconhecidos por alguns de seus descendentes. Assim, delineou-se meu objeto de pesquisa, numa tentativa de falar sobre a vida de pessoas que, de certa maneira, não estão atreladas a mim por laços sanguíneos, ou de ascendência, mas que passaram a fazer parte de minha trajetória social. Essas vidas ora apresentadas podem refletir a história de pessoas daqui, dali ou de qualquer outro lugar, uma vez que, embora com jornadas únicas, somos um todo enquanto seres humanos, que carregam consigo questões particulares e, ao mesmo tempo, comuns como alegrias, tristezas, perdas, ganhos, e vivências... Não obstante, sou um professor que, por meio das anotações de um outro educador, das histórias contadas por minha avó, e dos objetos antigos que me foram doados, depois de exatamente cem anos, decide registrar fatos e contar a história do seu povo, e de suas origens.

Diante de tudo isso, temos um professor e uma história para contar...



Figura 27: professor Manoel de Araújo Schell.

Um jovem professor, descendente de uma família de imigrantes alemães e portugueses, foi enviado a uma localidade em pleno crescimento para construir uma escola e ensinar. Entre tantos alunos, alfabetizou filhos de imigrantes portugueses, alemães, franceses, espanhóis, italianos, suíços, descendentes de indígenas e, possivelmente, de escravizados.

Nascido em Passo Fundo/RS, no final do século XIX, o professor Manoel de Araújo Schell teve sua trajetória marcada por intensa participação na vida comunitária do então povoado. E sendo um dos primeiros alfabetizadores da região, que hoje abrange o município de Marau/RS, e que tinha o Tope como uma das localidades mais desenvolvidas, Maneco Schell²⁵ contribuiu sobremaneira na formação de centenas de crianças e jovens.²⁶

Sendo letrado, escrevia cartas a pedido, fato que se confirma por suas próprias anotações, em algumas oportunidades, que determinado habitante havia enviado carta a outra pessoa de lugar distante. Também era convidado para servir de testemunha em importantes momentos do 1º cartório local²⁷, (sua assinatura está presente em documentos coletados), tornando-se igualmente, por esse motivo, uma figura respeitada. Além disso, em exemplares de Anuários e Almanques do Estado do Rio Grande do Sul, registrava apontamentos sobre sua vida pessoal e acontecimentos da comunidade. Nesse viés, as leituras e os livros aos quais tinha acesso podem muito ter contribuído nas suas ações enquanto educador e morador do povoado. Era um dos poucos que colecionava uma modesta, mas significativa coleção de obras literárias notoriamente conhecidas em seu tempo.

Para contar um pouco da vida de Maneco Schell, baseei-me em fontes orais que colhi há bem mais do que dez anos, observei bibliografia sobre alguns de seus ancestrais, bem como o primeiro Caderno de Chamadas do educador, com informações sobre seus alunos. Esse caderno, por sua vez, traz elementos que denotam a diversidade de descendências, a quantidade de crianças e jovens do sexo masculino, entre outros dados que revelam aspectos sobre a população local.

Igualmente, não me passaram despercebidos seus livros, seus registros e objetos que guardo comigo. Conhecer a sua história é preservar um pouco da memória do povoado no qual viveu e criou seus filhos, onde exerceu sua profissão e foi agente histórico de transformação. Sua trajetória de vida se entrelaça com um pouco da história deste lugarejo

²⁵Manoel de Araújo Schell era assim conhecido desde que chegou na localidade do Tope.

²⁶Apresento, em páginas que seguem, uma transcrição dos nomes de todos os alunos registrados em um antigo Caderno de Chamadas do professor Manoel de Araújo Schell.

²⁷Informações sobre o 1º Cartório que existiu no povoado do Tope foram apresentadas em parte anterior nesse texto.

que um dia foi notoriamente de destaque no cenário regional. Do Tope, muitas comunidades surgiram, muitas famílias saíram, muitos filhos deste chão foram escrever em outros rincões.

3.1 AS ORIGENS DO PROFESSOR MANOEL DE ARAÚJO SCHELL

Na busca por informações a respeito das origens do professor Maneco Schell, encontrei necessárias contribuições na obra *Johann Adam Schell e sua descendência*²⁸, de autoria de Marina Xavier e Oliveira Annes. É com base nos dados desta publicação que algumas das primeiras informações biográficas a respeito deste professor me foram apresentadas.

Início a apresentação de sua família por seus avós paternos: Johann Adam Schell²⁹, nascido em Bosen, na Alemanha, que chegou ao Brasil em 1829, e casou-se com a alemã Anna Christina Hein, natural de Hildburghausen, Saxônia, no dia 30 de outubro de 1830, em São Leopoldo.

Após residirem, possivelmente, em Cachoeira do Sul e Rio Pardo³⁰, em 1836, chegaram a Passo Fundo. Por conta da Guerra Civil que o Rio Grande do Sul vivenciava, o casal, juntamente com a família que estava constituindo, por algum tempo exilou-se em Montevideú, Uruguai, e regressou à terra pouco tempo depois.³¹ Segundo Marina Xavier e Oliveira Annes, esse foi o primeiro casal de estrangeiros a chegar na então vila de Passo Fundo.

Adão Schell, protestante, comerciante, era Maçom - fundou a Loja Maçônica III - e também foi o idealizador do primeiro cemitério protestante da comunidade passo-fundense. Anna Christina e Adão tiveram os seguintes filhos: Maria, Jorge, João, Guilherme, Emília, Maria Luiza, Anna Christina, Felipina e Leopoldina. Consta que o patriarca da família faleceu em 24 de agosto de 1878.³²

O segundo filho do casal, Jorge Schell, pai do professor Manoel, nasceu em 19 de novembro de 1832. Foi vereador, membro da Comissão Abolicionista e Inspetor Escolar. Em

²⁸ANNES, Marina Xavier e Oliveira. *Johann Adam Schell e sua descendência*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1980.

²⁹Quando o mesmo chega a Passo Fundo passa ser conhecido popularmente como Adão Schell.

³⁰Segundo Annes, há duas versões sobre o destino imediato do casal. A primeira delas cita Rio Pardo e a segunda Cachoeira do Sul. Ambas podem estar corretas pois existem registros relacionados a família em ambos os locais. (ANNES, 1980, p. 8)

³¹ANNES, Marina Xavier e Oliveira. *Johann Adam Schell e sua descendência*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1980. p. 8.

³²ANNES, Marina Xavier e Oliveira. *Johann Adam Schell e sua descendência*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1980. p. 9-10.

09 de fevereiro de 1861, casou-se com Cândida Francisca de Araújo, descendente do Capitão Manoel José de Araújo que, oriundo de Sorocaba-SP, viveu em Passo Fundo e participou da Guerra dos Farrapos.

O casal Jorge e Cândida Francisca tiveram os seguintes filhos: Adão Schell Netto, Manoel, Maria Elisa, Amélia, Cândida, Vicente, Felipe, João Schell Sobrinho, Francisca, Georgina e Anna Christina.³³

Em 15 de julho de 1863, nasceu Manoel de Araújo Schell, em Passo Fundo, e foi batizado em 20 de janeiro de 1864. Do lado paterno, como é perceptível, pontua que descende de imigrantes alemães. Do lado materno, descende de família vinda de São Paulo. Manoel é igualmente citado na obra *A trajetória política de Prestes Guimarães*³⁴, de autoria de Mariluci Melo Ferreira, como membro do “Clube do Toco de Vela”. Este grupo era formado por rapazes conservadores favoráveis às causas da República.

Em 1889, aos 23 dias do mês de dezembro, Manoel tornou-se Secretário Interino da Municipalidade, e casou-se com Cecília Severo, filha de Timóteo Teixeira Severo e de Joana Soares de Carvalho Severo. Mas, em 10 de outubro de 1892, Cecília faleceu, vítima de hidropisia. Com ela, teve os filhos Jorge, Hilda e João Thimoteo. Destes, Jorge casou-se com Maria Eliza Schell de Oliveira, e não deixaram descendentes; Hilda faleceu ainda criança, e João faleceu solteiro,³⁵ também sem filhos.

Acredito que, por volta de 1895, já havia migrado para o Tope o então jovem Manoel, pois esse é o ano em que foi nomeado Professor Público Estadual.³⁶ No povoado, no dia 15 de maio de 1896, casou-se com Amantina Francisca Soares, natural do lugar, e descendente de indígenas e portugueses. Deste seu segundo casamento, nasceram os filhos Maria de Jesus (que casou com Cesário Alves dos Santos), Júlio (que faleceu com 17 anos de idade), Iracema (que casou com Ernesto Wolf), Alcides, (que se casou com Amélia dos Santos Schell), Juvenal (que casou com Anilda Dickel) e Cacilda de Jesus (que casou com Virgílio Ferreira de Almeida).³⁷ Além disso, a família tornou-se numerosa nas gerações seguintes, como é notório observar em uma das fotografias seguintes, especialmente quando do casamento da neta Clonedir, no Tope.

³³ANNES, Marina Xavier e Oliveira. *Johann Adam Schell e sua descendência*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1980. p. 14-25.

³⁴FERREIRA, Mariluci Melo. *A trajetória política de Prestes Guimarães*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998. 70 p.

³⁵ANNES, Marina Xavier e Oliveira. *Johann Adam Schell e sua descendência*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1980. p. 16-17.

³⁶*Idem*.

³⁷*Idem*.



Manoel d'Alcântara Schell, sua esposa
 Amantina Fran^{ca} Soares Schell, e
 filha Maria Jesus de Soares
 Schell:— offereram ao Sr.
 Leopoldo Revilleau, e
 sua Ex^{ma} Família; provan-
 do consideração - respeito
 e estima.

Tope, 30 de Setembro
 de 1904;
 5^o Distrito de
 Passo Fundo

Figuras 28 e 29: Fotografia de Manoel, sua esposa Amantina e a filha Maria de Jesus, e dedicatória.



Figura 30: Cassilda de Jesus Soares Schell



Figura 31: o filho Jorge Severo Schell, fruto do 1º casamento do professor.

Amélia dos Santos Schell, esposa de Alcides, em uma conversa realizada no dia 24 de julho de 2006, contou-me que o seu sogro chegou viúvo, com os filhos pequenos, e tratou de construir a primeira escola, com a ajuda de outros moradores. O prédio, simples e pequeno segundo Dona Amélia, era uma construção feita com taipas de barro e bambu. Foi ali, possivelmente, antes mesmo de 1899 – embora seja essa a data inicial que consta no Caderno de Chamadas do professor Schell – que ele começou a ensinar aos filhos da terra e aos filhos de imigrantes. Na seção a seguir, abordarei um pouco sobre a escola construída por Maneco.



Figura 32: descendentes da família Schell e amigos em festa de casamento, no Tope.

3.2 UMA ESCOLA SÓ PARA MENINOS

Uma escola edificada de modo simples, com materiais retirados da própria terra, mas que teve grande valia. Essa talvez seja a descrição mais precisa a respeito da obra construída pelo professor Manoel de Araújo Schell ao chegar no Tope. Sim, foi através desse estabelecimento de ensino que centenas de alunos, somente do sexo masculino, tiveram acesso à alfabetização.

No tempo do professor, havia duas modalidades de educação, tais como ainda hoje se verifica: a educação pública, e a de cunho privado. No que diz respeito à primeira, que nos tempos da República Velha (1889-1930) servia de modelo para a segunda, pode-se dizer que se orientava com base na filosofia positivista, estabelecendo uma relação de intervenção do Estado na esfera educacional, que anteriormente era responsabilidade da Igreja. A educação visava a incutir os valores republicanos em substituição aos do império. A instrução pública foi pensada em dois módulos: primeiro, o básico, que se destinava a garantir o mínimo de instrução aos homens para se relacionarem com situações de trabalho, do mercado e do voto; segundo, o nível complementar, menos disponível, ocorrente principalmente em grandes cidades, visando formação mais aprofundada e profissionalizante³⁸.

E vocês, leitores, poderão me questionar: “e as meninas”? Neste caso, percebe-se que o sexo feminino não foi objeto de preocupação da educação pública, porque não se observava a necessidade de serem as mulheres preparadas para o trabalho, práticas de mercancia ou para o voto, o qual passariam a ter direito somente em 1932. A educação feminina era um privilégio daquelas que pertenciam às famílias mais ricas, podendo ser educadas por professores particulares, ou ingressarem em internatos mantidos por ordens religiosas, tais como o Colégio Notre Dame, de Passo Fundo-RS, o Colégio Sévigné, em Porto Alegre-RS, o São José, em São Leopoldo-RS, o Santa Catharina, em Novo Hamburgo-RS. No Tope, a exemplo de outras localidades, as meninas eram preparadas desde cedo para o casamento, adquirindo os saberes que julgava-se necessários para o cuidado do lar e, como muitas delas diziam, “serem bem prendadas”.

Com registros que vão de 30 de janeiro de 1899 a 31 de outubro de 1919, o principal documento, que tenho em mãos, sobre esta escola é seu primeiro Caderno de Chamadas, e é este material que descreverei na sequência do texto. Na capa de um caderno preto, há apenas o número 1899 grafado em tamanho grande ao centro. Logo na primeira página está lavrado um termo de abertura, assinado por Gervásio Luccas Annes, que na época era o Presidente do Conselho de Educação de Passo Fundo, constando o seguinte texto: “*Servirá esse livro para nele ser feita a matrícula dos alunos que frequentarem a 6ª aula na Restinga. Passo Fundo, 30 de janeiro de 1899.*”.

Este caderno contém 45 páginas e traz informações sobre alunos, filiações, mencionando apenas o nome de um dos pais – possivelmente daquele que foi realizar a matrícula de seu(s) filho(s). Percebe-se ainda que alguns, talvez, eram registrados por

³⁸ CORSETTI, Berenice. Controle e ufanismo – a educação pública no Rio Grande do Sul (1889-1930). Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30689>>. Acesso em: 11 mai 2022.

terceiros, havendo disparidade dos sobrenomes entre ambos. O documento registra sexo/idade, separados por faixa-etária - 7 a 9, 10 a 12 e 13 em diante – nacionalidade, datas de matrículas, frequências, grau de adiantamento (1ª, 2ª e 3ª), eliminações (causas e datas: morte, mudança, maioridade, curso completo, mau comportamento, sem declaração), aproveitamentos (bom ou ruim) e condutas.

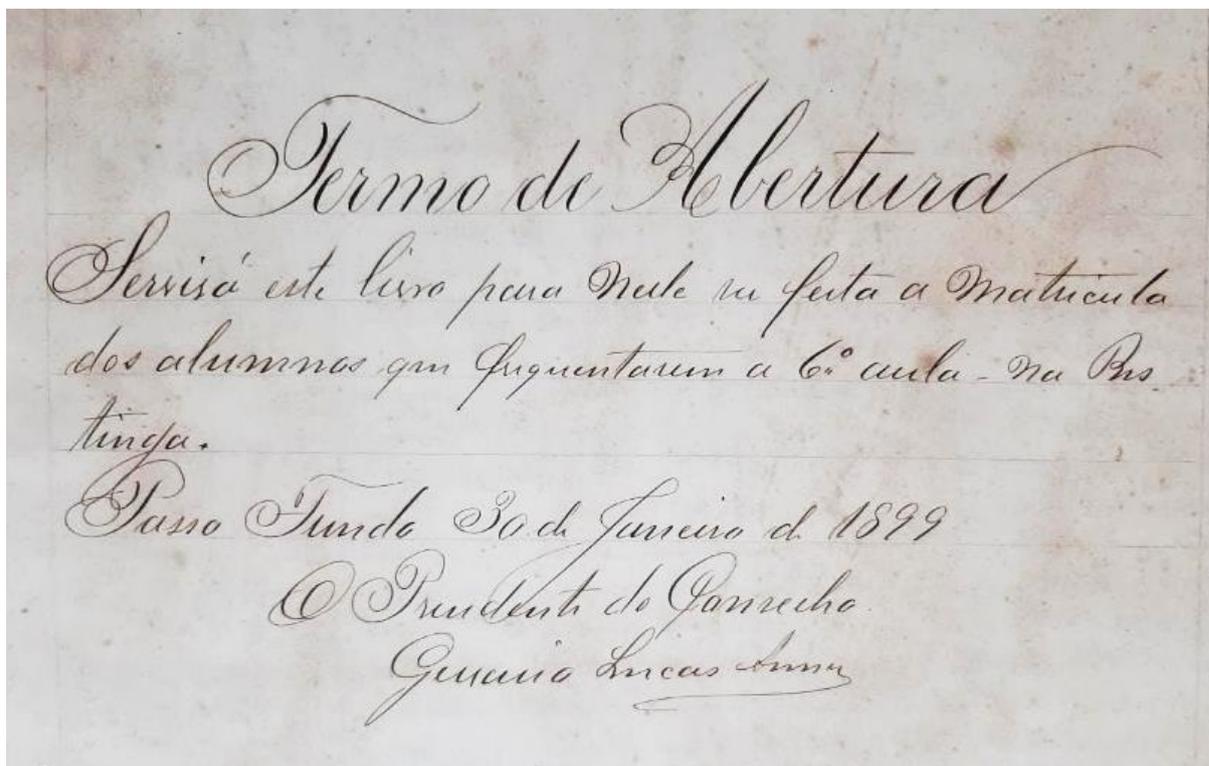


Figura 33: termo de abertura do Caderno de chamada do professor Maneco.

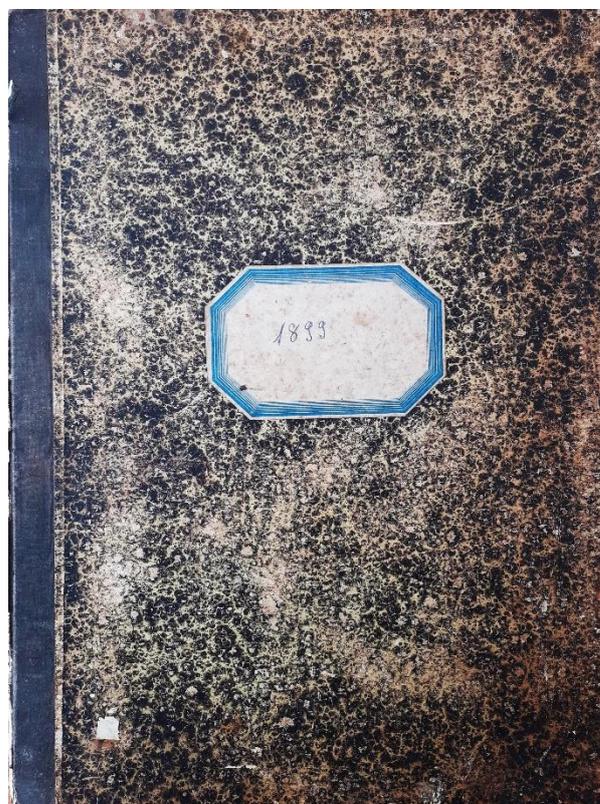
O material contém observações específicas sobre alguns educandos, e o resultado final de cada aluno. Há também uma descrição, a cada final de página, com o seguinte texto: “6ª aula pública, do sexo masculino, da primeira entrância, localizada na Restinga/Tope – 5º Distrito do Município de Passo Fundo”. Algumas informações soam curiosas, como, por exemplo, quando há a observação do mestre quanto aos seus educandos: “*eliminou-se*”, “*adiantado*”, “*dedicado e digno*”, “*mudado de distrito*”, “*devido a não frequentar a aula*”, “*adiantado e de exemplar conduta*”, “*não justificava as faltas*”, “*aprovado plenamente*”, “*aprovado com distinção*”, “*deixou de continuar sem declaração*”, “*mudou-se para o Pulador*”. Ao final dessa descrição, constam as datas/anos, com assinatura do professor. Por esses dados, sabemos, por exemplo, que os Anos Letivos encerravam em 31 de outubro.

Como mencionei em outros momentos de meu trabalho, o professor teve centenas de alunos durante pouco mais de duas décadas. Entre muitos deles, filhos de imigrantes vindos de vários países como a França, Portugal, Paraguai e Alemanha. Da mesma forma, pode se

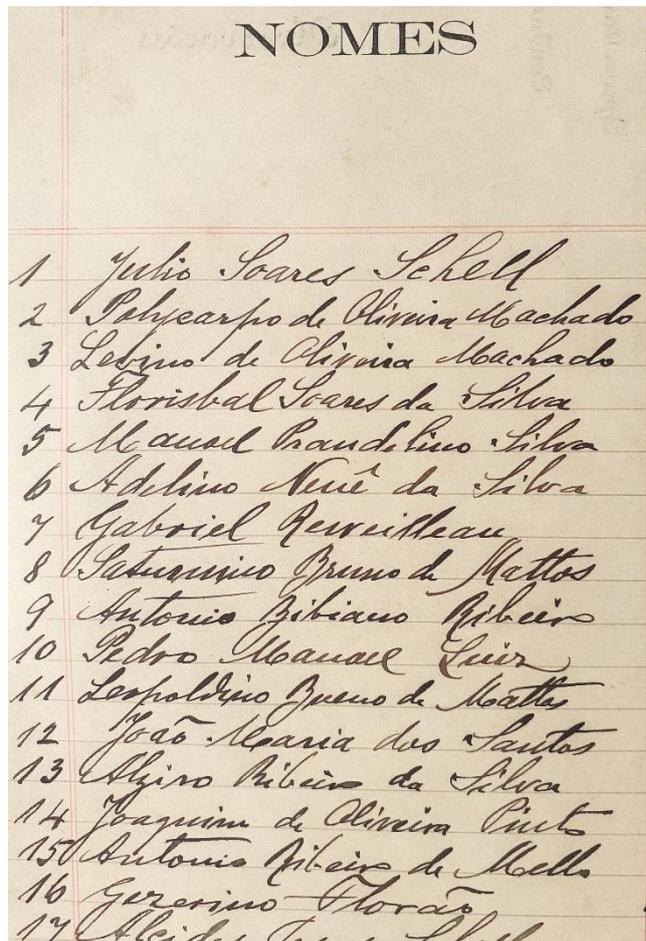
perceber, da leitura do caderno, que alguns alunos se evadiram da escola para auxiliar as famílias nas atividades agrícolas, e outros migraram para diferentes localidades do Estado, tais como: Soledade, Nonoai, centro de Passo Fundo, outros distritos deste município, Guaporé, e mesmo para outros Estados, posto que alguns partiram para o Paraná.

Para demonstrar a variedade de descendências dos educandos, descrevo, na sequência, os nomes de todos estes meninos que fizeram parte da escola do professor:

- *Abilino Bibiano Ribeiro*
- *Acyliano Antônio de Mattos*
- *Adalvino Falckenbach Ribeiro*
- *Adão Valente da Costa*
- *Adelino Nenê da Silva*
- *Ademar Falckenbach Ribeiro*
- *Affonso Reveilleau*
- *Affonso Wolff*
- *Albino Prudente*
- *Alcides de Jesus Soares Schell*
- *Aldino Aguirre*
- *Aldino Alves dos Santos*
- *Aldino Antunes de Andrade*
- *Aldino Rodrigues dos Santos*
- *Alexandre Reveilleaux*
- *Alexandre Ribeiro Netto*
- *Alfredo Alves da Rosa*
- *Alfredo Bueno dos Santos*
- *Alfredo Câmara de Almeida Filho*
- *Alfredo do Nascimento Falckenbach*
- *Alfredo Falckenbach*
- *Alípio Luiz d'Almeida*
- *Alziro Ribeiro da Silva*
- *Ambrósio Francisco Vieira*
- *Anastácio Zacharias de Godoy*
- *Annibal d'Almeida Lemos*
- *Antônio Alves Ferraz*



- Antônio Alves Machado Falkenbach
- Antônio Alves Xavier
- Antônio Antunes de Andrade
- Antônio Baptista Cardozo
- Antônio Bibiano Ribeiro
- Antônio Câmara da Silva
- Antônio Cândido Prudente
- Antônio d'Almeida Lemos
- Antônio de Abreu Santos
- Antônio de Oliveira Machado
- Antônio Frankelim
- Antônio Guedes da Silva
- Antônio Joaquim de Mattos
- Antônio José Machado
- Antônio Maciel de Camargo
- Antônio Manoel dos Santos
- Antônio Pinto de Oliveira
- Antônio Reveilleaux
- Antônio Ribeiro de Mello
- Antônio Rodrigues de Lima
- Aparício Cavalheiro
- Aparício d'Almeida Lemos
- Arrigo Bibiano Ribeiro
- Artydor Alves da Rosa
- Arystides Fernandes Thybes
- Alziro Ribeiro da Silva
- Belarmino Alves de Oliveira
- Benevenuto Soares da Rocha
- Bonifácio José Machado
- Cândido Francisco Soares
- Cezarino Pereira dos Santos
- Cezário Pereira dos Santos
- Cezario Pinto de Oliveira
- Chrystianno Becker

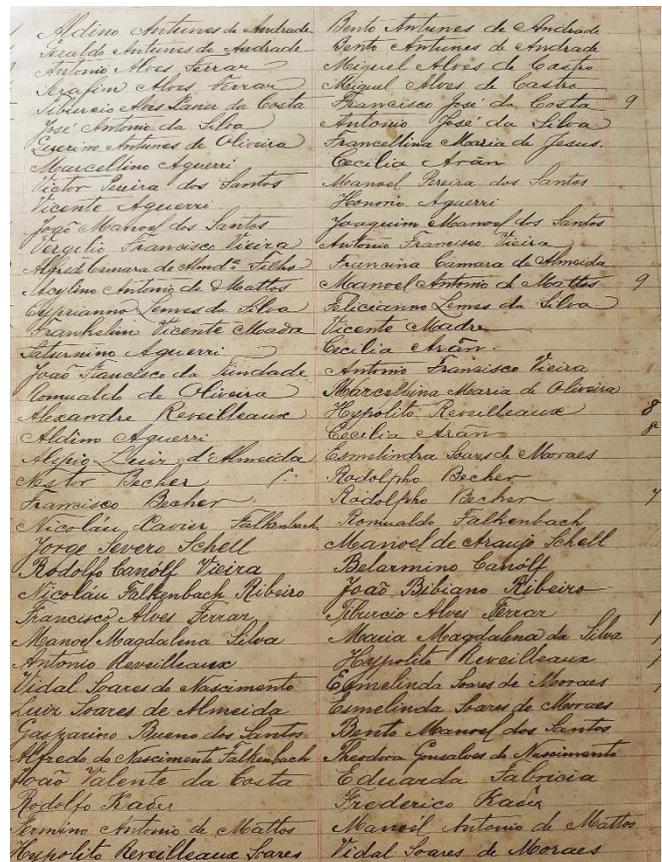


- *Chrystiano Ribeiro Pinto*
- *Crescêncio Theodoro dos Santos*
- *Cypriano Lemos da Silva*
- *Daniel Guedes d'Almeida*
- *Dorival Guedes d'Almeida*
- *Epiphânio Francisco Soares*
- *Ernestino Falckenbach Ribeiro*
- *Ernestino Falckenbach*
- *Ernestino Francisco Soares*
- *Ernesto Reveilleau*
- *Ernesto Silva*
- *Ernesto Wolff*
- *Erni Falckenbach Ribeiro*
- *Etelvino Manoel Soares*
- *Eurico Guedes d'Almeida*
- *Feliciano Gonçalves da Silva*
- *Felipe Nery Elauthério*
- *Felisbino Ribeiro Pinto*
- *Fermino Antônio de Mattos*
- *Fidêncio Alves de Moraes*
- *Fidêncio Alves Portella*
- *Fidêncio de Bastos Netto*
- *Florentino Maciel de*
- *Floribal Soares da Silva*
- *Fortunato dos Santos*
- *Francisco Alves de Oliveira*
- *Francisco Alves Ferraz*
- *Francisco Becker*
- *Francisco Corrêia da Silva*
- *Francisco Gãns*
- *Frankelim Vicente Mader*
- *Frederico Pinto de Oliveira*
- *Gabriel Reveilleau*

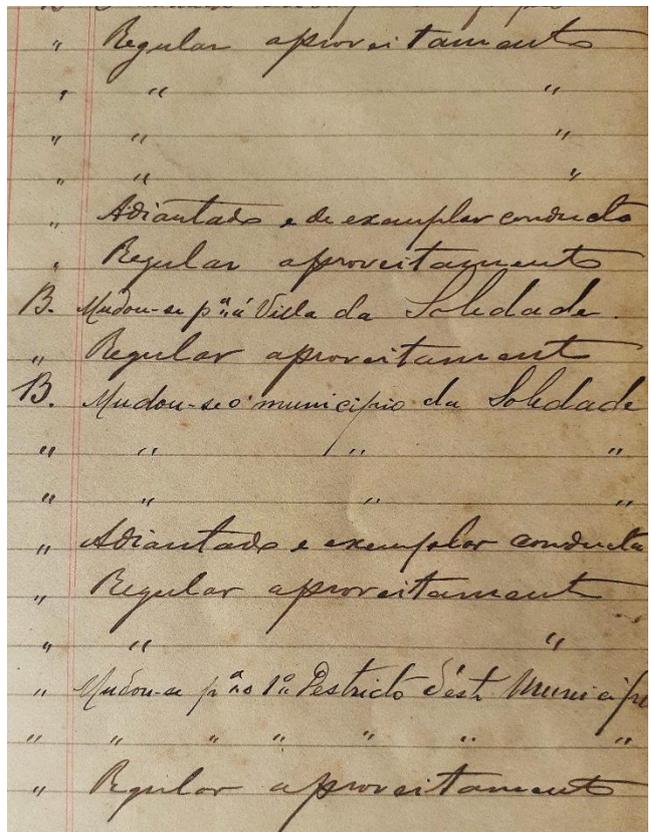
Camargo

Filiação		7 a 9	10 a 12	13
		M.	F.	M.
	<i>Cecilia da</i>			
	<i>Adolfo Becker</i>		12	
	<i>Eduarda Fabricia</i>		12	
a	<i>Antonio Ribeiro Pinto</i>		11	
a	<i>Maria Apolabena da Silva</i>		12	
	<i>Triche Alves da Silveira</i>		12	
	<i>Luzia Loure da Cunha</i>		11	
	<i>Antonio Ribeiro Pinto</i>	9		
	<i>João Pereira dos Santos</i>	8		
	<i>Ernesto Joaquin de Mattos</i>	8		
	<i>Coarito Joaquin de Mattos</i>	7		
	<i>Emilio José de Bastos</i>	8		
	<i>Ana dos Santos</i>	9		
	<i>Ana dos Santos</i>	8		
	<i>Estrelita Soares de Moraes</i>		11	
	<i>Estrelita Soares de Moraes</i>	9		
	<i>José Bento da Silva</i>	8		
	<i>Francoisa de Paula Lemos</i>	9		
	<i>Francoisa de Paula Lemos</i>	9		
	<i>Roberto Antonio de Andrade</i>	9		
	<i>João Ribeiro Pinto</i>		10	
	<i>João Ribeiro Pinto</i>	9		
	<i>Silverio Alves de Oliveira</i>	7		
	<i>Romualdo Falckenbach</i>		11	

- Gasparino Bueno dos Santos
- Geraldo Antunes de Andrade
- Geraldo Rodrigues dos Santos
- Getúlio Francisco Vieira
- Gezerino Florão
- Graciano Lemes
- Gratulino Francisco Vieira
- Gregório Gonçalves de Queiróz
- Guerino Antunes de Oliveira
- Guilherme Daniel Hoppe
- Hermínio d'Oliveira Araújo
- Horalino Bibiano Ribeiro
- Horalino Vieira d'Ávila
- Hyppolito Reveilleaux Filho
- Hyppolito Reveilleaux Soares
- Ipídio José de Mello
- Jardelino Francisco Soares
- Jardelino Francisco Vieira
- Jerônimo Silveira do Couto
- João Antônio dos Santos
- João Arã
- João Bernardes dos Santos
- João Cavalheiro
- João Conceição da Silva
- João Conceição de Oliveira
- João Correia da Silva
- João Correia de Lima
- João dos Santos Falckenbach
- João Fidêncio dos Santos
- João Francisco da Trindade
- João Francisco de Ramos Filho
- João Gabriel Gãns
- João Guimarães de Bastos
- João Guimarães Netto



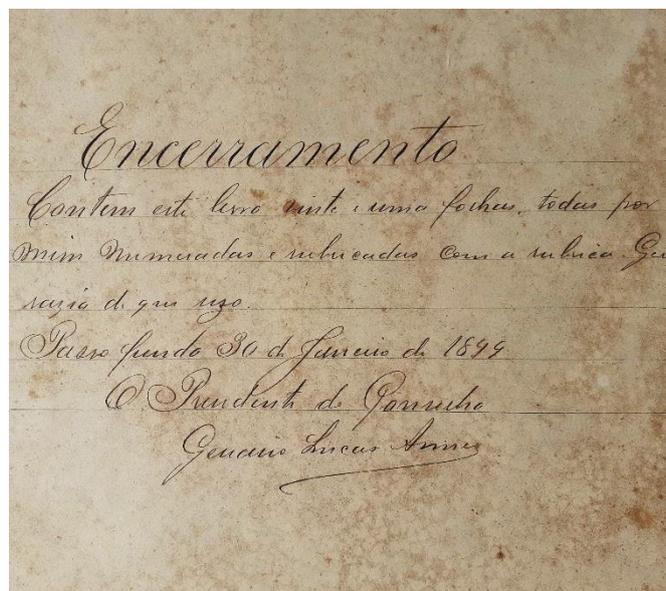
- João Henrique Wolff
- João Henrique Wolff Filho
- João Joaquim de Mattos
- João Manoel dos Santos
- João Manoel dos Santos Sobrinho
- João Maria Aguirre
- João Maria dos Santos
- João Maria Garcia
- João Mussi
- João Ortiz dos Santos Filho
- João Pedroso Netto
- João Pinto de Oliveira
- João Pires da Silva Rosa
- João Valente da Costa
- João Vidal de Oliveira Filho
- João Vidêncio dos Santos
- João Zacharias de Godoy
- Joaquim de Oliveira Pinto
- Joaquim Prudente de Moraes
- Jorge Alves dos Santos
- Jorge Queiróz
- Jorge Severo Schell
- Jorge Walendorf
- José Abel de Ramos
- José Antônio da Silva
- José de Souza Filho
- José Fagundes
- José Joaquim de Mattos
- José Joaquim de Mattos Sobrinho
- José Nazário dos Santos
- Jovino Mader
- Jovito Aguirre
- Júlio Becker
- Júlio Prudente



- Pedro Aguirre
- Pedro Domingues Maciel
- Pedro Manoel Luiz
- Pedro Mariano de Lima
- Pedro Pacheco de Miranda
- Pedro Soares de Jesus
- Pedro Soares de Moraes
- Policarpo Alves d'Albuquerque
- Polycarpo de Oliveira Machado
- Ponciano Manoel Borges
- Ramão Pereira dos Santos
- Raynoldo Prudente
- Rodolfo Bier
- Rodolfo Kader
- Rodolfo Kannópf Vieira
- Romualdo Corrêia da Silva
- Romualdo de Oliveira
- Salvador Francisco Soares
- Saturnino Aguirre
- Saturnino Bruno de Mattos
- Saturnino Ribeiro Pinto
- Sebastião Alves d'Oliveira
- Sebastião José d'Oliveira

Netto

- Sebastião Meirelles Duarte
- Sebastião Mendes de Oliveira
- Serafim Alves Ferraz
- Theodomiro Florêncio de Lima
- Theodoro Antônio dos Santos
- Thomáz Pedro de Salles
- Tibúrcio Alves Xavier da Costa
- Tomás Rodrigues da Silva
- Valentim Bueno de Mattos
- Vergílio Francisco Vieira



- Vergílio Trindade Ribeiro
- Vicente Aguirre
- Victor Kader
- Victor Pereira dos Santos
- Victorino Antunes d`Andrade
- Victorino Manoel Luiz
- Victorino Reveilleau
- Vidal Soares de Moraes Sobrinho
- Vidal Soares do Nascimento
- Virgílio Abel de Ramos
- Virgílio Falckenbach
- Vivaldim Falkenbach Ribeiro

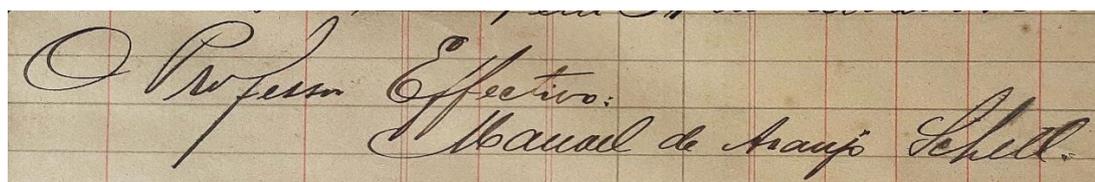


Figura 34: assinatura do professor Manoel de Araújo Schell

Realizando uma compilação dos dados, encontramos os seguintes sobrenomes no referido documento: Antunes, Andrade, Alves, Ferraz, Xavier, Costa, Silva, Oliveira, Aguirre, Pereira, Dos Santos, Vieira, Câmara, Almeida, Mattos, Lemes, Mäder, Arã, Trindade, Reveilleau, Becker, Falkenbach, Severo, Schell, Kanopf, Ribeiro, Nascimento, Soares, Bueno, Valente, Kader, Gañs, Pedroso, Pinto, Corrêa, Ramos, Silveira, Lima, Pacheco, Miranda, Meirelles, Duarte, Bier, De Jesus, Bastos, Salles, Elauthério, Cavalheiro, Thybs, Fernandes, Gehlen, Bernardes, Guedes, Walendorf, Telles, Ferreira, Portella, Da Rosa, Baptista, Cardoso, Masques, Albuquerque, Maciel, Camargo, Rodrigues, Guimarães, Prudente, Garcia, Fagundes, Bomfim, Machado, Mendes, Godoys, Couto, Souza, Bonissoni, Borges, Luis, Araújo, Mussi, Abreu, De Paula, Gonçalves, D`Ávila, Mello, Florão, Domingues e Queiróz...

Alguns dos sobrenomes são conhecidos até hoje no Tope. Porém, a grande maioria já não mais existe no local. Ou seja, aos poucos, muitos foram migrando para outros lugares. Percebe-se, assim, a grande transitoriedade de habitantes de diferentes origens verificada no Tope, no início do século XX, e seu posterior deslocamento. Um aspecto relevante de nota é o reduzido número de sobrenomes de origem italiana a haverem se fixado neste povoado, ao

contrário do que mais tarde pôde ser observado na vila de Marau. Também se nota um elevado contingente de sobrenomes de origem portuguesa ou cabocla, aspecto ainda perceptível. Por meio deste material, soube que Manoel de Araújo Schell exerceu sua profissão até poucos anos antes de sua morte, ocorrida em 16 de julho de 1922.

Pela data aproximada em que foi construída, essa foi a primeira escola na região onde hoje se localiza territorialmente o município de Marau. Somente alguns anos depois construíram uma escola em madeira. Esta foi denominada Guararapes. Já em 25 de julho de 1986, de acordo com o Decreto Nº 663, assinado pelo então prefeito de Marau, Luiz Brocco, essa mesma escola passou a denominar-se Escola Municipal de 1º Grau incompleto Manoel de Araújo Schell. A Instituição fechou suas portas no início dos anos 90, quando do processo de nucleação das escolas do interior.

Na continuidade de meu texto, um fragmento da vivência do povoado, e do passado registrado pelas mãos de um professor.

3.3 OS DIÁRIOS FRAGMENTADOS DO PROFESSOR MANECO

“Uma mula vermelha, marca do Velho Borges...”
[...]
“No Campo do Meio Lili Lima ferido a tiro e facão...”
Maneco Schell

Os livros, as palavras e um tinteiro podem contar muitas histórias. Tantos homens e mulheres escreveram sobre suas vidas, relataram do lugar onde habitaram e a respeito das pessoas com quais conviveram. Pode parecer estranho abrir velhos anuários e almanaques do início do século XX, e encontrar registros feitos a lápis ou pena, sobre habitantes de uma localidade ou, ainda, curiosidades da vida rural.

Foi isso que ocorreu quando resolvi investigar, de forma mais aprofundada, parte do acervo do professor Manoel. Tal material ficou por muito tempo guardado no Tope, numa velha casa que pertenceu ao seu filho Alcides, e à nora Amélia, falecidos, e me foi, há alguns anos, doado pelos descendentes que ainda residem na localidade.

Existem exemplares de anuários do Rio Grande do Sul, onde os registros foram realizados de forma mais acentuada. Apresento alguns destes registros, aqueles que foi possível transcrever, tendo em vista a conservação do material, classificando-os da seguinte maneira: inicialmente, trago anotações de ordem pessoal, familiar e comunitária, com informações também sobre moradores do povoado. E, na sequência apresento as anotações

sobre as atividades agropastoris desenvolvidas pelo professor Manoel, bem como sobre transações comerciais que este efetuava.



Figura 35: imagem dos velhos anuários de onde se pode transcrever os registros do professor Maneco.

Todas as informações transcritas a seguir foram retiradas de anuários dos anos 1906, 1909, 1911 e 1912. Sobre a vida pessoal/familiar e comunitária no Tope, registrou Maneco Schell:

- “- Epifânio T. Soares, com 8 anos faleceu...*
- Jacob, dia 4, Maria- tenho em minhas mãos 25 [...]. Fui hoje para a cidade.*
- José Duarte Fagundes, 10 anos, filho de João Duarte Fagundes.*
- Na nova de 19 deste de dezembro, Amantina ficou doente. E hoje 25- acha-se já quase boa, ou bem boa.*
- Dia 26 desse mês a Santa mandou carta para Pedro Carreiro, em Cruz Alta.*
- Hoje, pelas 5 horas da manhã, segui para Passo Fundo posando na Estância. Segui para a Estância, hoje continuei a viagem para Passo Fundo, regressando no dia 16; e neste dia cheguei no Tope pela tarde. No dia seguinte da viagem [...], dia que se achavam [...] e que havia ficado boa. [...] Neste mesmo dia 26, a Maria de Jesus veio comigo para o Tope, dia 19 foi que ficou doente, ficando boa dia 24.*

- *Zulmira Oliveira Soares, esposa de Jacinto Guedes de Moraes e filha de Antônio Gregório de Mattos e de Clara Oliveira Mattos- faleceu no dia 8 de julho, irmã de Cesário e Hermínio de Mattos.*

- *Policarpo Alves de Albuquerque- filho de João Alves Ferraz, com 9 anos de idade, Antônio Maciel de Camargo- filho de Luiza Kade, com 10 anos de idade.*

- *Recibos do Gaúcho pagos a Maneco Schell, entregues, são eles: Maneco Schell; Carlos Hoppe, Rodolpho Becker, Juvêncio Prudente, Saturnino Aguirre, Cândido Bibiano, Honório Aguirre.*

- *No dia 3 de março de 1909, foi batizado Júlio, na casa de Salvador Martins- nos Três Passos- 5º distrito de Passo Fundo, pelo Padre João Barbizan, de Passo Fundo: sendo seus padrinhos- o meu mano João Schell Sobrinho e sua mulher Juvenilha de Quadros.*

- *Dia 4, o mesmo padre esteve em casa de Fidêncio Alves da Rosa.*

- *Dia 5, o mesmo padre veio ficar em minha casa.*

- *Dia 5, o compadre Chico foi com Ernestina para Passo Fundo.*

- *Ficou doente a Amantina e morreu a irmã Francelina no dia 8 e foi enterrada dia 9. Dia 10 a 17 eu fui a Passo Fundo.*

- *No Campo do Meio Lili e Lima ferido a tiro e facção [...]*”

É possível observar nos registros acima informações a respeito de viagens do professor, bem como sobre enfermidades, mortes, batizados, viagens de terceiros, cartas escritas e, ainda, brigas, como a última citação. Também, percebe-se que são citados nomes de algumas pessoas de sua família, como a esposa Amantina, o irmão João Schell Sobrinho, a filha Maria de Jesus Soares Schell e seu compadre Francisco Sá (compadre Chico), que era o Intendente do 5º Distrito. Além desses, são tecidos registros, e até então não entendo o porquê (ou bem entendo), a respeito de outras pessoas do povoado, como é o caso do alemão Rodolpho Becker que, como mencionado anteriormente, se tornou um abastado fazendeiro da região.

Alguns aspectos da vida comunitária podem ser dignos de comentário nestas primeiras anotações, tais como a ocorrência do falecimento de crianças sem, no entanto, estar anotada a causa da morte, o que pode denotar problemas de saúde local a afetarem determinada faixa etária, como epidemias, ou viroses sazonais. Ademais, verifica-se a ocorrência de atendimento religioso por parte do padre João Barbizan, ministrando sacramentos e efetuando visitas a algumas famílias. Verifica-se, também, o costume local de utilizar as fases da Lua para marcações de tempo, além do calendário habitual. Por fim, não menos digno de nota é o

pedido de uma mulher, provavelmente iletrada, para que o professor escrevesse carta em seu nome, serviço que deve ter realizado por diversas vezes durante o período em que viveu no Tope.

A seguir, apresento algumas transcrições que são relacionadas às atividades agrícolas desenvolvidas pelo Maneco Schell. Os registros fazem parte do mesmo material mencionado anteriormente, não sendo alteradas tanto grafia, quanto pontuação.

“- Dia 10 de janeiro a égua [...] foi para a estância do compadre Jovino. E mandei vir para o Tope no dia 27 de março de 1911.

- Uma mula pangaré... Uma mula vermelha, marca do “Velho Borges” a do Maneco Portela está ferrada. Pertencem duas mulas para Pedro Taborda, residente no Campo Bonito.

- Cabritas, “[...]”, osca, pretinha- garraram cria, primeira, dia 8 a 9; osca dia 9 a 10, pretinha de 10 a 11- deste mês de março.

Porca preta garrou cria do cachaço do Becker [...]

- Preciso verificar se pode ser a lotação de José Bento da Silva para 50 alqueires, em vez de acertar com o Pantaleão- pois me enganei....

- No dia 2 de março de 1917, o compadre Lino, com o Júlio, levaram e deixaram na invernada do Senhor Honório Aguirre, o gado de minha propriedade em número de 29 cabeças, que com uma novilha que lá já se achava, perfaz o número de 30 cabeças, que lá ficaram neste dia sendo assim especificadas: 14 vacas, 7 novilhas, 8 terneiros (mamando, machos e fêmeas), 1 touro.

- Na invernada de Jorge Schell, no Jacuhy, acham-se 2 vacas com cria – de minha propriedade.

- Daquele gado que se acha na invernada de Honório Aguirre, consta 1 vaca, meia baixinha, com a marca de Dona Leonor Bibiano e de Osório Barboza e mais: 1 vaca com cria, com a marca da falecida Maria Soares, mais uma novilha com a marca de Hippolito Reveilleau, mais uma vermelhinha chata, também com a marca da falecida Maria Soares, 1 preta chata, com a marca da falecida Esmelinda Soares.

- Junto daquele gado, foi dois terneiros criados, os quais vendi e pertencem ao Chicuta Becker, os quais foram levados de ordem deste.

- Tenho no Tope: 1 pitiço baio, 1 cavalo baio, 1 cavalo preto (marca do Jovino de Quadros), 1 égua baia, 1 potro baio (já quase manso) 1 égua com cria, 1 égua picaça, 1 égua vermelha malacara, com cria.

- Tenho mais, nos campos do meu mano João Schell Sobrinho, 1 vaca africana com dois boizinhos (dia 27 de agosto de 1917, o compadre Chico Sá ficou com a vaca africana acima e nos deu em troca uma vaca osca com 1 boizinho de ano.”

Através das transcrições anteriores, pode-se perceber que Maneco Schell, assim como outros moradores da localidade, era proprietário de bovinos, equinos e também caprinos. Além disso, eram movimentadas as transações comerciais que realizava com outros habitantes do Tope, os quais são citados nestas descrições. É também perceptível que ele tinha o costume de registrar à risca os eventos que envolviam os animais de sua propriedade, característica muito marcante do seu proceder enquanto professor. Destaca-se a menção a respeito das marcas de determinados animais.

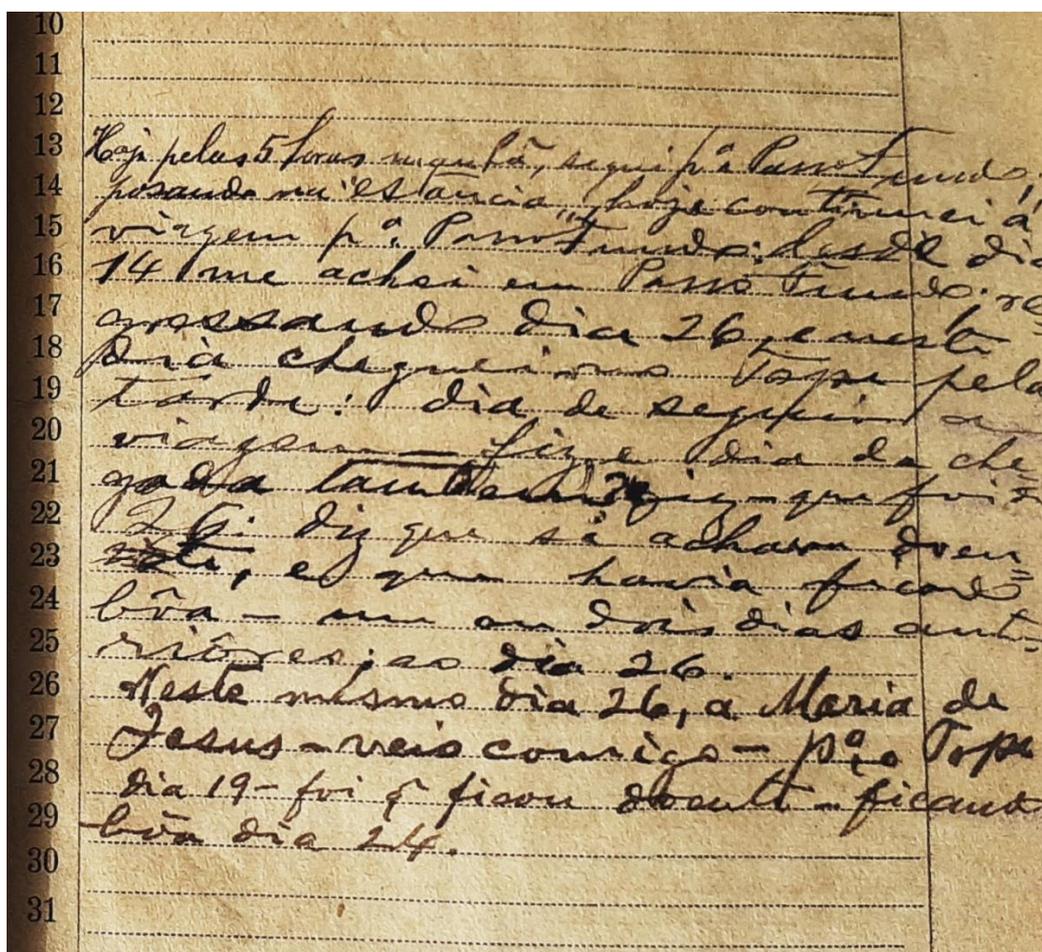


Figura 36: diário fragmentado do professor Manoel

Nesse sentido, sei, por conta de depoimento de atuais residentes do Tope que, no passado, dificilmente existiam cercas, e por esse motivo todos os proprietários,

principalmente de bovinos, utilizavam-se da marcação para delimitar o gado que era de sua propriedade. Prática esta, aliás, que ocorria nas demais regiões do Estado. Em meio aos materiais que me foram doados, e que pertenceram ao professor, estão os anuários nos quais encontrei os registros transcritos anteriormente. Mas também há outros livros, que denotam um pouco das leituras dele, bem como de pessoas próximas.

3.4 AS LEITURAS DE UM PROFESSOR E SUA PARTICIPAÇÃO NA COMUNIDADE RURAL

Nem todos os itens que estavam na casa de seu filho, Alcides Schell, pertenceram a Maneco. Isso pelo fato de que alguns deles, como pode ser percebido na sequência, foram publicados em datas posteriores a sua morte. Pertencendo, ou não, a seu acervo particular, observa-se, por meio destes, um pouco das leituras que eram realizadas no povoado, durante a vida do referido professor, e até mesmo alguns anos depois de sua morte, ocorrida em 1922. Apresento a seguir a relação de livros, além de algumas imagens e, na sequência, teço alguns comentários a respeito.

- *Tratado Elementar de Agricultura prática, João Maria Paldaof, 1906, Porto Alegre, Editora Souza e Barros;*
- *Pequeno Manual Homeopático, Luiz Köhler, Porto Alegre, 1908*
- *O Encanto e a fascinação (Methodo práctico para produzir o encanto e a fascinação sobre qualquer pessoa sem passes magnéticos);*
- *Grammatica portuguesa, Rodolpho José Machado, Porto Alegre, 1880;*
- *Elementos de Arithimética, Livraria Paulo de Azevedo, São Paulo, 1924;*
- *Martyrio de um anjo, Alexandre Dumas, Rio de Janeiro, 1936;*
- *A terra das peles, Júlio Verne, Rio de Janeiro;*
- *O Rico e o Pobre, Henrique Peres Escrigh, 1915;*
- *Pequena História Sagrada do Antigo Testamento, Rio de Janeiro, 1922;*
- *Segundo Livro de Leitura, Hilário Ribeiro, Rio de Janeiro, 1922;*
- *Tristezas a Beira Mar, M. Pinheiro Chagas;*
- *Geographia Elementar, J. Th. De Souza Lobo;*
- *Centenário de Passo Fundo, Passo Fundo, Berthier, 1957*
- *Elementos de Educação Moral e Cívica, Hilário Ribeiro, 1904, Rio de Janeiro;*
- *Terceiro Livro de Leitura, Hilário Ribeiro, Rio de Janeiro;*

- *A arte de roubar no jogo;*
- *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, 1908;*
- *Código Penal dos Estados Unidos do Brasil, 1890;*
- *Almanak Agrícola Brasileiro, São Paulo, 1921;*
- *Almanak do Correio do Povo, Porto Alegre, 1922;*
- *Almanak Agrícola Brasileiro, Porto Alegre, 1912;*
- *Almanak D` "O pensamento", 1927;*
- *El Evangelho Según San Mateo;*
- *El Judío Errante, Eugenio Sue, Barcelona, 1843;*
- *Explicação do Sistema Métrico Decimal, Tor Renault, Rio de Janeiro, 1902;*
- *Lendas e mitos, Osvaldo Orico;*
- *Philosophica, o determinismo, 1900;*
- *Antigo Testamento, Primeira Parte;*
- *Chácaras e Quintaes, São Paulo, 1921;*
- *Selecta em Prosa e Verso, dos melhores autores brasileiros e portuguezes, Alfredo Clemente Pinto, Porto Alegre, 1903.*

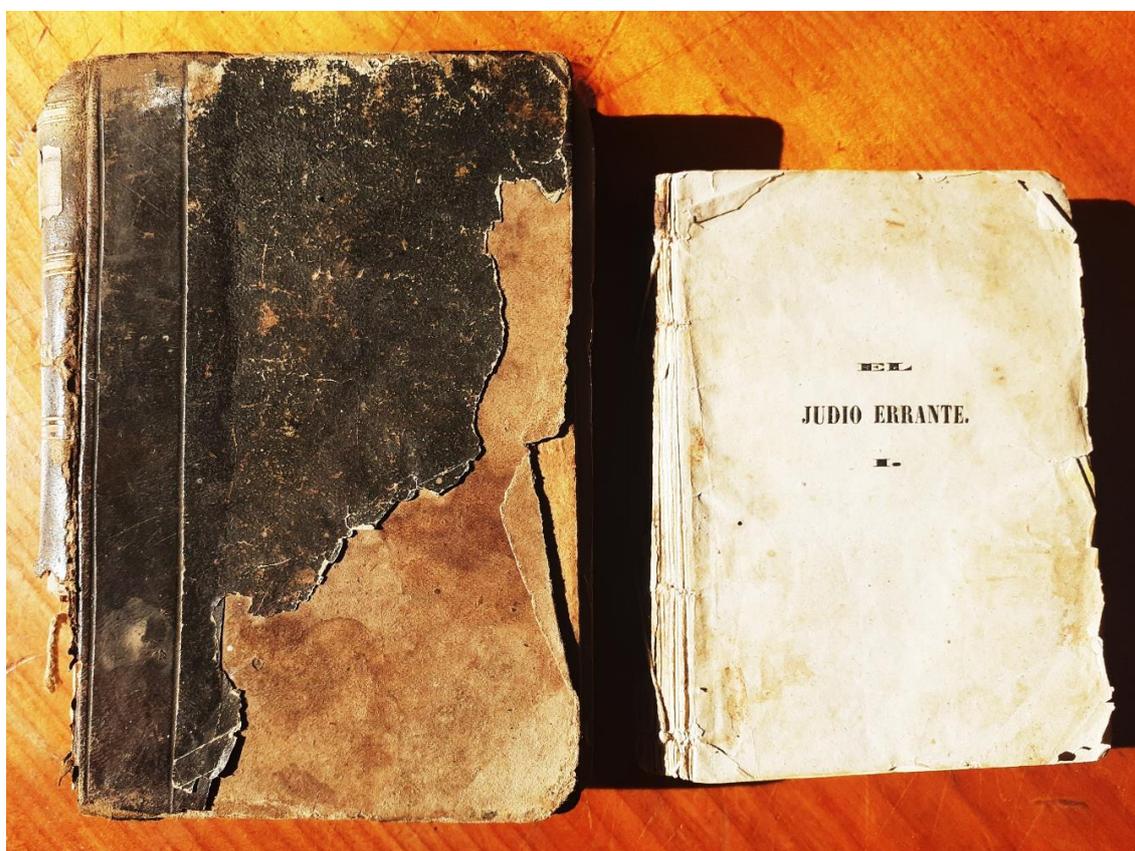


Figura 37: fotos de alguns dos livros que pertenceram ao professor

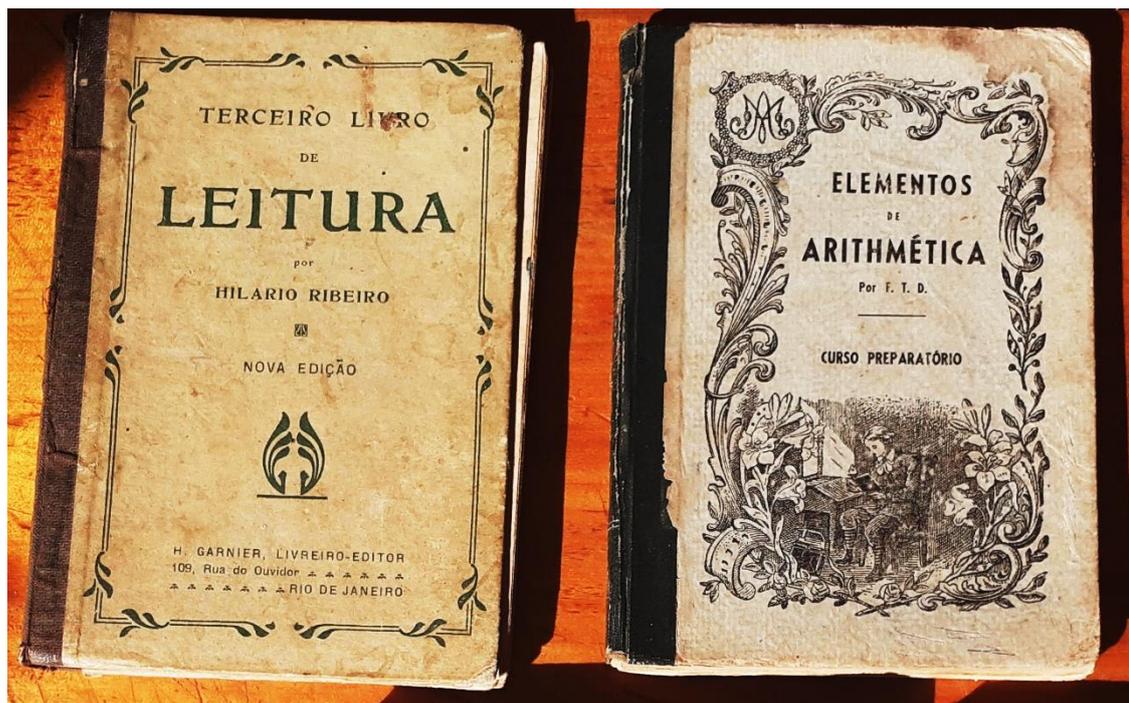


Figura 38: Fotos dos livros didáticos usados por Manoel

Considerações sobre os livros descritos: em um pequeno número de materiais, por faltarem capas, ou as primeiras páginas, perdidas com o tempo, foi-me impossibilitado descobrir referências como data e local de publicação, entre outros aspectos. Observa-se que há obras de autores de renome no passado, como é o caso de “El Judio Errante”, de Eugenio Sue, aliás, este é o exemplar mais antigo de toda coleção – datado de 1843. É uma versão em espanhol, impressa em Barcelona. Mas também consta “A terra das peles”, de Júlio Verne, “Selecta em Prosa e Verso”, de Alfredo Clemente Pinto, “Martyrio de um Anjo”, de Alexandre Dumas e “O Rico e o Pobre”, de Henrique Peres Escrich – este, um folhetim afamado no início do século XX.

Por outro lado, há os “Almanakes”, que continham informações das mais variadas e eram publicados ano a ano, algumas curiosidades como é o caso de “O Encanto e a fascinação (Methodo prático para produzir o encanto e a fascinação sobre qualquer pessoa sem passes magnéticos)”, do qual não pude precisar a data de publicação, os de ordem religiosa, manuais, entre outros.

Após uma análise superficial a respeito daquilo que o professor lia, percebe-se o seu gosto por temas de ordem fantástica, especialmente ligados a situações de adversidade, embates contra as forças da natureza ou animais ferozes, a própria caça, e causos também relacionados a essas temáticas. Isto se verifica, sobremaneira, na leitura das obras de Júlio Verne, Eugenio Sue e Osvaldo Orico, cujas narrativas concentram-se especialmente nas

desventuras das personagens ao depararem-se com intempéries, feras selvagens ou aspectos sobrenaturais advindos de maldições. Considerando-se a sua função como professor, o público ao qual lecionava, o contexto em que estava inserido, e aquele que hoje é visível na localidade do Tope, mostra-se evidente a influência dos seus gostos literários sobre a espécie de histórias que o público masculino possui preferência de conhecimento e conversação: ainda hoje, os homens do Tope reúnem-se ao redor do fogo ou de uma mesa na bodega para contar e ouvir aventuras vividas no exercício da caça, ou nos embates com a natureza e com o sobrenatural.

Todavia, essa característica de preferência por causos ligados à natureza, ao sobrenatural e à caça, não se restringiu apenas ao público masculino. Com o advento da Era Vargas, quando as mulheres adquiriram o direito à educação, também elas ingressaram no universo dessas narrativas, trazendo-as para os círculos femininos, de modo que aspectos desse viés literário se tornaram um ponto cultural comum do Tope.

Minha pretensão é a de me deter, em pesquisas futuras, neste acervo, a fim de levantar dados mais esclarecedores sobre essa amostra do que liam os habitantes do Tope, posteriormente à chegada do professor. Por enquanto, posso afirmar que me surpreendem tanto as leituras de obras de autores clássicos como Júlio Verne e Alexandre Dumas, ao mesmo tempo que me trazem curiosidade os exemplares de obras como o “O encanto e a fascinação” ou ainda “A arte de roubar no jogo”. Acredito ser possível, em uma análise aprofundada, conhecer mais das leituras do professor Maneco Schell, bem como das pessoas próximas a ele/habitantes do Tope no passado. E sei que esse passado tem ainda muitas histórias para ler e registrar.

Em um panorama por ora conclusivo sobre o legado do professor, estabelece-se um contraponto entre as esperanças e perspectivas dos cidadãos que habitavam a localidade do Tope – e que foram trazidas e recriadas mediante diálogos fictícios, no início deste capítulo – e as realizações do professor, no desenvolvimento de suas atividades docentes.

Percebe-se que, de fato, Maneco ocupou-se de educar, sem distinção, os filhos homens de fazendeiros e caboclos, atendo-se a examinar o seu procedimento, bem como a sua resposta aos ensinamentos transmitidos. Não há nos registros deixados em seu caderno, qualquer menção que denote diferenciação de tratamento, ou de avaliação dos alunos, em razão de suas origens socioeconômicas – um sinal denotativo da visão ideal republicana a respeito da igualdade entre os cidadãos.

Todavia, é necessário pontuar que, embora o professor Manoel demonstrasse estar informado sobre as tendências universais do progresso social, nenhum de seus escritos traz

elementos para identificar uma eventual preocupação sua com a educação do público feminino. Recordando o seu perfil de formação e convicções políticas, caracterizado como conservador, muito provavelmente mantinha ele as mesmas convicções vigentes à época da primeira república, cujo viés predominante era de uma sociedade patriarcal e militarizada.

Maneco era um homem do seu tempo e, à sua maneira, fez história, contribuindo para o crescimento cultural e educacional do Tope, e de sua gente.

4. MEMÓRIAS DO TOPE ANTIGO: DO CAPÃO REDONDO AO CAPÃO DE JABUTICABA

O que salva Robinson do horror, o que permite que ele escape da loucura e reconstrua o sentido do que está vivendo, são os livros que recolhe entre os restos do naufrágio (melhor seria dizer: o livro) (p. 145)

Em seguimento aos causos que tanto agradavam ao professor Maneco, a minha avó Zulmira, e ao povo do Tope, apresento alguns dos nossos melhores causos, e uma visão de nosso lugar hoje. Há, certamente, muitas outras histórias com as quais ainda não topei, e que poderão compor uma nova página dessa minha escrita.

No entanto, por ora apresento aquilo que ouvi contar sobre o Capão Redondo, o Capão de Jabuticaba, e o que os meus olhos percebem sobre este chão que nos viu crescer.

4.1 O CAPÃO REDONDO

Foi bem ali, no Capão Redondo. “Me criei passando por aqueles matos, e graças a Deus, nunca vi nada. Eu não vi, mas os outros viram...” O Capão Redondo quase não existe mais, pois aos poucos foram tirando o mato para transformar em plantação de soja, e agora resta um capãozinho só. Ficaram as histórias: essas são muitas.

Entre o Tope e o Ipiranga, comunidades que marcam uma divisa dos municípios de Marau e Nicolau Vergueiro, no alto de uma coxilha, existe um pouco do que foi o lugar que todos da redondeza conheciam pelas narrativas sobrenaturais.

Vou contar um primeiro causo. Não é sobre assombração ainda, mas atencem para o que vou dizer: o capão de mato redondo sempre foi lugar de muitas caçadas. Por lá, caçava-se lebre, tatu, veado e outros bichos que nem sei. Certo dia, um amigo contou-me o seguinte: ele era gurizinho, e sua família morava como agregada de um dos donos daquelas terras. Foi ali que ele cresceu, aprendeu as lidas, que se tornou homem, que veio a maioridade, e que começou a caçar utilizando um lampião à querosene, feito com latas velhas de “azeite”.

Quando ele era gurizinho, olha só, junto a seu pai, preparava o caminho, os “carreiros”, os trilhos, a fim de que passassem os preás para serem caçados. Mas, não era para ele não! Nem para o seu pai. A preparação seria sempre para as caçadas do patrão, do dono daquele lugar. Dono de tudo, inclusive dos preás. “Depois que o velho ia caçando, eu só ia atrás, ajuntando aqui e ali os bichinhos morto”.

Ele, o meu amigo, agora já com cabelos brancos, achava aquilo engraçado porque, no meio de tanto bicho grande para caçar, o seu patrão escolhia logo aqueles animaizinhos. Na verdade, talvez o bom homem já não tivesse tanto vigor para matar outros animais. E foi assim que esse meu conhecido foi iniciado nesses divertimentos dos homens dos arredores. Mas ali, naquele lugar, “graças a Deus”, ele nunca viu algo do que agora vou contar.

De dia não aparecia nada. Você podia passar pelo mato de uma ponta a outra, que nada se via. Mas, quando a noite vinha... Bem! São muitos os causos sobre esta parte do Tope. Eram bolas de fogo (comuns a outras muitas narrativas) que apareciam, cabritos berrando, como se estivessem amarrados em alguma árvore por muitos dias, e assim por diante. Mas, nenhuma dessas conversas é mais curiosa do que o caso da mulher vestida de noiva.

Contavam alguns moradores, e não era nem um nem dois, que quando alguns homens saíam para caçar à noite, e passavam pelo capão, corriam o risco de encontrar a mulher vestida de branco. Uma assombração? Uma alma penada? Um espírito pedindo socorro? Nenhum deles saberia dizer ao certo. Isso, porque o ser sobrenatural nunca lhes falou nada.

Palavra alguma! Nunquinha! Nem ao menos uma expressão de desespero em seu rosto era possível visualizar. Em noites de lua cheia, via-se apenas que era muito bonita, com cabelos escuros. No entanto, nem por isso deixaria de trazer medo e pavor ao mais corajoso dos caçadores. Alguns deles, aliás, contavam mais: a tal mulher de branco, supostamente vestida de noiva, quando estavam caçando a cavalo, montava na garupa e se ia, sem dizer nada, por um bom pedaço de estrada, logo que saíam do mato. Depois, como numa miragem, ela desaparecia, deixando os tais caçadores apavorados, e com o coração aos pulos.

Nunca se soube, pelo menos até hoje, o que era, quem era, nem a que se referia essa assombração. Talvez ela tivesse sido morta e enterrada no Capão Redondo. Quem sabe havia tirado a própria vida? Ou ainda estivesse ali para guardar algum tesouro, alguma panela de dinheiro? Vai saber... Mas, por falar em panela de dinheiro, não posso deixar de lembrar de mais uma história do capão de mato.

Por conta de tantas coisas contadas, ditas ou mal faladas, o dito capão ficou famoso no nosso lugar. Não foi tão somente pelos berros de cabritos, pela mulher de branco, pelas bolas de fogo, avistadas aqui ou ali. O que sucedeu foi que, certo dia, e isso me contaram há muito tempo, naquele mato foi encontrada uma panela de dinheiro. Ninguém sabe quem foi que encontrou. Dizem alguns moradores que foi gente do Passo Fundo. Mas é certo que a história correu de boca em boca, e foi parar longe. E não era pouca coisa não: moedas de ouro, de prata, freio de cavalo...

Desde aquela história, muita gente mais passou a cruzar pelo Capão Redondo. Muitos acreditavam que poderiam encontrar alguma outra fortuna. Outros tantos imaginavam que os eventos de assombração ocorriam justamente por esse motivo: pelo dinheiro enterrado. “As moedas eram tudo igual, tudo era patacão de prata”. Valia muito! Muito, mas não valia mais do que os causos que ficaram para serem contados porque, ao final, o que fica são apenas as histórias...

4.2 O CAPÃO DE JABUTICABA

Os causos são muitos. Mas no Tope, na Restinga ou Terra do Divino, denominem vocês como acharem melhor, nenhum lugar foi, nem continua sendo mais famoso do que o Capão de Jabuticaba. Esse é um mistério. E é famoso! Fica também bem no alto de uma vasta coxilha. Não sei se aquelas árvores foram plantadas por alguém, ou se nasceram assim, todas juntas, como numa obra de Deus. Fato é que muitas pessoas de longe já visitaram a nossa localidade, ao menos alguma vez, pelas frutas do capão. E que baita capão! Ali por perto moravam alguns caboclos, de famílias conhecidas. Porém, com o tempo, a terra foi sendo de um dono só. Todos os anos, as árvores são alugadas bem próximo ao Dia de Finados. Quem “compra” uma árvore, traz amigos, vizinhos, conhecidos... a família inteira, às vezes. E tem fruta em abundância para todo mundo: frutas, histórias curiosas e causos de assombração, porque nem só das frutas vive o homem.

Contam também, (e isso é coisa de pouco tempo) que certo dia, um visitante do capão foi mal logrado pela sorte. Estando já sobre a árvore, tentou pular de uma jabuticabeira para a outra, e acabou caindo de altura significativa. Não deu outra: morreu na hora. Dizem que depois – isso ocorreu logo após a morte – as duas árvores foram secando, secando, e estão lá ainda, caídas, como a sugerir que morreram junto com o pobre homem. É certo, também, que nem só de morte morrida alguns homens se foram por lá. Mas, já que me contaram, e pediram segredo, deixemos para um outro momento.

Para outro momento teve de ficar a procura por um cachorro, perdido por uns caçadores de antigamente. E vocês nem imaginam o porquê. Essa história é mais ou menos assim: embrenharam-se, certa noite, pelo mato do Capão de Jabuticaba, uns caçadores muito habilidosos na arte de caçar tatu. Quem tem experiência na atividade, sabe muito bem que alguns homens carregam consigo os seus melhores cachorros. E perder um bom animal, “tatuzeiro”, é sempre uma lástima. Pois bem, foi quase! É fato que um dos melhores cachorros dos ditos caçadores encontrou uma toca de tatu, e lá se foi buraco adentro, na

esperança de pegar a sua presa. Quando isso aconteceu, quem estava próximo correu para junto da toca, a fim de caçar o bicho que seria trazido pelo cão. No entanto, o buraco parecia fundo. Tão fundo que o pobre animal entrou e logo desapareceu. Sumiu e não voltava mais! Só se ouvia o latido, que parecia cada vez mais distante. Nisso se ajuntaram os outros caçadores e nada, nem de um, nem do outro.

O tempo foi passando, e a preocupação do dono do pobre animal foi aumentando. Tudo ficou num silêncio na noite adentro. Nem caniço, nem nada dos outros bichos que se aquietaram por ali, ao redor da grande toca, como a dizer que algo de estranho estava acontecendo. Desacorçoados, depois de esperarem um par de horas, os envolvidos decidiram deixar o lugar, para voltar no outro dia. E foi isso que fizeram, mesmo contra vontade. Na manhã seguinte, eles, os homens que não eram dali, retornaram e decidiram pedir ajuda aos moradores do lugar. Se juntaram uns quantos a “mode” ajudar na lida. Foram todos para lá, levaram pá, enxadão e lanterna. Afinal de contas, o buraco do tatu parecia bem mais fundo do que se poderia imaginar. Cavaram, cavaram e cavaram, até que conseguiram abrir um buraco bem maior, por onde já um dos homens pudesse adentrar e ver se enxergava alguma coisa lá no fundo. Nisso um deles, o menor, enfiou-se buraco adentro, e o que viu, e contou aos demais, só não gerou desconfiança porque era ele um vivente muito respeitado...

Lá embaixo, depois de uns quantos metros, o buraco se abria e existia uma espécie de gruta sem um fim visível, pelo que se podia ver com a pouca luz da lanterna. O explorador ficou com medo, desistiu de procurar o cachorro, e gritou que o puxassem logo para cima. Era assombroso que nem tatu, nem cachorro se visse ali por baixo. Mas, antes que algo sobrenatural lhe ocorresse, voltou e contou aos demais o que viu, deixando a todos de boca aberta. Ao final, desistiram todos da caçada do cachorro e do tatu.

Desde então, todos os caçadores das redondezas souberam, porque a conversa correu de boca em boca, que ali no Capão tem de tomar cuidado com as tocas de tatu. Não só os caçadores, mas os outros todos que lá vão. Eu bem que pedi ao meu irmão, certa feita, para me levar até a dita toca. A curiosidade é inerente ao ser humano, ouvi certa vez. E também tem outra: nos finais de semana, eu vivo pelos matos, próximos à casa dos meus pais na esperança de ver, enxergar, ou encontrar algum vestígio de tempos passados. Podem me chamar de louco. Mas, queria ir lá ver se visualizo algo diferente, nem que seja para contar mais alguma história sobre o Capão de Jabuticaba e o Tope.

Essas são algumas das histórias sobrenaturais que rondam o nosso lugar, desde há muito tempo. E tem outras. Muitas mais, diriam alguns homens da região. “Tem aquela dos caçadores de tatu que viram umas quantas árvores, num dia quase claro, revirando-se todas,

como se estivesse acontecendo um vento forte”. Há também “aquela dos homens que encontraram uma criança recém-nascida, a quem pegaram no colo, tiraram da beira da estrada, e logo, sumiu”. Mas, não vou contar tudo. Muita coisa fica guardada na imaginação de uns, de outros e ainda de tantos. Quem sabe um dia eu conte... Por ora, paro por aqui.

E as histórias que envolvem os indígenas, seus descendentes, e os escravizados da região? Elas não serão contadas? Bem! Para falar a verdade, devo dizer a vocês que me faltam elementos necessários para apresentá-las, por enquanto. De algum modo, por alguma razão em específico, foram também silenciadas pelas marcas do tempo, ou mesmo pelas memórias daqueles que me contaram algumas outras narrativas. Em Marau, no tempo em que começaram a chegar novos moradores, existiu um cacique de nome Marau, que entrou em combate e acabou sendo morto por estes. Mas, será que foi apenas lá, próximo à comunidade de São Luiz da Mortandade? Ou será que em outros locais, a exemplo do Tope, também existiram embates entre os chegados e os pertencentes a etnias indígenas? Os anciãos com os quais conversei não mencionavam o fato de que existiram indígenas no local. No entanto, muitas das narrativas que persistem até hoje, a exemplo da aparição de bolas de fogo e outros eventos, têm raízes em culturas indígenas. Além disso, mesmo sem ter uma percepção a respeito, outros elementos da cultura local têm remanescentes nos costumes desses primeiros habitantes, tais como a prática das queimadas para a preparação das rocinhas, ou renovação dos campos, as quais já mencionei.

Também, não me é possível, pelo menos por enquanto, tecer comentários sobre os escravizados. Existiram? Claro que sim! Não digo que aqui, no Tope, em número expressivo, mas é certo que, destes, também muitas histórias poderiam ser contadas. Talvez ainda não tenho (e nem alguns deles tenham) conhecimento sobre a existência de descendentes de negros escravizados na localidade. Isso ajudaria a contar um pouco a respeito dos mesmos. Mas, é necessário lembrar que Joaquim Antônio Portella de Menezes, o pai de minha avó Zulmira, conforme citado anteriormente, em 1884, fez parte de uma comissão de defesa das causas abolicionistas, representando o então distrito de Soledade. Naquele tempo, segundo informações bibliográficas³⁹, esse 6º Distrito, do qual o Tope fez parte também, contava com o número de 315 escravizados.

Devo lembrar a esta altura de minha narrativa que, como igualmente já mencionei, sou apenas o estafeta do correio, aquele que traz cartas, bilhetes, recados, memórias que me foram

³⁹ BATISTELLA, Alessandro. Fragmentos da história dos Afro-descendentes em Passo Fundo/RS. *Fronteiras: Revista de História*, vol. 19, núm. 34, julho-diciembre, 2017, pp. 353-372. Universidade Federal da Grande Dourados

apresentadas. Assim, são estas memórias que consigo entregar. Oxalá, mais adiante, possa apresentar a vocês, leitores, outras e ainda mais significativas histórias. Aquilo que coube na minha mala, trouxe comigo e contei a vocês. Não são enciclopédias, são apenas cartas. Numa próxima viagem, mais notícias poderão chegar. Por ora, repito, estou apenas começando.

4.3 O TOPE HOJE: O QUE RESTOU DISSO TUDO?

Olhem lá! Estão vendo no alto daquela coxilha? Ali é o Tope. Quem diria que aquelas poucas casas são parte do local que, um dia, começou a ser preparado para ser povoado. Não sei se houve “estagnação depois de 1916”, quando perdemos o direito de ser a sede do então 5º Distrito de Passo Fundo. Depende muito do que vocês pensam sobre o termo “estagnação”. Para alguns, “evolução”, para outros “paramos no tempo”. Será? O fato é que estamos lá para contar uma história, a nossa. E, como já fiz em outros momentos desta escrita, agora reafirmo: essa não é qualquer narrativa. Essa é a minha narrativa, que se juntou a outras vozes, para resgatar nomes, sentimentos, vivências e memórias.



Figura 39: vista atual do Tope.

Lá em cima, de onde se pode avistar um grande horizonte, vocês veem uma construção nova, onde mora uma das famílias que descende de Pierre Aguerre. O dono da casa ainda sabe

fazer charque, herança de seus antepassados. Já a edificação branca, imponente, em estilo colonial, foi palco de tantos acontecimentos, berço de muitos nascimentos, que nem poderia descrever aqui. Se fosse possível, isso renderia outro livro. Quem sabe um dia, continue a escrever sobre aquela habitação. No seu lado esquerdo, há a capela e o salão paroquial. Logo adiante, na mesma direção, está a casa de um dos bisnetos do velho professor Manoel: um grande amigo do meu irmão, companheiro de caçadas, de rodeios, de campeiradas...

Próximo à morada do bisneto, local onde foi um dia a escola, a casa do professor e também a de seu filho, há a residência de um neto do Maneco Schell. Ele é casado, há cerca de cinquenta anos, com uma neta do estafeta do correio, aquele que levava a cavalo, debaixo de sol e chuva, as correspondências entre Soledade e Passo Fundo; este, por sua vez, era também casado com uma descendente de imigrantes alemães e de indígenas. Foi ele, o estafeta, quem possivelmente tenha levado a carta da Santa ao Pedro Carreiro, que estava em Cruz Alta, e que foi ditada ao educador da comunidade. Aliás, quantas cartas não terá escrito o Velho Maneco em nome dos da terra, daqueles que não sabiam escrever? Vejam só!

Do outro lado da estrada, reside mais um descendente dos Aguirre com sua família. Próximo a esta casa, há o antigo colégio, fechado há muito tempo, e que por fim levou o nome do professor. E desse modo seguimos pela estrada, a antiga estrada do Tope, a mesma que outrora viu passar tantas tropas de gado, cavalares e muares, mercadores e gente de todo lado...

Assim como eu, penso que muitos moradores ficam imaginando como seria o lugar hoje, se a sede do 5º Distrito tivesse permanecido aqui, se tivesse “se desenvolvido” enquanto povoado. Também outros tantos imaginam uma grande cidade (apesar de não termos um rio). Talvez a vida fosse mais fácil, os jovens não precisariam sair de suas casas paternas e tomar novos rumos – alguns para fazer o exercício de regresso somente de vez em quando, e outros “nunca” mais retornando. Também, quem sabe alguns dos mais velhos não decidissem eles também partir, quando resolvessem vender suas pequenas propriedades e se mudarem para outras querências.

É triste ver as moradas de amigos e conhecidos se tornarem taperas. Vocês param ali, e acolá, e ficam imaginando a vida daquela família, as crianças que cresceram, os velhos que morreram, os acontecimentos mais íntimos, às vezes indescritíveis. Observam uma laranjeira que sobrou, um resto de mangueira, ou até a casa abandonada. Em muitos casos, ainda há flores, algum colorido em meio ao mato que vai crescendo, marcando a passagem do tempo. Porém – mesmo os que se foram – todos são do Tope, e continuam sendo daqui. Há um sentimento de pertencimento que nos une, indiscutivelmente: “eu nasci lá”, “minha família

toda nasceu lá”, “quero voltar para lá, quando morrer”, “minhas raízes estão lá”, “não quero nunca sair daqui”, “nada como o lugar da gente”, e assim por diante.

No entanto, se hoje fosse aqui uma grande cidade, é bem possível que o lugar perderia ainda mais a sua essência. Ou teria outra? As pessoas neste chão se cumprimentam, visitam-se, muitos são compadres, outros tantos companheiros de caçadas, familiares próximos ou distantes. Há algumas brigas? Claro que há. Não seria o Tope se não fosse assim, sejamos honestos. E são muitas as narrativas neste sentido, mas não me dou o direito de contá-las, se é que me entendem.

Nas festas, assim como nos velórios, acabamos reencontrando muitas pessoas que são conhecidas, que um dia moraram por estas terras. Aí não é difícil perceber, pelas conversas, que “fulana casou com ciclano”, que “aquela namorou com beltrano”, e estão de alguma forma ligados aos mesmos antepassados, por exemplo. As marcas do tempo também estão visíveis nestes descendentes que deixaram o Tope. Alguns dizem que a cidade lhes foi boa, e pode ser bem verdade. Outros, no entanto, sabe-se que nunca se acostumaram de fato com aquele novo modo de viver. Alguns tantos, ainda, certamente regressariam à vida no campo, se lhes fosse possível.

Às vezes, fico tentando imaginar aquilo que pensaram os primeiros habitantes do povoado. O Salustiano, por exemplo, que doou uma quadra de terra para a construção da sede, o Pedro Aguirre, o Alexandre Reveilleau, o Rodolpho Becker, o Manoel Joaquim de Carvalho, o Alípio Soares, o Manoel Schell, e as mulheres que nem sempre são citadas, mas que fizeram, e continuam a fazer parte desta história: o que desejavam? E os filhos dos indígenas, das indígenas, os descendentes de escravizados, os sofredores da terra, os peões das fazendas, os carreteiros, os tropeiros? O que pensavam que seria este lugar?

Não há mais a cancha de carreira como antigamente. Por ora, não é mais possível fazer apostas. E nem o campo de futebol pode ser preparado para receber times das redondezas, (ou ainda pode?) que vinham junto com as famílias, em cima de caminhões atulhados de gente, para todo aquele divertimento. Tampouco há encontros só para as mulheres de clubes de mães, os quais se tornaram tão comuns em todas as localidades vizinhas pelos idos de 1990. O clube do Tope se denomina Rosário de Maria, e tinha uma participação significativa das agricultoras que se reuniam para jogar bolãozinho, para rezar, confraternizar...

Da mesma forma, não há mais os salões de baile privados, onde muitos casais se formaram, uniram-se para dançar a mesma música, na mesma melodia, por anos adentro. Em compensação, a música continua, e não vai parar até que estes ou aqueles pares continuem a

ter no mundo seus filhos, netos, bisnetos, tataranetos. A melodia permanece, mesmo que seja nas lembranças daqueles tempos felizes, em que nem se davam por conta de tal felicidade.

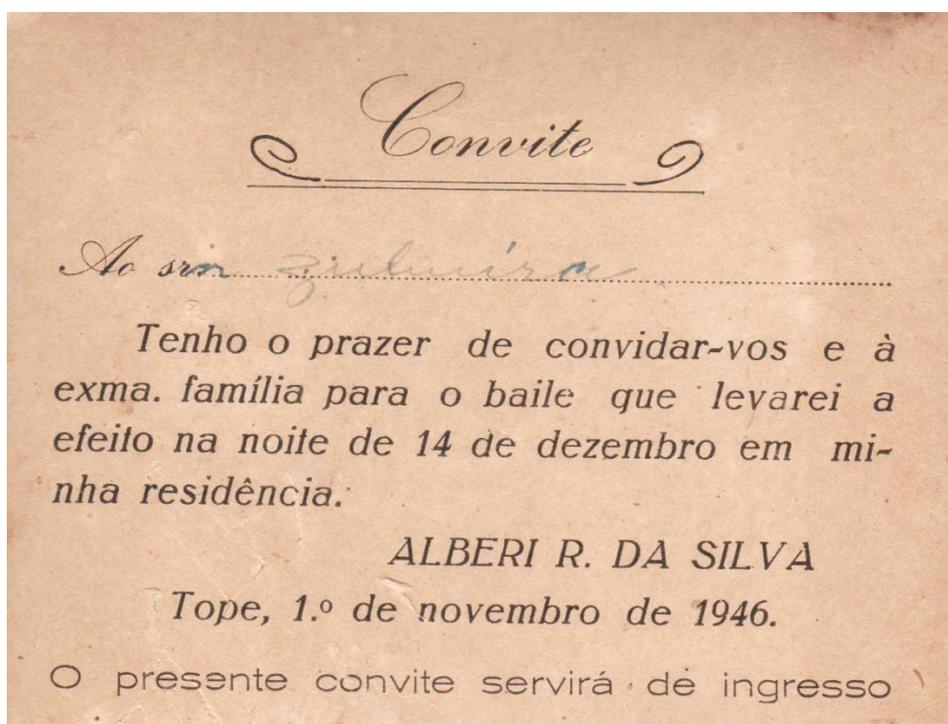


Figura 40: convite para baile no Tope



Figura 41: músicos desconhecidos, possivelmente em festa na região do Tope.

O transporte escolar passa para levar poucas crianças à Escola Municipal de Ensino Fundamental Ernesto Dornelles, de Veado Pardo, no interior de Marau. E algumas poucas às escolas da cidade. Isso vem acontecendo já há muitos anos, quando as escolas foram nucleadas e, desde então, meu pai começou a fazer o transporte escolar, inicialmente com a nossa velha veraneio; depois com um ônibus também velho. Outras crianças ainda são enviadas à Escola Estadual de Ensino Médio Nicolau Vergueiro, onde estudei durante toda a Educação Básica. Os tempos mudaram, e talvez daqui alguns anos seja ainda mais reduzido o número crianças e jovens no velho Tope.

Aqui ainda se veem homens que usam e sempre usaram bombacha. Se vê a lida com gado e alguns rodeios na antiga fazenda. Algum puxirão (mutirão), com a ajuda de vizinhos, como ocorria frequentemente, quando alguém precisava preparar a sua roça, ou fazer a colheita de algum produto da terra, e muitos vinham ajudar. Ainda há, igualmente, a distribuição de carne fresca, quando se carneia algum bicho, para os vizinhos próximos. Isso tudo, se o Tope tivesse se tornando uma grande cidade, certamente não mais existiria. É bem provável que as pessoas, aos poucos, perdessem a noção de quem seriam todos os seus vizinhos.

Por outro lado, a escola continuaria aqui e traria vida. Eu não sei se é por que sou professor, mas gosto de dizer que uma escola aberta é a alma da comunidade. O colégio fechou, se foram os alunos, as professoras foram remanejadas ou aposentadas. E os bancos escolares deixaram, depois de tantos anos, de receber os filhos da terra para a instrução. Muita coisa mudou!

Uma grande parte das terras do Tope não pertence mais às famílias do lugar. Formaram-se grandes propriedades da soma das pequenas, (algumas delas já existiam), adquiridas por famílias que residem na cidade, ou em outras localidades. Em meio a essas expressivas áreas de terra, vivem os moradores, alguns dos quais trabalham para os grandes proprietários. É imprescindível dizer que tudo, ou boa parte, transformou-se em plantação de soja. Ou seja, mudou-se muito da geografia original. Por conta disso, há silos de armazenagem de grãos nas proximidades, e também algumas olarias, onde igualmente moradores e habitantes de localidades vizinhas trabalham.

Mas se vocês forem ao Tope, um pouco ali adiante da bodega do João, no sentido de quem vai a Nicolau Vergueiro, já depois da divisa e próximo à comunidade de Ipiranga, poderão avistar um pequeno e limpo campo. Naquele espaço, a propriedade da minha família, que se negou a lavrar as partes de campo ao invés de plantar soja, poderão ter um demonstrativo do verde que cobria as coxilhas do Tope nos tempos de outrora. Meu pai

continua preservando esse campinho, e em todos os verões, eu e meu irmão ainda o ajudamos na limpeza dos inços, a fim de que seja mantido limpo e preservado aquele pedaço de chão que conta muito da nossa história familiar.

Quais são as outras marcas do tempo, daquilo que ficou? Acredito que posso citar a linguagem, uma linguagem talvez própria, e produto das variadas manifestações culturais que fizeram parte da formação da localidade, especialmente visível na narração dos causos. Talvez um modo de falar não caipira, mas campesino; menos polido, porém, não sem educação e respeito. Isso é algo muito característico daqui, e pode ser visualizado já nos registros do velho professor, que resgatei e transcrevi, e os quais apresentam uma oscilação entre a norma culta e o falar do povo. Nem tudo morre, nem tudo está apagado.

Se vocês forem ao cemitério, continuarão a encontrar túmulos e lápides muito antigas, alguns com nomes de gente que quase ninguém lembra. Dizem que se quisermos conhecer um pouco a história de determinado lugar, devemos ir aos cemitérios. E é verdade! Muitos dos sobrenomes citados, ou transcritos ao longo desse texto, estão registrados ali, assim como as datas de seus nascimentos e mortes. Estão estes também, do mesmo modo, esquecidos pelo tempo e por seus próprios descendentes. É certo que o cemitério continuará a receber os filhos da terra. Um bom número desses filhos foram para outros lugares, visualizaram horizontes; entretanto, não abrem mão de serem sepultados no velho campo santo.

Do outro lado da estrada, ainda está a bodega do Seu João, que eu já citei uma meia dúzia de vezes nessa escrita, e que foi modernizado com o nome de “Bar Gomes”. Entendo a ideia dele, mas para mim continuará sendo e para sempre será a Bodega do João, onde meu irmão se criou, assistindo aos jogos de baralho e estando ao redor de uma roda de causo, junto aos seus melhores amigos. Ali também um tio meu, materno, esteve muitas vezes bebendo. Inclusive, numa dessas andanças, ele esqueceu minha petiça, e foi embora a pé, cambaleando. Depois, meu pai teve de ir buscar o pobre animal. Mas, conto esse causo unicamente porque onde há bodega, tem de haver ao menos um causo de bêbado... se bem que existem muitos causos desses, e tantos outros.

Eu mesmo deveria ter sido mais esperto e participado desses momentos no “bar” do João. Quem sabe quantas histórias não teria ouvido? Porém, sempre preferi ficar mais em casa, muitas vezes fechado no quarto, lendo algum livro, alguma anotação ou carta velha., na busca por montar um quebra-cabeça cujas peças todas não encontrarei tão fácil. Bem! Se não fosse assim, talvez eu não estaria agora escrevendo esse texto que lhes apresento. E narrando, com a maior honestidade que me ocorre, justamente sobre essas personagens reais, e algumas

imaginárias, que perpassaram os caminhos deste rincão. São escolhas da vida que a gente decide viver.

O Tope continua vivo, pelos descendentes dos que aqui ficaram, pelas memórias que são transmitidas nos seus causos, contados nos mais variados lugares, tal como incentivado pelo professor Manoel; assim fez comigo a minha vó Zulmira, apresentando-me as histórias da minha gente, que agora posso manter ainda mais vivas por meio da minha escrita.

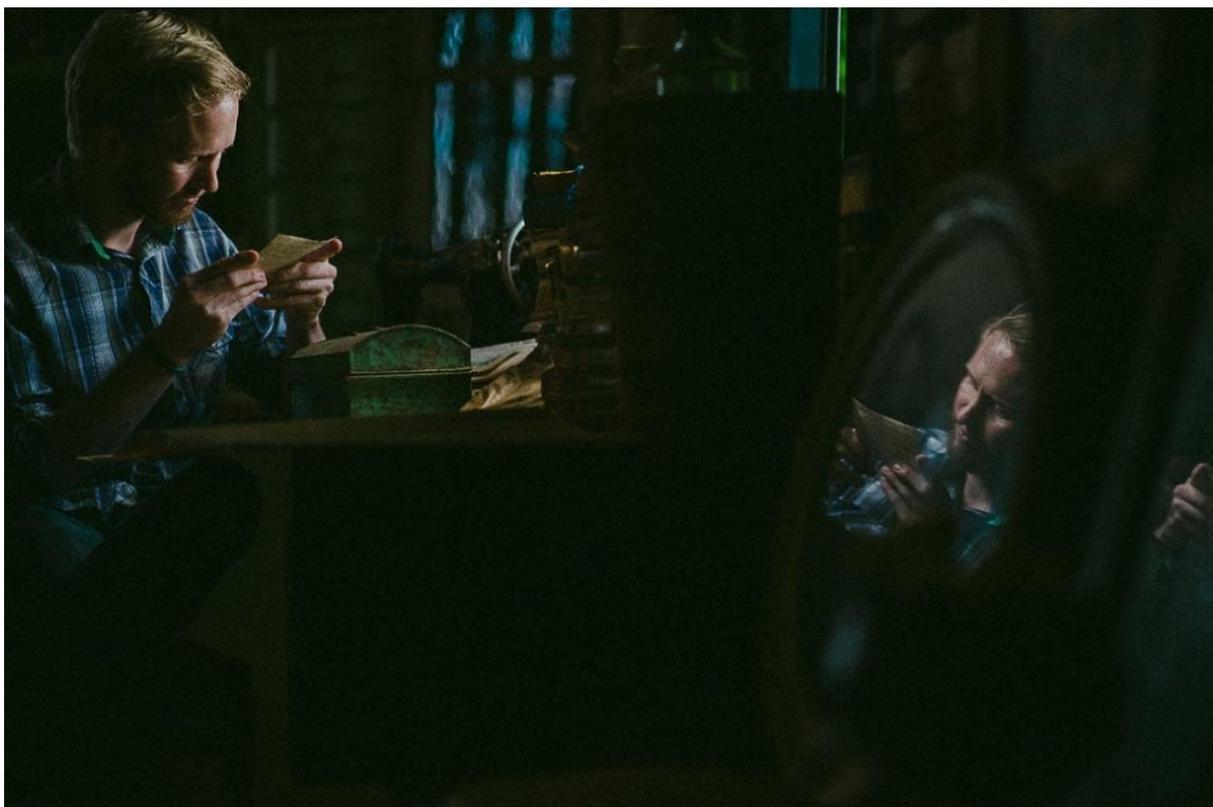


Figura 42: registro artístico da leitura de uma carta do passado.

5. OUVIR, REGISTRAR E LER: O PASSADO PARA CONTAR E AS REFLEXÕES DE UM PROFESSOR

Agora volto-me ao objetivo principal de minha escrita: registrar histórias do Tope, aquelas que apreendi por escritos, vozes e objetos, e torná-las conhecidas, para engrandecer a minha terra, fazendo-as chegar aos meus conterrâneos, amigos, e a todos que se interessam por este antigo e pequeno rincão, repleto de histórias e causos. Era necessário realizar este esforço de anotações de saberes, vivências, nomes, datas, lugares, acontecimentos e narrativas, a fim de que conseguisse manter vivas estas memórias – posto que a maioria das pessoas que as viveram já faleceram – e aptas a serem visitadas pelas gerações futuras de habitantes desta terra, e de outras. De alguns fatos, todavia, eu também fui testemunha ocular, e por isso, as minhas impressões fazem parte deste memorial.

Do ponto de vista da pesquisa, enquanto professor e contador de histórias, ocupei-me de fazerem convergir para este texto, da melhor forma que me foi possível, três fontes primárias. Assim, utilizei-me da transcrição de trechos de documentos, especialmente aqueles que pertenceram ao professor Manoel, das histórias orais que me foram contadas, com ênfase naquelas transmitidas através de minha avó e por suas amigas e, por fim, por meio dos objetos antigos, que trazem em si elementos demonstrativos de seus passados e usos, os quais me foram doados por famílias daqui, e que passei a guardar em um acervo.

Para tornar possível a união destas fontes, também lancei mão da imaginação, e de pesquisa em estudos históricos, buscando comparar narrativas e dados que chegaram até mim. Esta confrontação de informações possibilitou-me nortear horizontes das percepções que tive para tratar do passado da localidade, bem como para escrever. Procurei, com o passar do tempo, entender que algumas situações narrativas não me foram transmitidas. Nesse sentido, busquei novamente na imaginação, e numa tentativa de ficção verossímil, dar voz a tais realidades anteriormente silenciadas. Ao mesmo tempo, propus-me a valorizar todas as informações que me chegavam, sem estabelecer julgamentos de valor a seu respeito.

Em todo o caso, minha escrita, minhas memórias, e aquelas que me foram repassadas, são fruto de uma memória coletiva⁴⁰. Por isso mesmo, a voz de quem lhes fala se juntou a muitas outras que falaram antes, com o mesmo desejo que estas lembranças fossem guardadas de algum modo, com a nossa cara, com o nosso jeito de dizer, de contar e recontar. Além disso, com saberes que nos são comuns no Tope. Pude contá-las porque pertenço a este lugar,

⁴⁰ HALBWACHS, Maurice. *Memoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968. 228p.

e compartilho de muitos de seus saberes e formas de ver: formamos, na verdade, uma mesma consciência, e partilhamos de uma mesma memória comunitária, embora alguns indivíduos possuam acesso à fatos mais anteriores que os demais habitantes. Esta memória da comunidade é para mim, e para muitos outros, uma herança viva daqui, da nossa gente.

Ao ingressar no doutorado em Letras, ainda em 2017, meu projeto de escrita envolvia os *Contos Gauchescos* (1912), de Simões Lopes Neto. Por algum período insisti nesse projeto, ao mesmo tempo em que sentia que ainda não era essa a pesquisa que necessitava desenvolver. Os semestres passaram e minhas escritas sobre o Tope permaneciam guardadas numa gaveta. Volta e meia essa gaveta da memória era remexida, porque um outro objetivo seria o de retomar os textos, após a finalização do curso de doutorado na UFRGS. No entanto, inicialmente achava que essa era uma história para depois. Um desejo antigo, que tinha se tornado promessa e dever, tendo em vista todas as narrativas que venho colecionando, que mais tarde poderia se tornar realidade.

Mas, havia dúvida de que este tema pudesse servir como matéria para uma tese de doutorado e qual seria a melhor maneira de escrevê-la. Ora, com base na mesma fundamentação da memória coletiva, a escrita sobre este tema se mostrava possível, e científica. Isso, pelo fato de reunir, ainda que com o uso da imaginação em alguns pontos, saberes e histórias locais, que compõem a realidade do Tope hoje e de outras épocas, conforme entendida pelos seus próprios habitantes, e ainda outros povoados pequenos do interior gaúcho, com características similares.

Não lhes parece curioso que um jovem professor, depois de quase um século, tenha em mãos pertences e escritas do primeiro professor de sua comunidade e com isso deseje ele também fazer os seus registros? Pois é! Senti-me na obrigação de compartilhar com todos os interessados aquilo que venho descobrindo. E falar sobre a minha comunidade, através dessa escrita, tornou-se um grande objetivo. No entanto, não foi nenhum pouco fácil, por motivos dos mais variados e que agora não vêm ao caso.

Se não tivesse escrito este texto, continuaria pesquisando depois, assim como reunindo documentos, objetos, itens dos mais variados que me ajudariam a contar um pouco da história do meu povo. É fato que qualquer pessoa ligada ao Tope poderia contar essa história, que não é só minha. Até porque, ninguém é o único dono da história de uma localidade, apesar de as vivências e trajetórias serem únicas. Nesse sentido, vocês poderiam levantar muito mais dados, encontrar vestígios que eu jamais conseguiria descobrir, mas não consegue-se voltar no tempo, pegar um gravador de fita cassete à pilha, gravar conversas com antigos habitantes, que já morreram há 10 anos, e ouvir-lhes contar sobre o Tope.

Também não é possível que estejam presentes em momentos de outrora, que resgatem itens que ajudam a contar sobre algumas famílias. Entendem o que eu quero dizer? Se essa história não me pertence na sua totalidade, ao menos faço parte dela, e não há como dissociar-me mais, porque ela está impregnada em mim. Vocês não poderão conversar com Seu Rodolfo, com Dona Amélia, com Dona Joana ou Dona Zulmira. Eu fiz isso! Talvez não tenha mérito algum em ter vivenciado essas circunstâncias. No entanto, não há como me roubar essa vivência, ou menosprezar o seu conteúdo.

Vejam os materiais que restaram do Velho Maneco Schell: poderiam ter chegado às mãos de muitas pessoas, e muitos outros postos fora, como de fato poderá ter acontecido. Porém, por bondade e precaução de seus descendentes, por conhecerem a minha trajetória, por pensarem talvez que eu pudesse, um dia, estar escrevendo exatamente esse texto: suas escritas vieram parar justamente nas minhas mãos. Seria o destino? Uma questão de sorte? Uma energia para a qual fui atraído? Não sei! O que sei é que me sinto honrado em escrever sobre esse lugar e personagens. Registro estas memórias a partir de quem sou, do lugar que ocupo no Tope, e do ponto de vista que me é possível neste contexto, como membro da comunidade.

Em meus registros, como já mencionado anteriormente, busquei expor as memórias do Tope de forma verossímil, com suas boas e más características. Inclusive, buscando dar voz a narrativas que antes não eram ouvidas. Foi necessário, como educador, fazer alguma justiça a vozes anteriormente silenciadas, dando-se a oportunidade a vocês, leitores, de um mínimo de conhecimento a respeito destas e de suas realidades. Ao mesmo tempo, tomei o cuidado para narrar aquilo que entendi eticamente correto. Lembrem-se da expressão “deixem os paz os nossos mortos”? Pois bem! Na medida do possível, já que a todo momento falei do lugar que me viu crescer, procurei ter como base a cautela e a prudência, a fim de não ofender nenhum dos meus conterrâneos e, tampouco, seus antepassados.

E então, quem é o professor Josué Rodrigues Frizon? Quem foi o professor Manoel de Araújo Schell? E quem foi Zulmira Portella de Menezes? O que eles têm em comum, e por qual motivo suas vidas, mesmo com quase um século de diferença, cruzaram-se? O Tope é o elo que mais fortemente nos une, certamente. Entretanto, não é só isso! Eis aqui um pouco da história de vida de um professor, seu povoado e aquilo que resolveu contar, em diários fragmentados até 1922, ano de sua morte. E esse também é um pouco de minha história de vida e daquilo que decidi contar, deixar registrado, para que saibam sempre do meu amor por este chão. Aliás, tal sentimento está intimamente ligado à relação entre Josué e Zulmira, uma moça que decidiu não casar, viver sozinha quase até o final de sua vida, mas que o escolheu

como neto, e talvez nele tenha depositado as suas esperanças de que um dia essa história fosse contada.

Agora, por fim, volto-me para o objetivo inicial da minha caminhada: encontrar-me com Zulmira Portella de Menezes, através de minha escrita. Por muito tempo, quis contar a história dela, quer dizer, aquilo que eu sabia e sei sobre ela—que é e continua sendo muito pouco. Mas, acredito que a vida tem desses caminhos que nos levam a outros, nem sempre inicialmente vislumbrados. Se a vida pode ser comparada a uma Biblioteca de Babel⁴¹, leitura que fiz há alguns anos da obra de Borges, é possível que eu tenha realizado uma escolha que, nesse momento, leva-me a refletir também a respeito de minha própria trajetória de vida no Tope.

Se eu pudesse reencontrar todas as três, Zulmira, Joana e Amélia, numa roda de chimarrão, gostaria de agradecer por me permitirem dar voz às suas memórias. Sem elas, dificilmente teria composto esse manuscrito. Graças a elas, e também a outros, o Tope continuará a ser conhecido e reconhecido quanto à sua importância histórica e cultural. Não só isso, gostaria ainda de reencontrar o velho professor Maneco e dizer-lhe que suas escritas e leituras foram resgatadas. Agora não se perderão no tempo, tanto quanto a sua trajetória de vida. Estamos, finalmente, todos nós, eu, eles e vocês, sentados ao redor da mesma mesa. Nossos caminhos entrelaçaram-se e partilhamos da mesma narrativa: o Tope. Essa é a história que hoje lhes apresentamos. Estas são as notícias que trago de outrora: abram e leiam.

⁴¹ Conto do escritor argentino Jorge Luis Borges.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANNES, Marina Xavier e Oliveira. *Johann Adam Schell e sua descendência*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1980. 85 p.

ARQUIDIOCESE DE PASSO FUNDO. Disponível em: <<http://www.arquidiocesedepassofundo.com.br/site/node/22>>. Acesso em 22 de maio 2017.

BATISTELLA, Alessandro. *Fragments da história dos Afro-descendentes em Passo Fundo/RS*. Fronteiras: Revista de História, vol. 19, núm. 34, julio-diciembre, 2017, pp. 353-372. Universidade Federal da Grande Dourados

BERNARDI, Francisco. *Marau- Cem fatos que marcaram seu centenário político*. Passo Fundo: Editora e Gráfica Berthier, 2016.

BEVILACQUA, Cleci Regina. Sobre letras, textos, tessituras e outras histórias. In: SIMÕES, Luciene Juliano; FISCHER, Luís Augusto; ENDRUWEIT, Magali Lopes. *O que eu quero dizer é o seguinte*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018, p. 205.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

CORBIN, Alain. *Le Monde Retrouvé de Louis-François Pinagot Sur Les Traces D`um Inconnu 1789-1876*, (2008).

D'OSOGIYAN, Fernando. *O ritual do Ajere tem como fundamento principal a disputa entre Yánsán e Şàngó pelo dom do uso do fogo*. Disponível em: <<https://ocandomble.com/2015/08/31/ajere-oya-e-%E1%B9%A3ango-na-disputa-pelo-inon/>>. Acesso em: 11 mai 2022.

FERREIRA, Mariluci Melo. *A trajetória política de Prestes Guimarães*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998. 70 p.

HALBWACHS, Maurice. *Memoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968. 228p.

IBGE – SENSO 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/soledade/historico>>. Acesso: 17 jun. 2017. Jornal Nossa Cidade, Out de 2005.

KUJAWA, Henrique Aniceto. *Movimento dos Monges Barbudos: representações e resignificações do Monge João Maria como processo identitário da cultura cabocla*. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2012v19n28p151>>. Acesso em: 11 mai 2022.

OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. *O elemento estrangeiro no povoamento de Passo Fundo*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1957.

_____. *Passo Fundo na Viação Nacional*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1957.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RÜCKERT, Aldomar Arnaldo. *A construção tardia do território no norte do Rio Grande do Sul – o caso do antigo Município de Passo Fundo*. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38620/26352>>. Acesso em 11 mai 2022.

SOUZA, Marina de Mello. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de rei congo*. Ed. UFMG, 2001.

WIESEMANN, Ursula Gojtéj. *Dicionário Kaingang – Português*. 2. Ed. Disponível em: <<https://www.sil.org/resources/archives/42876>>. Acesso em: 07 mai 2022.